

SERGEL

SEMINÁRIO REGIONAL DE GEOSOCIOLINGÜÍSTICA

VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA:
AS NOVAS TENDÊNCIAS DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

CADERNO DE RESUMOS DO VII SERGEL

(Orgs.)

Abdelhak Razky

Alcides Fernandes de Lima

Marilucia Barros de Oliveira

Carlene Ferreira Nunes Salvador

Romário Duarte Sanches

Belém – PA



PROFLETRAS



SERGEL

SEMINÁRIO REGIONAL DE GEOSOCIOLINGÜÍSTICA

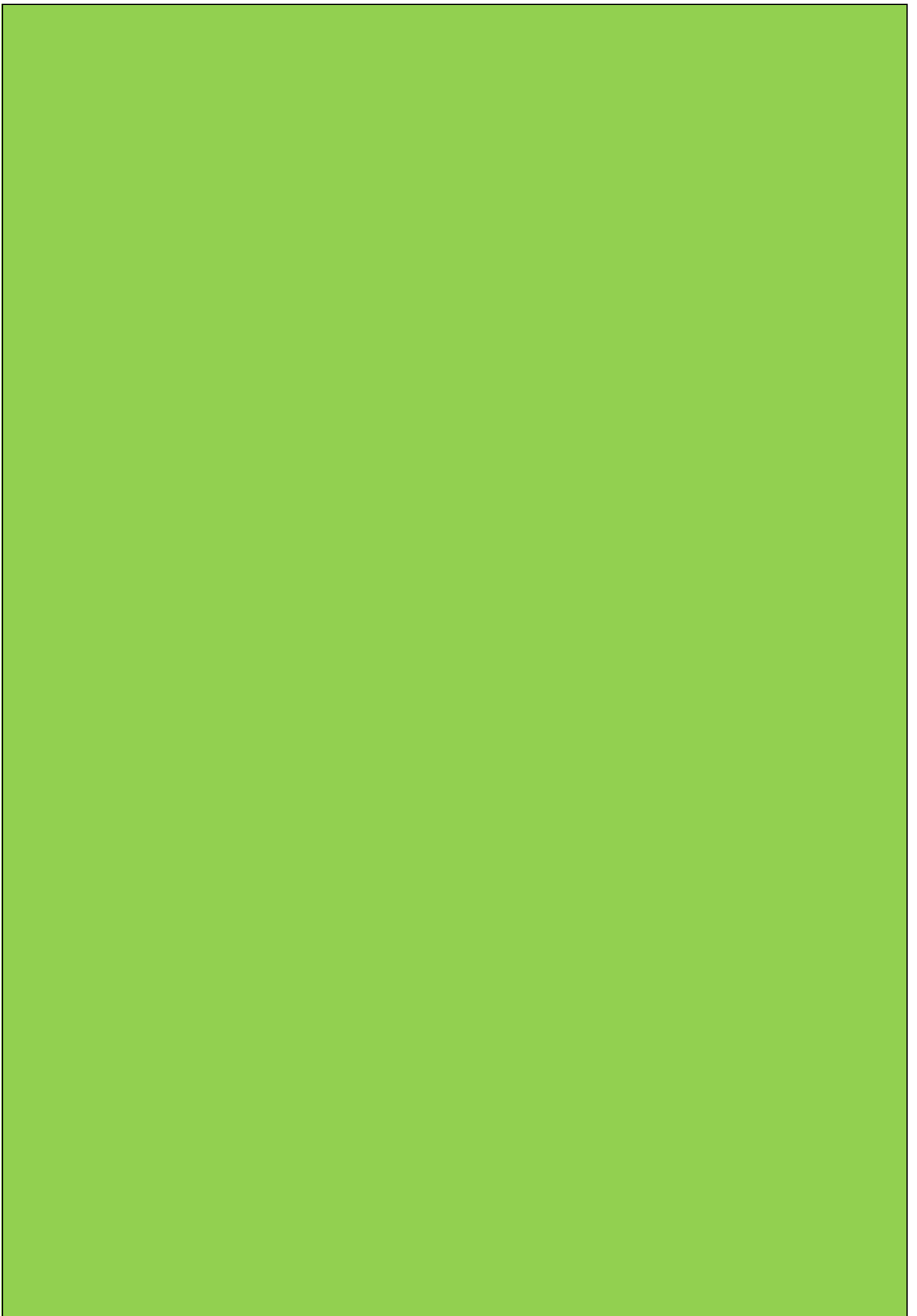
VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA:
AS NOVAS TENDÊNCIAS DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

CADERNO DE RESUMOS DO VII SERGEL



(Orgs.)
Abdelhak Razky
Alcides Fernandes de Lima
Marilucia Barros de Oliveira
Carlene Ferreira Nunes Salvador
Romário Duarte Sanches

Belém – PA
Novembro



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Seminário Regional de Geossociolinguística (7. 2017: Belém, PA. Caderno de Resumos do VII SERGEL – VII Seminário Regional de Geossociolinguística / RAZKY, Abdelhak (*et. al*). Belém: UFPA/Faculdade de Letras, 2017.

142 p.

Modo de acesso: www.geolinterm.com/sergel

Seminário realizado na Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto da Universidade Federal do Pará, no período de 22 a 24 de novembro de 2017.

ISBN - 978-85-64233-17-1

1. Dialetoлогия. 2. Sociolinguística. 3. Socioterminologia. 4. Ensino de línguas. 5. Educação indígena. 6. Fraseologia.



Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho – Reitor
Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva – Vice-Reitor

Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL
Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes – Coordenador
Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild – Vice-Coordenador

Coordenação Geral

Abdelhak Razky
Marilucia Barros de Oliveira
Alcides Fernandes de Lima

Comissão Organizadora

Carlene Ferreira Nunes Salvador
Celiane Sousa Costa
Eliane Oliveira da Costa
Flávia Helena da Silva Paz
Regis da Cunha Guedes
Rejane Umbelina Oliveira
Romário Duarte Sanches

Comissão Científica

Dr. Abdelhak Razky (UFPA)
Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)
Dr.^a Ana Paula Brandão (UFPA)
Dr.^a Ana Suely Arruda Câmara Cabral (UNB)
Dr.^a Carlene Ferreira Nunes Salvador (SEDUC)
Dr.^a Conceição Ramos (UFMA)
Dr.^a Ediene Pene Ferreira (UFOPA)
Dr.^a Eliete de Jesus Bararuá Solano (UEPA)
Dr.^a Gessiane Picanço (UFPA)
Dr.^a Isabel Cristina F. dos S. Rodrigues (UFPA)
Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)
Dr.^a Marcela Moura Torres Paim (UFBA)
Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)
Dr.^a Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UNB)
Dr.^a Maria Risoleta Silva Julião (UFPA)
Dr.^a Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
Dr.^a Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)
Dr. Valter Pereira Romano (UFLA)

Apoio

Alessandra Martins
Amanda Carolyne Pinheiro Silva
Amanda Costa de Carvalho
Ana Paula Tavares Magno
Anne Caroline Pamplona
Davi Pereira de Souza
Diego Coimbra dos Santos
Fábio Luidy de Oliveira Alves
Helen Coelho Costa
Izabel Maria Silva
Laura Gerlyne Pires Mell
Maria Doraci Guedes
Rodolfo Rodrigues da Cruz
Rodrigo Castro Rodrigues
Rosângela da Silva Oliveira
Simone Negrão de Freitas
Stella Trindade Moreira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
-------------------------------	-----------

PROGRAMAÇÃO	21
------------------------------	-----------

CONFERÊNCIAS	39
-------------------------------	-----------

Phraséologie et atlas linguistique. Salah Mejri (Paris-13/França).....	40
--	----

PALESTRAS	41
----------------------------	-----------

Sócio-história da Lusofonia e Diretrizes para um Ensino Inclusivo do Português. Dante Lucchesi (UFF/CNPq)	42
---	----

MESAS-REDONDAS	43
---------------------------------	-----------

Mesa-redonda 01: Interfaces do ALiB

Abdelhak Razky (UFPA/UnB) - A visibilidade nacional e internacional do ALiB: uma política de documentação e difusão do português brasileiro	44
---	----

Jacyra Andrade Mota (UFBA) - O ALiB e o conhecimento da realidade do português brasileiro	44
---	----

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA) - Sincronias da língua portuguesa exibidas nos dados do Projeto ALiB	44
--	----

Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA) e José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA) - O ALiB e o Ensino	45
---	----

Mesa-redonda 02: A Sociolinguística no Ensino de Línguas Estrangeiras: o Papel Social dos Cursos Livres e do Idiomas sem Fronteiras na UFPA.

Rosana Assef Faciola (UFPA)	
Myriam Crestian Chaves da Cunha (UFPA)	
Cristiane Marques Machado (UFPA)	
Rita de Cássia Paiva (UFPA)	
Reinhard Michael Eugen Arnegger (UFPA)	46

Mesa-redonda 03: Profletras em Perspectiva: avanços e desafios

Alcides Fernandes de Lima (UFPA)	47
--	----

Maria da Penha Casado Alves (UFRN) - Profletras: onde estamos e a memória de futuro	47
---	----

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA) - Quatro anos do Profletras/UFPA: situação atual e perspectivas	47
Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA) - A Disciplina <i>Elaboração de projetos e tecnologia educacional</i> e suas contribuições ao processo de formação dos mestrandos do Profletras (UFPA)	48
Iaci de Nazaré Silva (UFPA) - A produção acadêmica dos participantes do Profletras-UFPA nos cinco anos de existência do Curso	49

Mesa-redonda 05 - Léxico especializado e fraseologia 50

Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB) - AS DUAS CARAS DE UMA MESMA MOEDA: a competência fraseológica e a competência intercultural na Tradução de Eis e na Fraseodidática	50
Alcides Fernandes de Lima (UFPA) – Estudos sobre o léxico especializado no projeto GeoLinTerm.	50

MINICURSOS 51

<i>Bananeira que já deu cacho?</i> As expressões idiomáticas e seu significado metafórico e pragmático. Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB)	52
Políticas linguísticas para as Línguas Indígenas Brasileiras. Ana Suelly Arruda Cabral (UnB)	52
Introdução à Etnografia. Raquel da Silva Lopes (UFPA)	53
Semântica na dialetologia da língua portuguesa. Marcela Paim (UFBA)	53
Cartografia Linguística. Marcelo Pires Dias (UFPA) Regis José da Cunha Guedes (UFRA)	53

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS 54

01 Práticas educativas em comunidades tradicionais: leitura, ensino e oralidade

Zair Henrique Santos (UFOPA) Marília Fernanda Pereira Leite (UFOPA)	55
Escola Indígena 19 de abril: ensino pautado no diálogo entre os saberes tradicionais krahô (saberes MEHĩ) e os saberes escolares (saberes CUPÊ). Aurinete Silva Macedo (UFT)	55

Histórias em quadrinhos: turma do açai, uma análise na narrativa paraense. Jaqueline Mirian Muniz Bandeira Vitor da Silva Melo	56
Material didático em língua indígena Parkatêjê: um encontro cultural. Karina Figueiredo Gaya Francinete de Jesus Pantoja Quaresma	56
Era uma vez um boto... Camila Miranda Baia (UFOPA).....	57

02 Pesquisa-ação em Sociolinguística: vertentes e perspectivas

Regina Cruz (UFPA/CNPq)	58
Desvozeamento vocálico: o quê é? Como se faz? Giselda da Rocha Fagundes (UFPA)	58
Os padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos. Juliana de Amorim Marques (UFPA) Thaís da Silva Souza (UFPA)	59
A variação, na pódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade. Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)	59
Quando as palavras já formadas não nos bastam: investigação sobre o uso do neologismo em blogs maranhenses de cunho político. Renato Gomes dos Santos (UFMA)	60
Análise acústica e caracterização das vogais postônicas não finais /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/ do português falado em Belém (PA): um ensaio preliminar. José Alacid da Silva (UFPA)	61
Crenças, atitudes e revitalização linguística: o caso da comunidade Mundurukú do Amazonas. Celso Francês Júnior (UFPA)	61
Contribuições dos estudos de crenças e atitudes para compreender as variações linguísticas. Jacqueline Ortelan Maia Botassini (UEM)	62
Análise entoacional na Amazônia: um estudo acústico no português falado em Mocajuba (PA), Belém (PA) e Maués (AM). Maria Sebastiana da Silva Costa (UFPA) Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)	63

Nomes próprios e genéricos na identificação de personagens em narrativas infantis. Lorena Bischoff Trescastro (Faculdade Estácio de Belém)	63
Análise comparativa do português brasileiro falado em São Luís e Belém: uma abordagem geoprosódica. Brayna Conceição dos Santos Cardoso (UFPA) Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)	64
Estudo das vogais médias pretônicas do português falado na área urbana da cidade de Cametá/PA: caracterização acústica. Josivane do Carmo Campos Sousa (UFPA) Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)	65
Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade baixo/São José do Piauí. Iveuta de Abreu Lopes Valdisnéia Lucia de Sousa	66
Categorização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna na escrita infantil escolar. Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiler Elaine Patrícia do Nascimento Modesto	66
Avaliação e variação linguística das vogais médias pretônicas no Nordeste do Pará. Jany Éric Queirós Ferreira	67
Aspectos geoprosódicos do português falado em Belém (PA), Baião (PA) e Borba (AM) uma análise comparativa dos corpora AMPER-POR. Camila Roberta dos Santos Brito Rosinele Lemos e Lemos	68
Mano (a) como traço linguístico identitário do falar paraense. Raquel Maria Da Silva Costa Kéttelen Mayara Tavares Brito	68
Por um viés geoprosódico: análise da variável sexo na produção de frases declarativas e interrogativas totais dos falantes de Maués/AM. Suzana do Espírito Santo Barros	69
A comunicação entre pacientes e funcionários no âmbito hospitalar: dificuldades na utilização de termos técnicos. Thalita da Costa Launé Machado	70
Estratégias de preservação de faces na sala de aula. Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa Regina de Maria Wanzeler Pompeu	71
Indícios de palatalização do /s/ em coda silábica na escrita infantil	

Maria Lúcia Ferreira dos Santos (UFPA)	
Midiane Bento Figueiredo Rodrigues (UFPA).....	71

03 Geossociolinguística

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)	72
Os fraseologismos nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. Marcela Moura Torres Paim (UFBA)	72
A variação lexical do campo vestuário e acessórios nas capitais brasileiras. Marcela Moura Torres Paim (UFBA)	73
Um estudo semântico-lexical da periferia de Belém do Pará. Luan Costa (FIBRA)	73
A singular diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira-AM. Maria Ivanete de Santana Felix (UFPA)	74
O apagamento do /r/ no falar maranhense. Eric Henrique Abreu Silva (UFMA) José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)	74
A influência da imigração Espanhola em Sorocaba. Fabrício Cordeiro Dantas (UNICAMP)	75
Vocabulário dialetal maranhense: uma proposta de descrição dos falares do Maranhão. Camilla Maramaldo Ferreira (UFMA)	76
Me diz o que tu falas e te direi de onde és: as variantes lexicais para os dentes caninos, molar e do siso no Maranhão. Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho (UFMA) Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)	76
O léxico da fauna no Maranhão: um estudo com base no corpus do ALiMA. Gabriel Pereira Castro (UFMA) Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)	77
É os anel, né? três, três anel: a concordância nominal no português falado no Maranhão. Layane Kessia Pereira Sousa (UFMA) Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)	77
Das montanhas do Lácio ao IFPA campus castanhal: implicações do não respeito à variação linguística regional dos estudantes da turma 2ª B, curso técnico em agropecuária 2010. Damiana Barros do Nascimento (UFPA)	78
Variação diarreferencial nos dados do Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas – ALiPAI. Regis José da Cunha Guedes (UFPA)	79

Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR. Michelli Cristina Galli (UEL)	79
Estudo geossociolinguístico do campo semântico “festas e divertimentos” do atlas léxico sonoro do Pará (ALESPA). Laura Gerlyne Pires Mello (UFPA) Abdelhak Razky (UFPA)	80
ALiB e ALiMA: a variação denominativa ludovicense no campo semântico-lexical vestuário e acessórios. Laryssa Francisca Moraes Porto (UFMA) Georgiana Márcia Oliveira Santos (UFMA)	81
Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística. Maria Doraci Guedes Rodrigues (UFPA)	81
Descrição preliminar da variação linguística em Paresi-Haliti. Larissa Wendel Afonso de Lima (UFPA) Ana Paula Barros Brandão (UFPA)	82
Para uma educação geolinguística nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental contribuições para prática docente. Elisângela Alves Gusmão (UNESP)	82
Ontem ~ /ontí/: o processo de redução dos ditongos nasais átonos na fala de maranhenses, um estudo com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA. Nádia Letícia Pereira Silva (UFMA) José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)	83
Motivações e questões teórico- metodológicas para uma pesquisa do léxico na fala do Brasil jovem. Simone Negrão de Freitas (UFPA) Maria Lucia Ferreira dos Santos (UFPA)	84
04 Projeto Atlas Linguístico do Brasil: propostas de cartografia e análises com dados do interior	
Valter Pereira Romano (UFLA)	85
Revisitando o manancial de nascentes: variantes para canjica no corpus do projeto ALiB. Vanessa Yida (UEL)	85
Variação lexical para o item fanhoso/fanho nas não capitais das regiões norte e nordeste do Brasil. Amanda da Costa Carvalho (UFPA) Romário Duarte Sanches (UFPA)	86

Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas não capitais do Norte do Brasil.
Stella Trindade Moreira (UFPA)
Romário Duarte Sanches (UFPA) 86

A variação do item lexical cigarro de palha nas não capitais do Norte do Brasil - Projeto ALIB.
Amanda Carlyne Pinheiro Silva (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA) 87

A variante 'camomila' no Norte do Brasil e os vazios dialetológicos.
Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
Céliane Sousa Costa (UFPA)
Flávia Helena da Silva Paz (UFPA) 87

05 Diversidade linguística no Amapá: percursos e contatos entre índios e quilombos

Edna dos Santos Oliveira (UEAP),
Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)
Romário Duarte Sanches (UEAP/UFPA) 88

O alteamento das vogais médias pretônicas no falar amapaense.
Amanda da Costa Carvalho 88

O projeto atlas linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual.
Romário Duarte Sanches 88

Aspectos fonológicos da variedade do português falado no quilombo do Curiaú.
Raíza Ramos Neves 89

Apontamentos fonético-fonológicos sobre o português falado em Mazagão velho (Amapá).
Eduardo Alves Vasconcelos
Edna dos Santos Oliveira 90

Levantamento bibliográfico para uma história linguística do Amapá.
Eduardo Alves Vasconcelos
Edna dos Santos Oliveira 90

06 Escolas e cosmologias amazônicas em agenciamentos

Hiran de Moura Possas (UNIFESSPA)
Maria Cristina Macedo Alencar (UNIFESSPA) 92

Reflexões sobre a tensão entre saberes indígenas e escolares dentre o povo Palikur-Arukwayene do Rio Urukauá, Amapá.
Ramiro Esdras Carneiro Batista 92

Pós-colonialidade nas práticas pedagógicas Xikrín.
Quelvia Souza Tavares
Lucivaldo Silva da Costa 93

07 Aspectos fonético-lexicais do português falado por quilombolas e indígenas

Edmilson José de Sá (CESA/UPE/UFPA/CNPq)	95
Denominações para ‘feitiço’ na fala de quilombolas do Pará e de Pernambuco: um estudo baseado em dois atlas linguísticos. Edmilson José de Sá	95
Considerações sobre o léxico no Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará. Marcelo Pires Dias	96
Monotongação na comunidade quilombola mel da pedreira do estado do Amapá. Helen Costa Coelho	96
Questões metodológicas no estudo da variação lexical em comunidades afro-brasileiras do Baixo Amazonas. Marilucia Barros de Oliveira Celiane Sousa Costa	97

08 Cinco anos do Profletras-UFPA: balanços e perspectivas

Alcides Fernandes de Lima (UFPA) Maria de Fatima do Nascimento (UFPA) Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)	97
Navegar em águas profundas as redes sociais como espaço para os multiletramentos. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues Érica Emmanuelle Lima Santos	97
A compreensão leitora de alunos do 8º ano a partir de um projeto de leitura com o gênero discursivo notícia Angélita dos Santos Conceição Silva	98
Concordância verbal, variação e ensino primeiros olhares. Ronaldo Nogueira de Moraes	99
Memória e consciência: uma proposta para a produção de narrativas de histórias de vida de alunos da EJA. Tânia Carla da Silva Monteiro	99
Letramento literário e comunidades leitoras desvendando o texto literário no 7º ano do ensino fundamental a partir de círculos de leitura. Andrea Farias Sousa	100
Estudo do léxico comum e especializado em sala de aula: uma proposta interdisciplinar João Batista Poça da Silva	101

Gênero crônica: uma sugestão didática para o trabalho com a análise linguística no interior da prática de leitura. Marcia Cristina Greco Ohuschi Sílvia Nazareno de Sousa Gomes	101
Escrita on-line: a articulação entre as novas tecnologias na escola e o ensino de língua portuguesa. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues Glauce Correa Antunes	102
A produção do discurso narrado/comentado: uma proposta de ensino para alunos do nível fundamental. Maria de Lourdes Sodré	102
Uma proposta para abordagem da relação entre oralidade e escrita na educação de jovens e adultos (EJA). Letícia Martins Feitosa Lopes	103
Atividades em sala de aula: um trabalho sobre a linguagem. Silvana Bandeira Oliveira	104

09 Variedades de português sob a perspectiva do contato linguístico

Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)	105
De variedades do espanhol peninsular a línguas crioulas: hipóteses acerca de influências e caracteres do PB atual. Fabrício Cordeiro Dantas	105
A diversidade linguística nos nomes de parentesco na língua Tembé. Marcia Goretti Pereira de Carvalho	106
A variedade <i>português afro-indígena</i> : estudos em andamento Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)	106

10 Fraseologia e suas interfaces

Carlene Ferreira Nunes Salvador (GeoLinTerm/SEDUC)	108
Fraseologismos do futebol com o termo 'gol'. Carlene Ferreira Nunes Salvador (SEDUC)	108
O léxico dos passarinhos de Tracuateua-PA. Paulo Santiago de Sousa	109
A metaforização na terminologia do corte bovino Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira	109
Fraseologismos em São Luís do Maranhão. Karla Karoline de Fátima Silva Pereira	

José de Ribamar Mendes Bezerra	110
Fraseologismos no discurso político brasileiro	
Davi Pereira de Souza	111

11 A formação de professores, tradutores e intérpretes de LIBRAS no contexto paraense

Raquel da Silva Gomes (UEPA)	
Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)	
José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA)	112

Sinalário da UEPA em LIBRAS.	
Raquel da Silva Gomes	
Maria Joaquina Nogueira da Silva	112

Sociolinguística da LIBRAS proposta de análise fonética e lexical.	
Fábio Augusto Teixeira Rodrigues	
José Anchieta de Oliveira Bentes	113

A contribuição dos recursos tecnológicos para o processo de aprendizagem dos alunos surdos na Escola Vilhena Alves.	
Nathalia Cristina da Silva Brito	
Ozivan Perdigão Santos	113

Cartilha de sinais paraenses: a cultura paraense sendo mostrada pelos alunos surdos do 5º ano do Instituto Felipe Smaldone.	
Leilane Fernanda das Dores Monteiro	114

Retextualização de um estudante surdo: do assistir ao contar em Língua Brasileira de Sinais.	
Cyntia França Cavalcante de Andrade da Silva	
Silvana Santos Alves	114
A linguagem bajubá de surdos: análise das variações sociolinguísticas.	
Ana Cláudia Ferreira Brito (UEPA)	
Rita de Nazareth de Oliveira Bentes (UEPA)	115

Contação de história em libras: incentivo à capacidade imaginativa e criadora infantil do surdo.	
Rennan Alberto dos Santos Barroso	
Ohana Daniel Matias da Silva	115

A percepção imagética de alunos surdos no conto visual.	
Lília Rabelo dos Santos de Melo	
Rita de Cássia Almeida Silva	116

A existência de línguas de sinais entre povos indígenas do Brasil.	
Jaqueline Marília Campos Monteiro	
Manuelle Cristina Pereira Ribeiro	116

Instrumento de análise de emissão dos fonemas baseados no português falado no Maranhão. José de Ribamar Mendes Bezerra Ayrlla Teixeira Rocha	119
Análise de variações diatópicas dos sinais do campo semântico graus de parentesco da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Walber Gonçalves de Abreu Laura Gerlyne Pires Mello	119
Questões de gênero, língua e formação de professores. Izabel Maria da Silva	120
Estudo dialetal e fonológico sobre o processo da desnasalização de vogais postônicas na cidade de Belém-PA. Fábio Luidy de Oliveira Alves	120
Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da mesorregião norte maranhense. Conceição de Maria de Araújo Ramos Edson Lemos Pereira	121
Hagiotoponímia e hidrotoponímia no sudeste do Pará. Elaine Ferreira Dias	121
Imigrações, ocupações e memória, um estudo dos nomes dos municípios do sudeste do Pará: corotopônimos e antropotopônimos. Letícia Santos Gomes Elaine Ferreira Dias	122
Os termos da cultura do babaçu: a variação na fala das quebradeiras de coco. Theciana Silva Silveira	122
A relação dos livros didáticos da EJA com as novas TICs na atuação pedagógica em sala de aula – uma abordagem de leitura e escrita por meio do gênero anúncio. Luís Marcelo de Araújo Pedroso	123
Produção de material didático para alunos do 6º ano do ensino fundamental: ensinando inglês através de documentários. Nilton Varela Hitotuzi Luiza Lobato Medeiros	124
Ensino de língua materna e o livro didático. Fabiana Costa Kameyama Elem Patricia Farias Sodré	124
Língua inglesa, métodos, abordagens e o ensino de línguas para propósitos específicos (ESP). Johny Ferreira Barbosa (UNITAU)	125

O que pensam professores de inglês sobre avaliação de alunos no ensino fundamental: um estudo de caso.

Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

Raissa de Souza Mendes (UFOPA) 125

Estudo etnográfico crítico de crenças de professores sobre metodologias de ensino de inglês no ensino fundamental.

Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

Jeosafá de Leão Pinto (UFOPA) 126

Vídeos nas aulas de inglês em escolas da educação básica pública em Santarém: um estudo de caso.

Nilton Hitotuzi (UFOPA)

Rayanne Sousa da Silva (UFOPA) 127

Crenças de professores sobre o uso da literatura anglófona na sala de aula de inglês na escola pública santarena.

Luziana Pereira Caldeira (UFOPA)

Maria da Conceição Queiroz Vale (UFOPA) 127

A expressão da negação no português falado no Maranhão: usos e percepções avaliativas.

Flávia Pereira Serra (UFMA) 128

Imagens preliminares da variação de *toco de cigarro* no interior do Brasil.

Abdelhak Razky (UFPA)

Eliane Oliveira da Costa (UFPA)

Fábio Luidy de Oliveira Alves (UFPA) 129

Agrupamentos lexicais em cartas preliminares sobre o item *pinguela* nas não capitais brasileiras.

Abdelhak Razky (UFPA)

Regis José da Cunha Guedes (UFRA) 129

Variação lexical do item *parteira* nas capitais e não capitais do norte do Brasil.

Carlene Ferreira Nunes Salvador (UFPA)

Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira (UFPA)

Abdelhak Razky (UFPA) 130

Baralhos, forca e trava-línguas: O uso de jogos para o estímulo da oralidade

Sérgio Renato Lima Pinto (SEMEC)

Walter da Silva Braga (SEMEC) 130

Uma abordagem sobre a sinonímia e antonímia nos livros didáticos: singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 8º ano, língua portuguesa, 6º ano, e a aventura da linguagem, 7º ano

Oziel Pereira da Silva (UEPA)

Tamara Cristina Penha da Costa (UEPA)..... 131

Era uma vez um boto...

Rosilene de Araújo Farias (UFOPA)

Camila Miranda Baia (UFOPA) 132

PÔSTERES 133

Sociolinguística e educação escolar indígena: língua kheuól.
Paola Carvalho de Oliveira 134

Livro didático: uma perspectiva de ensino sob influência das concepções de linguagem
Adriane Alves Souto.
Thaís Adriany Lameira Sousa 134

A geossociolinguística do Rio Grande do Sul: um estudo do léxico do jovem de Porto Alegre.
Glaucia Fabiola Vieira Bandeira 135
Belém do Grão Pará... Belém do Pará da derruição.
Raimundo Edivandro Alves de Vasconcelos
Darlei Castro da Silva 135

Gênero textual ditado popular em Dalcídio Jurandir.
Adriane Gomes Barroso (UFOPA)
Jessica Caroline Nascimento de Araújo (UFOPA) 136

As representações sobre a língua francesa dos alunos do 6º, 7º E 8º ano da Escola
Lauro Chaves em contexto fronteiriço.
Janaina Oliveira da Costa 136

Efeito da variação do léxico na cognição dos surdos que não dominam a Língua
Brasileira de Sinais.
Fernando Cardoso dos Santos 137

A consciência fonológica na aprendizagem da escrita.
Gabriela Trescastro Vasquez 137

/S/ pós-vocálico na fala de Capitão Poço, no nordeste paraense.
Euciane dos Santos Brito
Simone Negrão de Freitas 138

Musicoterapia como um instrumento de ensino e aprendizagem para crianças com TEA.
Daniele Ferreira de Farias
Michele da Costa Souza 139

Processo de seleção de monitoria da UEPA: um relato de experiência.
Thábata Dias da Costa (UEPA)
Andressa Regina Sandres Guimarães de Barros (UEPA)
Carlene Ferreira Nunes Salvador (UEPA) 139

Conservação e inovação na fala de jovens: um estudo-piloto na cidade de Castanhal.
Maria de Lara de Oliveira Rodrigues
Simone Negrão de Freitas 140

A variação linguística na LIBRAS: análise fonética e lexical do campo semântico “comida”.

Taise Pereira da Cruz

Felipe Andrei Santos 140

O tratamento da hiponímia e hiperonímia nos livros didáticos do ensino fundamental.

Brenda Melo Figueiredo

Stefanny Nayane Silva Oliveira 141

A síncope de vogais postônicas não-finais nos dados das capitais do ALiB-Norte.

Ana Paula Magno

Diego Coimbra

Marilucia Barros de Oliveira 141

Análise das técnicas de coleta e cartografia de dados referentes aos estudos geolinguísticos produzidos na região norte do Brasil.

Bryana Connie Linda Lopes Batista (UFAM)

Orlando da Silva Azevedo (UFAM) 142

.

APRESENTAÇÃO

O Seminário Regional de Geossociolinguística (SERGEL) é um evento organizado pelo grupo de pesquisa do Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), projeto que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O SERGEL se configura como um evento de caráter regional, mas com importante contribuição de participantes de várias regiões do Brasil e até do exterior. Seu objetivo principal é integrar pesquisa, ensino e extensão, aproximando a graduação e a pós-graduação no Curso de Letras, a fim de contribuir para a ciência e a educação na região amazônica.

Desde a primeira edição em 2009, o SERGEL conta com o apoio do PPGL-UFPA e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPEP) da UFPA. Na última edição, em 2015, decidiu-se que o evento passaria a ser bianual, ao invés de anual, haja vista que os organizadores do SERGEL também são responsáveis pela organização do Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS), o que demanda muito trabalho e dedicação, e inviabiliza a realização dos dois eventos num mesmo ano.

A cada edição, o SERGEL apresenta uma nova temática, sempre procurando abranger a *pesquisa*, o *ensino* e a *extensão*. Na edição anterior, o Evento abordou a temática “*Pesquisa variacionista, educação e informática: ampliando as fronteiras da formação em Letras na Amazônia*”. A escolha dessa temática teve como foco promover um fórum ampliado de discussão e divulgação de pesquisas sobre a diversidade linguística e o ensino de língua, pondo em evidência a necessidade de domínio, pelos professores e profissionais da área de letras, de ferramentas computacionais que possibilitem uma melhor atuação desses profissionais, seja na pesquisa, seja em sala de aula. Durante os três dias de evento (de 28 a 30/10/2015), houve 5 conferências, 70 comunicações individuais, 6 minicursos, 45 pôsteres, além de reuniões de trabalho de grupos de pesquisa e lançamento de livros com sessão de autógrafos de Marcos Bagno e Suzana Cardoso, ambos palestrantes convidado do Evento. Além disso, o evento apresentou produções bibliográficas de: Caderno de resumo dos trabalhos; Anais com publicação de artigos completos; e um livro, *Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro*, com os principais trabalhos do Evento, que estará sendo lançado, pela editora Pontes, agora nesta sétima edição do SERGEL.

Nesta sétima edição, o evento tem como temática “**Varição e Diversidade Linguística: as novas tendências dos estudos variacionistas**”. A escolha dessa temática tem como foco, dentre outros, reavaliar as bases teóricas e metodológicas das pesquisas em variação linguística, refletindo sobre as novas tendências dos estudos neste campo da linguística.

Portanto, o escopo do evento abriga trabalhos das áreas de Letras, Educação e afins, relacionados a pesquisa, a ensino e a novas tecnologias, utilizadas ou utilizáveis para a melhoria da atuação dos profissionais dessas áreas.

Não podemos deixar de ressaltar que o VII SERGEL acontece num momento em que a pesquisa científica no Brasil sofre severo corte de recursos, tornando penosa a tarefa de quem se dispõe a trabalhar na produção de conhecimento neste país. Os organizadores do SERGEL entendem que a realização de eventos científicos neste momento é, antes de tudo, um ato político, um ato de resistência ao retrocesso e ao descaso com a educação superior e a ciência nacional.

PROGRAMAÇÃO

Dias 20 e 21/11/2017 – segunda e terça-feira

Das 8h às 12h - Minicurso 01 - Prof. Dr. Harald Thun (Kiel/Alemanha)

Título: O trabalho geolinguístico segundo os princípios da Dialectologia Pluridimensional.

Local: Aud. ILC (Paulo Mendes)

DIA 22/11/2017 – QUARTA-FEIRA

Das 8h às 12h – Credenciamento

Local: Aud. ILC (Paulo Mendes)

Das 8h às 10h:

Minicurso 02– Prof.^a Dr.^a Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB)

Título: BANANEIRA QUE JÁ DEU CACHO? As expressões idiomáticas e seu significado metafórico e pragmático

Local: Sala 01 (FALEM)

Minicurso 03 – Prof.^a Dr.^a Raquel da Silva Lopes (UFPA)

Título: Introdução à Etnografia

Local: Sala 05 (FALEM)

Minicurso 04 – Prof. Dr. Marcelo Dias (Col. Mil. de Belém) e Prof. Dr. Regis Guedes (UFRA)

Título: Cartografia linguística

Local: Sala 06

Minicurso 05 – Prof.^a Dr.^a Ana Suelly Cabral (UnB)

Título: Políticas linguísticas para as Línguas Indígenas Brasileiras

Local: Sala 03 (FALEM)

Minicurso 06 – Prof.^a Dr.^a Marcela Paim (UFBA).

Título: Semântica na Dialectologia da Língua Portuguesa.

Local: Sala 04 (FALEM)

ABERTURA DO EVENTO

Das 10h00min às 10h20min – Apresentação da Associação dos Estudantes Estrangeiros

Das 10h20min às 10h50min – Abertura do Evento

Local: Aud. Setorial Básico I

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Das 10h50 às 11h50min – Conferência de Abertura

Prof. Dr. Harald Thun (Kiel/Alemanha)

Título: Alcances e limites da Dialectologia Pluridimensional

Local: Aud. Setorial Básico I

PALESTRA I

Das 14h às 15h.

Prof.^a Dr.^a Leda Bisol (PUC-RS)

Título: A variação fonológica no sul do país

Local: Aud.Setorial Básico I

CANCELADA!

MESAS-REDONDAS

Das 15h30min às 17h:**Mesa-redonda 01 - Interfaces do ALiB**

Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA/UnB) - A visibilidade nacional e internacional do ALiB: uma política de documentação e difusão do português brasileiro.

Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota (UFBA) - O ALiB e o conhecimento da realidade do português brasileiro.

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA) - Sincronias da língua portuguesa exibidas nos dados do Projeto ALiB.

Prof.^a Dr.^a Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA) e Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA) - O ALiB e o Ensino.

Local: Aud. Setorial Básico I

Mesa-redonda 02 - A Sociolinguística no Ensino de Línguas Estrangeiras: o Papel Social dos Cursos Livres e do Idiomas sem Fronteiras na UFPA.

Prof.^a Dr.^a Rosana Assef Faciola (FALEM - UFPA - Inglês - CLLE e IsF)

Prof.^a Dr.^a Myriam Crestian Chaves da Cunha (FALEM - UFPA - PLE - PEC-G e IsF)

Título: O Português como Língua Estrangeira na UFPA em tempos de internacionalização

Prof.^a Dr.^a Cristiane Marques Machado (FALEM - UFPA - Francês - CLLE e IsF)

Prof.^a M.Sc. Rita de Cássia Paiva (FALEM - UFPA - Espanhol - CLLE e IsF)

Prof. M.Sc. Reinhard Michael Eugen Arnegger (FALEM - UFPA - Alemão - Casa de estudos Germânicos e IsF)

Local: Aud. Setorial Básico II

Mesa-redonda 03 - Profletras em Perspectiva: avanços e desafios

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento (UFPA) - Quatro anos do Profletras/UFPA: situação atual e perspectivas.

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA) - A Disciplina *Elaboração de projetos e tecnologia educacional* e suas contribuições ao processo de formação dos mestrandos do Profletras (UFPA).

Prof.^a Dr.^a Maria da Penha Casado Alves (UFRN) - Profletras: onde estamos e a memória de futuro.

Prof.^a Dr.^a Iaci de Nazaré Silva (UFPA) - A produção acadêmica dos participantes do Profletras-UFPA nos cinco anos de existência do Curso.

Local: Aud. do ILC (Paulo Mendes)

PALESTRA 02

Das 17h20min às 18h20min.

Prof.^a Dr.^a Thaís Cristófaros Alves da Silva (UFMG)

Título: Sociofonética: variação e diversidade nos estudos fonéticos
Local: Aud. Setorial Básico I

CANCELADA!

LANÇAMENTO DE LIVROS

Das 17h20min às 18h20min.

- Atlas Linguístico do Amapá
- Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro
- Documentos 7 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil
- Pesquisa, ensino e formação docente: experiências do ProfLetras-UFPA
- Relações Bakhtinianas: linguagens e práticas docentes

DIA 23/11/2017 – QUINTA-FEIRA

Das 8h às 10h – Minicursos de 2 a 6 (segundo dia).

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS - Das 10h20min às 12h.

Pesquisa-ação em Sociolinguística: vertentes e perspectivas (Sessão 01).

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Regina Cruz (UFPA/CNPq)

Local: Sala 01 (FALEM)

A variação, na pódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade.

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)

Quando as palavras já formadas não nos bastam: investigação sobre o uso do neologismo em blogs maranhenses de cunho político.

Renato Gomes dos Santos (UFMA)

Mano (a) como traço linguístico identitário do falar paraense.

Raquel Maria da Silva Costa (UFPA)

Kéttelen Mayara Tavares Brito (UFPA)

Por um viés geoprosódico: análise da variável sexo na produção de frases declarativas e interrogativas totais dos falantes de Maués/AM.

Suzana do Espírito Santo Barros (UNIFAP)

A comunicação entre pacientes e funcionários no âmbito hospitalar: dificuldades na utilização de termos técnicos.

Thalita da Costa Launé Machado (UFPA)

Pesquisa-ação em Sociolinguística: vertentes e perspectivas (Sessão 02).

Coordenador: Prof. M.Sc. Jany Éric Queirós Ferreira (UFPA)

Local: Anexo E (FALEM)

Avaliação e variação linguística das vogais médias pretônicas no Nordeste do Pará.

Jany Éric Queirós Ferreira (UFPA)

Aspectos geoprosódicos do português falado em Belém (PA), Baião (PA) e Borba (AM) uma análise comparativa dos corpora AMPER-POR.

Camila Roberta dos Santos Brito (UFPA)

Rosinele Lemos e Lemos (UFPA)

Desvozeamento vocálico: o quê é? como se faz?

Giselda da Rocha Fagundes (UFPA)

Análise entoacional na Amazônia: um estudo acústico no português falado em Mocajuba (PA), Belém (PA) e Maués (AM).

Maria Sebastiana da Silva Costa (UFPA)

Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Os padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos

Thaís da Silva Souza (UFPA)

Juliana de Amorim Marques (UFPA)

Geossociolinguística (Sessão 01).

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

Local: Sala 03 (FALEM)

Os fraseologismos nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

Um Estudo Semântico-Lexical da periferia de Belém do Pará.

Luan Costa (FIBRA)

Vocabulário dialetal maranhense: uma proposta de descrição dos falares do Maranhão.

Camilla Maramaldo Ferreira (UFMA)

Me diz o que tu falas e te direi de onde és: as variantes lexicais para os dentes caninos, molar e do siso no Maranhão.

Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho (UFMA)

Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)

O léxico da fauna no Maranhão: um estudo com base no corpus do ALiMA.

Gabriel Pereira Castro (UFMA)

Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)

Geossociolinguística (Sessão 02).

Coordenador: Prof. Dr. Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

Local: Sala 04 (FALEM)

Variação diarreferencial nos dados do Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas – ALiPAI.

Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística.

Maria Doraci Guedes Rodrigues (UFPA)

A singular diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira-AM.

Maria Ivanete de Santana Felix (UFPA)

Para uma educação geolinguística nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental contribuições para prática docente.

Elisângela Alves Gusmão (UNESP)

Descrição preliminar da variação linguística em Paresi-Haliti.

Larissa Wendel Afonso de Lima (UFPA)

Ana Paula Barros Brandão (UFPA)

Projeto Atlas Linguístico do Brasil: propostas de cartografia e análises com dados do interior.

Coordenador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano (UFLA)

Loca: Sala 05 (FALEM)

Varição lexical em Minas Gerais nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Valter Pereira Romano (UFLA)

Revisitando o manancial de nascentes: variantes para canjica no corpus do projeto ALiB.

Vanessa Yida (UEL)

Varição lexical para o item fanhoso/fanho nas não capitais das regiões norte e nordeste do Brasil.

Amanda da Costa Carvalho (UFPA)

Romário Duarte Sanches (UFPA)

Varição geossocial do item lexical riacho/córrego nas não capitais do Norte do Brasil.

Stella Trindade Moreira (UFPA)

Romário Duarte Sanches (UFPA)

A variação do item lexical cigarro de palha nas não capitais do Norte do Brasil - Projeto ALIB.

Amanda Carolyne Pinheiro Silva (UFPA)

Abdelhak Razky (UFPA)

A variante 'camomila' no Norte do Brasil e os vazios dialetológicos.

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Celiane Sousa Costa (UFPA)

Flávia Helena da Silva Paz (UFPA)

Escolas e cosmologias amazônicas em agenciamentos.

Coordenadores: Prof. Dr. Hiran de Moura Possas (UNIFESSPA)

Prof.^a M.Sc. Maria Cristina Macedo Alencar (UNIFESSPA)

Local: Sala 06 (FALEM)

Reflexões sobre a tensão entre saberes indígenas e escolares dentre o povo Palikur-Arukwayene do Rio Urukauá, Amapá.

Ramiro Esdras Carneiro Batista (UFPA)

Pós colonialidade nas práticas pedagógicas Xikrín.

Quelvia Souza Tavares (IFPA)

Lucivaldo Silva da Costa (UNIFESSPA)

Práticas educativas em comunidades tradicionais leitura, ensino e oralidade.

Coordenadores: Prof. Dr. Zair Henrique Santos (UFOPA)

Prof.^a M.Sc. Marília Fernanda Pereira Leite (UFOPA)

Local: Sala 06 (FALEM)

Escola Indígena 19 de abril: ensino pautado no diálogo entre os saberes tradicionais krahô (saberes MEHĩ) e os saberes escolares (saberes CUPÊ).

Aurinete Silva Macedo (UFT)

Histórias em quadrinhos: turma do açai, uma análise na narrativa paraense.

Jaqueline Mirian Muniz Bandeira (UNAMA)

Material didático em língua indígena Parkatêjê: um encontro cultural.

Karina Figueiredo Gaya (UFPA)

Francinete de Jesus Pantoja Quaresma (UFPA)

Era uma vez um boto...

Camila Miranda Baia (UFOPA)

Aspectos fonético-lexicais do português falado por quilombolas e indígenas.

Coordenador: Prof. Dr. Edmilson José de Sá (CESA/UPE/UFPA/CNPq)

Local: Sala 07 (FALEM)

Denominações para ‘feitiço’ na fala de quilombolas do Pará e de Pernambuco: um estudo baseado em dois atlas linguísticos.

Edmilson José de Sá (CESA/UFPA)

Considerações sobre o léxico no Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará.

Marcelo Pires Dias (UFPA/CMBel)

Monotongação na comunidade quilombola mel da pedreira do estado do Amapá.

Helen Costa Coelho (UFPA)

Questões metodológicas no estudo da variação lexical em comunidades afro-brasileiras do Baixo Amazonas.

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
 Celiane Sousa Costa (UFPA)

O português falado em áreas indígenas: um estudo da variação lexical
 Eliane Oliveira da Costa (UFPA)

Cinco anos do Profletras-UFPA: balanços e perspectivas (Sessão 01).

Coordenadores: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)
 Prof.^a Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)
 Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)

Local: Aud. ILC (Paulo Mendes)

Navegar em águas profundas as redes sociais como espaço para os multiletramentos.
 Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)
 Érica Emmanuelle Lima Santos (UFPA)

Estudo do léxico comum e especializado em sala de aula: uma proposta interdisciplinar.
 João Batista Poça da Silva (UFPA)

A produção do discurso narrado/comentado: uma proposta de ensino para alunos do nível fundamental.
 Maria de Lourdes Sodré (UFPA)

Concordância verbal, variação e ensino: primeiros olhares.
 Ronaldo Nogueira de Moraes (UFPA)

Escrita on-line: a articulação entre as novas tecnologias na escola e o ensino de língua portuguesa.
 Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)
 Glauce Correa Antunes (UFPA)

Níveis de leitura do texto: subsídios à competência leitora
 Fernanda Valeska Mendes da Silva (UFPA)

Variedades de português sob a perspectiva do contato linguístico.

Coordenador: Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)
 Local: Sala 09 (FALEM)

A diversidade linguística nos nomes de parentesco na língua Tembé.
 Marcia Goretti Pereira de Carvalho (UFPA)

De variedades do espanhol peninsular a línguas crioulas: hipóteses acerca de influências e caracteres do PB atual.
 Fabrício Cordeiro Dantas (UNICAMP)

A variedade *português afro-indígena*: estudos em andamento
 Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)

Fraseologia e suas interfaces.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Carlene Ferreira Nunes Salvador (GeoLinTerm/SEDUC)
Local: Sala 09 (FALEM)

O léxico dos passarinhos de Tracuateua-PA.
Paulo Santiago de Sousa (UFPA)

A metaforização na terminologia do corte bovino.
Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira (UFPA)

Fraseologismos em São Luís do Maranhão.
Karla Karoline de Fátima Silva Pereira (UFMA)

Fraseologismos do futebol com o termo 'gol'.
Carlene Ferreira Nunes Salvador (SEDUC)

Fraseologismos no discurso político brasileiro.
Davi Pereira de Souza (UFPA)

A formação de professores, tradutores e intérpretes de LIBRAS no contexto paraense.

Coordenadores: Prof.^a M.Sc. Raquel da Silva Gomes (UEPA)
Prof.^a M.Sc. Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)
Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA)

Local: Sala 10 (FALEM)

Sinalário da UEPA em LIBRAS.
Raquel da Silva Gomes (UEPA)
Maria Joaquina Nogueira da Silva (UEPA)

Sociolinguística da LIBRAS proposta de análise fonética e lexical.
Fábio Augusto Teixeira Rodrigues (UEPA)
José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA)

A contribuição dos recursos tecnológicos para o processo de aprendizagem dos alunos surdos na Escola Vilhena Alves.
Nathalia Cristina da Silva Brito (UEPA)
Ozivan Perdigão Santos (UEPA)

Cartilha de sinais paraenses: a cultura paraense sendo mostrada pelos alunos surdos do 5 ano do Instituto Felipe Smaldone.
Leilane Fernanda das Dores Monteiro(UEPA)

SESSÃO LIVRE (Das 10h20min às 12h).

Sociolinguística e dialetologia.

Coordenadora: Prof.^a M.Sc. Simone Negrão (UFPA)
Local: Sala 11 (FALEM)

Instrumento de análise de emissão dos fonemas baseados no português falado no Maranhão.

José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

Ayrlla Teixeira Rocha (UFMA)

Análise de variações diatópicas dos sinais do campo semântico graus de parentesco da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Walber Gonçalves de Abreu (UFPA)

Laura Gerlyne Pires Mello (UFPA)

Questões de gênero, língua e formação de professores.

Izabel Maria da Silva (UFPA)

Estudo dialetal e fonológico sobre o processo da desnasalização de vogais postônicas na cidade de Belém-PA.

Fábio Luidy de Oliveira Alves (UFPA)

Livro didático e ensino.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Eunice Braga (UFPA)

Local: Sala 12 (FALEM)

A relação dos livros didáticos da EJA com as novas TICs na atuação pedagógica em sala de aula – uma abordagem de leitura e escrita por meio do gênero anúncio.

Luis Marcelo de Araújo Pedroso (UFPA)

Produção de material didático para alunos do 6º ano do ensino fundamental: ensinando inglês através de documentários.

Nilton Varela Hitotuzi (UFOPA)

Luiza Lobato Medeiros (UFOPA)

Ensino de língua materna e o livro didático.

Fabiana Costa Kameyama (UFPA)

Elem Patricia Farias Sodré (UFPA)

Baralhos, forca e trava-línguas: O uso de jogos para o estimulo da oralidade

Sérgio Renato Lima Pinto (SEMEC)

Walter da Silva Braga (SEMEC)

Uma abordagem sobre a sinonímia e antonímia nos livros didáticos: singular & plural: leitura, produ o e estudos de linguagem, 8º ano, língua portuguesa, 6º ano, e a aventura da linguagem, 7º ano

Oziel Pereira da Silva (UEPA)

Tamara Cristina Penha da Costa (UEPA)

Ensino de línguas.

Coordenadora: Prof.^a M.Sc. Izabel Maria da Silva (UFPA)

Local: Anexo A (FALEM)

Língua inglesa, métodos, abordagens e o ensino de línguas para propósitos específicos (ESP).

Johny Ferreira Barbosa (UNITAU)

O que pensam professores de inglês sobre avaliação de alunos no ensino fundamental: um estudo de caso.

Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

Raissa de Souza Mendes (UFOPA)

Estudo etnográfico crítico de crenças de professores sobre metodologias de ensino de inglês no ensino fundamental.

Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

Jeosafá de Leão Pinto (UFOPA)

Vídeos nas aulas de inglês em escolas da educação básica pública em Santarém: um estudo de caso.

Nilton Hitotuzi (UFOPA)

Rayanne Sousa da Silva (UFOPA)

Crenças de professores sobre o uso da literatura anglófona na sala de aula de inglês na escola pública santarena.

Luziana Pereira Caldeira (UFOPA)

Maria da Conceição Queiroz Vale (UFOPA)

CONFERÊNCIA 02

Das 14h às 15h .

Prof. Dr. Salah Mejri (Paris-13)

Título: Phraséologie et atlas linguistique

Local: Aud. Setorial Básico I

SESSÃO DE PÔSTERES

Das 15h às 15h30.

Local: Aud. Setorial Básico II

Sociolinguística e educação escolar indígena: língua kheuól.

Paola Carvalho de Oliveira (UNIFAP)

Livro didático: uma perspectiva de ensino sob influência das concepções de linguagem.

Adriane Alves Souto (UFPA)

Thaís Adrianly Lameira Sousa (UFPA)

A geossociolinguística do Rio Grande do Sul: um estudo do léxico do jovem de Porto Alegre.

Gláucia Fabíola Vieira Bandeira (UEPA)

Belém do Grão Pará... Belém do Pará da derruição.

Darlei Castro da Silva (UFOPA)

Gênero textual ditado popular em Dalcídio Jurandir.

Jessica Caroline Nascimento de Araújo (UFOPA)

As representações sobre a língua francesa dos alunos do 6º, 7º E 8º ano da Escola Lauro Chaves em contexto fronteiriço.

Janaína Oliveira da Costa (UNIFAP)

Efeito da variação do léxico na cognição dos surdos que não dominam a Língua Brasileira de Sinais.

Fernando Cardoso dos Santos (UFT)

Processo de seleção de monitoria da UEPA: um relato de experiência

Thábata Dias da Costa (UEPA).

Andressa Regina Sandres Guimarães de Barros (UEPA)

A consciência fonológica na aprendizagem da escrita.

Gabriela Trescastro Vasquez (UNAMA)

/S/ pós-vocálico na fala de Capitão Poço, no nordeste paraense.

Euciane dos Santos Brito (UFPA)

Simone Negrão de Freitas (UFPA)

Musicoterapia como um instrumento de ensino e aprendizagem para crianças com autismo

Daniele Ferreira de Farias (UEPA)

Conservação e inovação na fala de jovens: um estudo-piloto na cidade de Castanhal.

Maria de Lara de Oliveira Rodrigues (UFPA)

Simone Negrão de Freitas (UFPA)

A variação linguística na LIBRAS análise fonética e lexical do campo semântico “comida”.

Taise Pereira da Cruz (UEPA)

Felipe Andrei Santos (UEPA)

O tratamento da hiponímia e hiperonímia nos livros didáticos do ensino fundamental.

Brenda Melo Figueiredo (UEPA)

A síncope de vogais postônicas não-finais nos dados das capitais do ALiB-Norte.

Ana Paula Magno (UFPA)

Diego Coimbra (UFPA)

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Análise das técnicas de coleta e cartografia de dados referentes aos estudos geolinguísticos produzidos na região norte do Brasil.

Bryana Connie Linda Lopes Batista (UFAM)

Orlando da Silva Azevedo (UFAM)

MESA-REDONDA 4

Das 15h30min às 17h.

Prof.^a Dr.^a Ana Suelly Arruda Câmara (UnB)

Título: Uma análise linguística cognitiva de termos relativos ao corpo humano e à saúde em três línguas Tupí-Guaraní, com foco especial na língua Zo'é

Prof.^a Dr.^a Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Título: Pesquisa geossociolinguística em comunidades tradicionais

Prof.^a Dr.^a Eliete de Jesus Bararuá Solanao (UEPA)

Local: Aud. Setorial Básico I

PALESTRA 03

Das 17h20min às 18h20min.

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Título: A contribuição dos estudos geossociolinguísticos para a descrição do português falado na região norte do Brasil: caminhos percorridos, metas alcançadas.

Local: Aud. Setorial Básico I

DIA 24/11/2017 – SEXTA-FEIRA

Das 8h às 10h – Minicursos de 2 a 6 (terceiro dia).

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS - Das 10h20min às 12h.

Pesquisa-ação em Sociolinguística: vertentes e perspectivas (Sessão 03).

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Regina Cruz (UFPA/CNPq)

Local: Sala 01 (FALEM)

Estratégias de preservação de faces na sala de aula.

Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa (UFPA)

Regina de Maria Wanzeler Pompeu (UFPA)

Contribuições dos estudos de crenças e atitudes para compreender as variações linguísticas.

Jacqueline Ortelan Maia Botassini (UEM)

Nomes próprios e genéricos na identificação de personagens em narrativas infantis.

Lorena Bischoff Trescastro (Faculdade Estácio de Belém)

Na fala de nós não se usa nosso: uma análise variacionista do possessivo de primeira pessoa do plural na comunidade baixo/São José do Piauí.

Valdisnéia Lucia de Sousa (UFPI)

Categorização dos registros gráficos do <r> em coda silábica interna na escrita infantil escolar.

Nair Daiane de Souza Savaia Vansiler (UFPA)

Elaine Patrícia do Nascimento Modesto (UFPA)

Pesquisa-ação em Sociolinguística: vertentes e perspectivas (Sessão 04).

Coordenador: Prof. M.Sc. Jany Éric Queirós Ferreira (UFPA)

Local: Anexo A (FALEM)

Análise comparativa do português brasileiro falado em São Luís e Belém: uma abordagem geoprosódica.

Brayna Conceição dos Santos Cardoso (UFPA)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Estudo das vogais médias pretônicas do português falado na área urbana da cidade de Cametá/PA: caracterização acústica.

Josivane do Carmo Campos Sousa (UFPA)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Análise acústica e caracterização das vogais postônicas não finais /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/ do português falado em Belém (PA): um ensaio preliminar.

José Alacid da Silva (UFPA)

Crenças, atitudes e revitalização linguística: o caso da comunidade Mundurukú do Amazonas.

Celso Francês Júnior (UFPA)

Indícios de palatalização do /s/ em coda silábica na escrita infantil

Maria Lúcia Ferreira dos Santos (UFPA)
Midiane Bento Figueiredo Rodrigues (UFPA)

Geossociolinguística (Sessão 03).

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim (UFBA)
Local: Sala 03 (FALEM)

A variação lexical do campo vestuário e acessórios nas capitais brasileiras.

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

Estudo geossociolinguístico do campo semântico “festas e divertimentos” do atlas léxico sonoro do Pará (ALESPA).

Laura Gerlyne Pires Mello (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA)

ALiB e ALiMA: a variação denominativa ludovicense no campo semântico-lexical vestuário e acessórios.

Laryssa Francisca Moraes Porto (UFMA)
Georgiana Márcia Oliveira Santos (UFMA)

Motivações e questões teórico-metodológicas para uma pesquisa do léxico na fala do Brasil jovem.

Simone Negrão de Freitas (UFPA)
Maria Lucia Ferreira dos Santos (UFPA)

Ontem ~ /onti/: o processo de redução dos ditongos nasais átonos na fala de maranhenses, um estudo com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA.

Nádia Letícia Pereira Silva (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

Geossociolinguística (Sessão 04).

Coordenador: Prof. Dr. Regis José da Cunha Guedes (UFRA)
Local: Sala 04 (FALEM)

Uma análise geossociolinguística das consoantes lateral linguodental e vibrante alveolar em Assis Chateaubriand/PR.
Michelli Cristina Galli (UEL)

O apagamento do /r/ no falar maranhense.
Eric Henrique Abreu Silva (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

A influência da imigração Espanhola em Sorocaba.
Fabrício Cordeiro Dantas (UNICAMP)

É os anel, né? três, três anel: a concordância nominal no português falado no Maranhão.
Layane Kessia Pereira Sousa (UFMA)
Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA)

Das montanhas do Lácio ao IFPA campus castanhal: implicações do não respeito à variação linguística regional dos estudantes da turma 2ª B, curso técnico em agropecuária 2010.
Damiana Barros do Nascimento (UFPA)

Diversidade linguística no Amapá percursos e contatos entre índios e quilombos.

Coordenadores: Prof.^a Dr.^a Edna dos Santos Oliveira (UEAP),
Prof. Dr. Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)
Prof. M.Sc. Romário Duarte Sanches (UEAP/UFPA)
Local: Sala 05 (FALEM)

O alteamento das vogais médias pretônicas no falar amapaense.
Amanda da Costa Carvalho (UFPA)

O projeto atlas linguístico do Amapá (ALAP): caminhos percorridos e estágio atual.
Romário Duarte Sanches (UFPA)

Aspectos fonológicos da variedade do português falado no quilombo do Curiaú.
Raíza Ramos Neves (UNIFAP)

Apontamentos fonético-fonológicos sobre o português falado em Mazagão velho (Amapá).
Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)
Edna dos Santos Oliveira (UEAP)

Levantamento bibliográfico para uma história linguística do Amapá.
Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)
Edna dos Santos Oliveira (UEAP)

Cinco anos do Profletras-UFPA: balanços e perspectivas (Sessão 02).

Coordenadores: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)
 Prof.^a Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)
 Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)

Local: Sala 06 (FALEM)

Letramento literário e comunidades leitoras desvendando o texto literário no 7º ano do ensino fundamental a partir de círculos de leitura.

Andrea Farias Sousa (UFPA)

Gênero crônica: uma sugestão didática para o trabalho com a análise linguística no interior da prática de leitura.

Marcia Cristina Greco Ohuschi (UFPA)

Silvio Nazareno de Sousa Gomes (UFPA)

Memória e consciência: uma proposta para a produção de narrativas de histórias de vida de alunos da EJA.

Tânia Carla da Silva Monteiro (UFPA)

Uma proposta para abordagem da relação entre oralidade e escrita na educação de jovens e adultos (EJA).

Letícia Martins Feitosa Lopes (UFPA)

A compreensão leitora de alunos do 8º ano a partir de um projeto de leitura com o gênero discursivo notícia.

Angélita dos Santos Conceição Silva (UFPA)

A formação de professores, tradutores e intérpretes de LIBRAS no contexto paraense.

Coordenadores: Prof.^a M.Sc. Raquel da Silva Gomes (UEPA)
 Prof.^a M.Sc. Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)
 Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA)

Local: Sala 07 (FALEM)

Retextualização de um estudante surdo: do assistir ao contar em Língua Brasileira de Sinais.

Cyntia França Cavalcante de Andrade da Silva (UEPA)

Silvana Santos Alves (UEPA)

A linguagem bajubá de surdos: análise das variações sociolinguísticas.

Ana Claudia Ferreira Brito (UEPA)

Rita de Nazareth Souza Bentes (UEPA)

Contação de história em libras: incentivo à capacidade imaginativa e criadora infantil do surdo.

Ohana Daniel Matias da Silva (UEPA)

A percepção imagética de alunos surdos no conto visual.

Líliá Rabelo dos Santos de Melo (UEPA)
Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)

A existência de línguas de sinais entre povos indígenas do Brasil.
Jaqueline Marília Campos Monteiro (UEPA)
Manuelle Cristina Pereira Ribeiro (UEPA)

SESSÃO LIVRE (Das 10h20min às 12h).

Estudos lexicais.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Adelina Farias (UFPA)
Local: Sala 08 (FALEM)

Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da mesorregião norte maranhense
Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA).
Edson Lemos Pereira (UFMA)

Hagiotoponímia e hidrotoponímia no sudeste do Pará.
Elaine Ferreira Dias (UNIFESSPA)

Imigrações, ocupações e memória, um estudo dos nomes dos municípios do sudeste do Pará: corotopônimos e antropotopônimos.
Letícia Santos Gomes (UNIFESSPA)
Elaine Ferreira Dias (UNIFESSPA)

Os termos da cultura do babaçu: a variação na fala das quebradeiras de coco.
Theciana Silva Silveira (UFSCar)

A expressão da negação no português falado no Maranhão: usos e percepções avaliativas.
Flávia Pereira Serra (UFMA)

Estudos Geossociolinguísticos.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cleide Guimbal (UFRA)
Local: Sala 10 (FALEM)

Imagens preliminares da variação de *toco de cigarro* no interior do Brasil
Abdelhak Razky (UFPA)
Eliane Oliveira da Costa (UFPA)
Fábio Luidy de Oliveira Alves (UFPA)

Agrupamentos lexicais em cartas preliminares sobre o item pinguela nas não capitais brasileiras
Abdelhak Razky (UFPA)
Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

Variação lexical do item *parteira* nas capitais e não capitais do norte do Brasil
Carlene Ferreira Nunes Salvador (UFPA)
Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira (UFPA)

Abdelhak Razky (UFPA)

PALESTRA 04

Das 14h às 15h.

Prof. Dr. Dante Lucchesi (UFF/CNPq)

Título: Sócio-história da Lusofonia e Diretrizes para um Ensino Inclusivo do Português Brasileiro.

Local: Aud. Setorial Básico I

MESAS-REDONDAS

Das 15h30min às 17h:

Mesa-redonda 05 - Léxico especializado e Fraseologia

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

Título: Estudos sobre o léxico especializado no projeto Geolinterm

Prof.^a Dr.^a Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB)

AS DUAS CARAS DE UMA MESMA MOEDA: a competência fraseológica e a competência intercultural na Tradução de Eis e na Fraseodidática.

Prof. Dr. Salah Mejri (Paris-13).

Local: Aud. Setorial Básico I

Mesa-redonda 06 – Atlas Linguísticos

Prof. Dr. Valter Pereira Romano (UFLA)

Título: Minas Gerais no panorama geolinguístico brasileiro: proposta de um atlas linguístico estadual.

Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)

Da Bahia para a Bahia: os caminhos da geolinguística no Brasil.

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA)

Local: Aud. Setorial Básico II

PALESTRA DE ENCERRAMENTO

Das 17h20min às 18h20min – Palestra 05

Prof. Dr. Luiz Percival de Leme Britto (UFOPA)

Título: Que e como a sociolinguística contribui com a educação escolar?

Local: Aud. Setorial Básico I

Belém, 22 de novembro de 2017.

Comissão Organizadora.

CONFERÊNCIAS

PHRASÉOLOGIE ET ATLAS LINGUISTIQUE

Prof. Dr. Salah Mejri (Paris 13)

Resumé: Il s'agit de voir pourquoi la phraséologie n'occupe pas une place importante dans les atlas linguistiques, alors qu'elle est de fait omniprésente lors la collecte des données, de l'échange avec les informateurs et dans les données recueillies. Elle prend la forme des tournures toutes faites que comportent les échanges entre enquêteurs et informateurs, et parsème les réponses des informateurs de collocations et d'expressions idiomatiques faisant partie de leurs compétences lexicales. S'ajoutent à ces manifestations phraséologiques les dénominations complexes qui font partie des vocabulaires spécialisés couvrant des domaines d'activités divers et variés. Après avoir fourni une définition opératoire de la phraséologie, nous procéderons à une typologie des phraséologismes permettant une meilleure description lexicographique et dictionnaire.

PALESTRAS

SÓCIO-HISTÓRIA DA LUSOFONIA E DIRETRIZES PARA UM ENSINO INCLUSIVO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Prof. Dr. Dante Lucchesi (UFF/CNPq)

RESUMO: Apesar de as abordagens mais recentes classificarem o português como língua pluricêntrica, historicamente a variedade de língua usada em Portugal tem sido tomada como modelo para a normatização linguística, definindo a norma ensinada nas escolas dos países que têm o português como língua oficial. Isso é particularmente notável nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), por conta de sua estreita relação com Portugal, do qual se libertaram há pouco mais de quarenta anos. Porém, também no Brasil, a norma de referência linguística continua a ser, em grande medida, baseada nos usos linguísticos de Portugal, embora a independência política do país tenha ocorrido há quase duzentos anos, e as variedades linguísticas brasileiras (mesmo a de sua elite letrada) apresentem grandes diferenças em relação à variedade portuguesa, não apenas na fonética e no léxico, mas também na sintaxe e na morfologia. A adoção no Brasil de um modelo adventício de norma gramatical resultou de um acirrado debate, ocorrido na segunda metade do século XIX, em que predominaram as ideias puristas e elitistas (não raro com inspirações racistas), contra as quais se levantaram grandes nomes da literatura nacional, como o romancista José de Alencar. A vitória do purismo gramatical, que se consolidou nas primeiras décadas do século XX, não obstante valorosos focos de resistências, como no caso dos poetas modernistas, trouxe sérios prejuízos para a cultura e a educação no país. No plano da cultura, produziu um terrível sentimento de insegurança linguística, traduzido em fórmulas recorrentes, como: “o português é uma língua difícil” e “o brasileiro não sabe falar português”. No plano da educação, a adoção de modelo gramatical estranho aos usos nacionais contribuiu significativamente para a chamada “crise do ensino de língua portuguesa”, porque muitas vezes as gramáticas brasileiras condenam formas correntes na escrita de escritores, jornalistas e intelectuais brasileiros em geral. Portanto, a construção de um ensino inclusivo do português brasileiro coloca vários desafios, tais como a conscientização e o respeito à diversidade linguística, particularmente no que concerne à linguagem popular. Mas passa também por uma revisão crítica de nossa norma de referência linguística (a norma padrão), com a incorporação das formas que já se legitimaram na cultura letrada do país.

MESAS- REDONDAS

INTERFACES DO ALiB

RESUMO: Essa mesa-redonda reúne reflexões sobre as interfaces do *Atlas Linguístico do Brasil*, salientando-se, em particular, aspectos referentes a quatro eixos: (i) o conhecimento de realidade do português brasileiro apresentada numa perspectiva geossociolinguística; (ii) o ALiB como uma amostra de sincronias da língua portuguesa, exibindo caminhos de sua trajetória socio-histórica; (iii) o papel do ALiB como auxiliar na formulação de políticas de ensino-aprendizagem da língua materna e (iv) a visibilidade nacional e internacional do ALiB. Pretende-se, a partir desses aspectos, examinar as interfaces do ALiB.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Linguístico do Brasil. Português Brasileiro. Ensino.

O ALiB E O CONHECIMENTO DA REALIDADE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Jacyra Andrade Mota (UFBA/CNPq)

RESUMO: As análises do *corpus* do Projeto ALiB vêm ampliando o conhecimento da realidade linguística, no que se refere ao português do Brasil, com o aproveitamento dos dados empíricos, sistematicamente coletados, nas 250 localidades que constituem a sua rede de pontos. Procura-se, nesta comunicação, comentar esse aspecto, salientando os dados fonéticos, lexicais e morfossintáticos, que permitem a delimitação de áreas e subáreas dialetais no português do Brasil, como mostram as cartas linguísticas publicados no volume II (cf. Cardoso et al., 2014), assim como os indícios de mudança em curso, no nível fônico e morfossintático, apontados pelo confronto entre as duas faixas etárias — a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos — e os dois níveis de escolaridade dos informantes, nas capitais — nível fundamental e nível universitário — incluídos em função dos parâmetros pluridimensionais adotados na metodologia do ALiB, para a constituição do *corpus*.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Linguístico do Brasil. Áreas dialetais. Mudanças em curso.

SINCRONIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA EXIBIDAS NOS DADOS DO PROJETO ALiB

Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA/CNPq)

RESUMO: Nesta comunicação, trata-se de uma das interfaces do Projeto ALiB, apresentando a relação que se pode ver estabelecida entre os dados de campo, cartografados ou não, e a constituição da língua portuguesa. Parte-se da consideração de um conjunto de itens semântico-lexicais cujas variantes documentadas revelam um comprometimento temporal — como exemplificam *sarolha* (para terra umedecida pela chuva), *ruge* (para o que hoje se vulgarizou como *blush*), entre outros casos —, ora apresentando formas de pouco uso pelo geral dos falantes, ora trazendo formas que, presentes em utentes de camadas sociais diferenciadas, refletem distintas sincronias que

se reúnem num mesmo momento, fazendo com que um atlas linguístico possa se tornar um “espelho” diacrônico.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística. Atlas Linguístico do Brasil. Variação diacrônica.

O ALiB E O ENSINO

Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

RESUMO: Nesta comunicação, faz-se uma reflexão sobre um dos quatro grandes objetivos do ALiB, que se resume, essencialmente, na oferta de subsídios que possam contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do País. Parte-se da constatação de que os diversos estudos geossociolinguísticos elaborados com base no *corpus* do Projeto ALiB têm demonstrado como o conhecimento acurado da realidade linguístico-cultural de uma comunidade é fundamental para responder à questão que surge quando se discute, no Brasil, uma política linguística que deve envolver, dentre outros aspectos, um ensino/aprendizagem da língua materna voltado para a cidadania, um ensino não excludente que possibilite ao aluno ampliar sua mobilidade sociolinguística e assim transitar de maneira mais adequada, autônoma e eficiente pela heterogeneidade linguística. A apropriação do conhecimento das diversas realidades linguístico-culturais que compõem a unidade sistêmica do português brasileiro contribui para tornar mais aptos os profissionais que lidam com o ensino/aprendizagem da língua portuguesa para planejar o que ensinar/aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Linguístico do Brasil. Variação linguística. Ensino/aprendizagem.

**A SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: O
PAPEL SOCIAL DOS CURSOS LIVRES E DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS
NA UFPA**

Rosana Assef Faciola (UFPA)

Myriam Crestian Chaves da Cunha (UFPA)

Cristiane Marques Machado (UFPA)

Rita de Cássia Paiva (UFPA)

Reinhard Michael Eugen Arnegger (UFPA)

RESUMO: A importância de dominarmos outros idiomas além da língua materna está ligada ao crescimento que se vivencia, nos dias atuais, nas relações interpessoais entre pessoas de diferentes nacionalidades e línguas. A Sociolinguística tem se preocupado em explicar as condições ou fatores sociais que vem influenciando o processo de ensino e a aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Nessa direção, esse trabalho se propõe a apresentar reflexões acerca do papel social dos Cursos Livres de Línguas Estrangeiras (CLLE) e o Idiomas sem Fronteiras (IsF) no ensino do Inglês, Francês, Alemão, Espanhol e Português como Língua Estrangeira na Universidade Federal do Pará, sem perder de vista os aspectos culturais envolvidos nesse processo e o crescente impacto da globalização e da internacionalização acadêmica.

PROFLETRAS EM PERSPECTIVA: AVANÇOS E DESAFIOS

Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

RESUMO: A presente mesa-redonda aborda os avanços e desafios do maior programa de formação continuada de professores de língua portuguesa no Brasil. Trata-se do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, que está às vésperas de completar cinco anos de existência. As reflexões abrangem o programa em âmbito nacional, mas terá como foco principal a experiência do Profletras-UFPA.

PALAVRAS-CHAVE: Profletras. Educação Básica. Experiências do Profletras-UFPA

PROFLETRAS: ONDE ESTAMOS E A MEMÓRIA DE FUTURO

Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

RESUMO: O programa de mestrado profissional em Letras completa cinco anos de atuação, qualificando professores da educação básica, notadamente do nível fundamental, da rede pública de ensino. Esse trabalho tem como objetivo analisar os impactos sociais dessa formação, os avanços e as dificuldades enfrentadas nesses cinco anos, como também, a partir do que foi realizado, expor as expectativas e estratégias em andamento para que o programa se consolide como espaço qualificado de formação de professores. Para tanto, fundamenta-se tais enfoques em dados oriundos das 49 unidades em todo país, em discussão de temáticas de interesse suscitadas em Fóruns de Coordenadores, produção acadêmica de docentes e discentes e nos encontros do Conselho Gestor do programa.

PALAVRAS-CHAVE: ProfLetras. Formação de professores. Planejamento de ações. Estratégias de projeção.

QUATRO ANOS DO PROFLETRAS/UFPA: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

RESUMO: No presente trabalho, temos por objetivo refletir sobre os quatro anos de existência do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) no *Campus* Belém da Universidade Federal do Pará (UFPA). No tocante ao referido Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, cabe-nos mencionar que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) o instituiu para qualificar docentes de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da Rede Pública, tendo em vista a melhoria da educação no Brasil. Iniciamos o PROFLETRAS/UFPA em agosto de 2013 e, no primeiro Exame Nacional de Acesso, contamos com 857 candidatos para uma oferta de 26 vagas. Trata-se, em todo o País, da mais alta demanda, a qual assim permaneceu no nosso *Campus* durante três seleções, em 2013, 2015 e 2016, mesmo com a abertura, em cidades do interior, de dois iguais Mestrados Profissionais, a saber:

o da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), de Santarém, e o da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), de Marabá, que ingressaram na Rede Nacional em 2014. Tal fato, nesses quatro anos de funcionamento do PROFLETRAS/UFPA, demonstra a importância do Curso para o nosso estado. Assim sendo, pretendemos desenvolver a reflexão proposta, apresentando a sua trajetória, situação atual e perspectivas, com base em documentos pertinentes e na nossa experiência adquirida durante o período em que estivemos à frente da Coordenação do PROFLETRAS/UFPA do *Campus* Belém.

PALAVRAS-CHAVE: PROFLETRAS/UFPA. Ensino Fundamental. Docentes de Língua Portuguesa.

A DISCIPLINA ELABORAÇÃO DE PROJETOS E TECNOLOGIA EDUCACIONAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS MESTRANDOS DO PROFLETRAS (UFPA)

Isabel C. França dos S. Rodrigues (UFPA)

RESUMO: A escrita e a oralidade mobilizam diferentes conhecimentos que se ampliam ao longo da vida, de acordo com as interações e esferas comunicativas. Na academia, tanto a oralidade quanto a escrita assumem feições mais específicas, conforme os gêneros acadêmicos solicitados. O pré-projeto previsto no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), discutido e elaborado na disciplina “Elaboração de projetos e tecnologia educacional” durante o primeiro semestre é um dos maiores desafios. No caso do Profletras (UFPA), os alunos elaboram seus pré-projetos em diálogos com a docente que ministra a disciplina e com seus orientadores ainda no primeiro semestre. Os orientadores são selecionados durante a realização do Seminário de Formação do PROFLETRAS. Na oportunidade, são apresentados também os direcionamentos do programa, os projetos de pesquisa dos docentes e as atividades macro previstas. A turma é desafiada não apenas a elaborar os pré-projetos, como também socializá-los em diferentes momentos e, em especial, para dois públicos: colegas de turma e docentes do programa, em simulações de bancas. Um dos principais objetivos é fazer ajustes no texto do ponto de vista teórico-metodológico. Tais encaminhamentos têm nos mostrado que os mestrandos avançam bastante na elaboração do texto de qualificação, considerando que ainda no primeiro semestre já dialogam com as exigências orais e escritas mais específicas da Pós-Graduação, e, pelo fato de o programa requerer um trabalho de intervenção, exigindo aproveitamento do tempo, conhecimento específico do contexto escolar e das dificuldades concernentes ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos. No semestre passado, desafiamos a turma a elaborar oficinas de Novas Tecnologias para graduandos, pós-graduandos e docentes da Educação Básica discutindo aspectos da literatura e da língua materna com o objetivo de potencializar ainda mais os saberes constituídos no Profletras e nas suas trajetórias profissionais, posto que a disciplina favorece tais discussões e trabalho com a linguagem em diferentes aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros acadêmicos. Novas Tecnologias. Saberes. Ensino-aprendizagem.

A PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS PARTICIPANTES DO PROFLETRAS UFPA NOS CINCO ANOS DE EXISTÊNCIA DO CURSO

Iaci de Nazaré Silva Abdon (UFPA)

RESUMO: Aborda-se a produção de pesquisa realizada por turmas que já concluíram o Mestrado Profissional em Letras / UFPA (ProfLetras). O objetivo é assinalar a relevância dos temas tratados quanto ao contexto do ensino-aprendizagem da língua portuguesa no que se refere à produção escrita, à leitura, à reflexão sobre os fatos da língua e ao ensino da literatura, bem como divulgar tendências temáticas quanto às pesquisas realizadas. O levantamento desses dados é parte do resultado de um projeto de pesquisa documental que têm, entre outras metas, divulgar para o público de professores da educação básica propostas de intervenção produzidas pelos participantes do Programa, particularmente as atinentes ao ensino de gramática dentro da perspectiva implementada pelo Profletras.

PALAVRAS-CHAVE: ProfLetras; Produção acadêmica; Propostas de intervenção; Tendências temáticas

LÉXICO ESPECIALIZADO E FRASEOLOGIA

AS DUAS CARAS DE UMA MESMA MOEDA: a competência fraseológica e a competência intercultural na Tradução de Eis e na Fraseodidática

Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB)

RESUMO: Fillmore (1979, apud ORTÍZ ALVAREZ, 2002), postula que o estudo das expressões idiomáticas representa uma contribuição para a fluência do falante, pois este deve conhecer, além da gramática e do léxico de uma língua, o repertório de formas cristalizadas e seus significados metafóricos, bem como saber adequá-las a contextos específicos. Neste trabalho esperamos colocar em foco reflexões que possam enriquecer as discussões em torno dos universais fraseológicos, especialmente as expressões idiomáticas, assim como compreender qual é o papel da competência intercultural e da competência fraseológica para o tradutor e para o professor de língua. Espera-se também ajudar a diminuir o preconceito linguístico para aquelas formas não canônicas que fazem parte das línguas-culturas dos povos, mas não da variedade culta da língua, embora deem um colorido especial e dinamicidade a elas (as línguas), constituem um autêntico acervo, um tesouro fraseológico das comunidades sociolinguísticas em todos os tempos.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, expressões idiomáticas; competência fraseológica; competência intercultural; fraseodidática.

ESTUDOS SOBRE O LÉXICO ESPECIALIZADO NO PROJETO GEOLINTERM

Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

RESUMO: Esta comunicação apresenta um resumo dos trabalhos sobre o léxico especializado desenvolvidos no Projeto GeoLinTerm. Destacaremos as principais orientações teóricas e metodológicas seguidas nesses trabalhos, e a relevância destes trabalhos para a descrição e documentação da diversidade linguística e cultural da região Amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico especializado. Projeto GeoLinTerm. Banco de dado terminológico.

MINICURSOS

BANANEIRA QUE JÁ DEU CACHO? AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E SEU SIGNIFICADO METAFÓRICO E PRAGMÁTICO

Prof.^a Dr.^a Maria Luísa Ortíz-Alvarez (UnB)

RESUMO: Muitos são os estudos relativos às unidades fraseológicas que apontam para as suas características formais e conceituais, para a tipologia e classificação destas frases, mas não basta conhecer e compreender o significado e composição delas é preciso reconhecê-las no seu contexto real de uso para evitar constrangimentos e mal-entendidos no processo de comunicação. De acordo com Riva e Camacho (2010, p. 195), *o falante de uma língua lança mão dos idiomatismos com muita frequência, porque, embora as línguas disponham de meios para expressar objetivamente os acontecimentos, os sentimentos, as ideias etc., há a vontade do falante de comunicar experiências de maneira mais expressiva, por meio de combinações inusitadas.* Compreende-se que, por conta de sua alta frequência, as EIs têm papel fundamental na comunicação, pois os falantes conseguem passar ao receptor, especificidades que não seriam expressas somente por meio do linguajar padrão. O objetivo deste minicurso vai além dessa questão, pois pretendemos mostrar até que ponto as expressões idiomáticas incluídas em determinado campo semântico conseguem traduzir o significado da imagem que esse campo representa na sua essência e conteúdo e assim poder justificar o pragmatismo dessas unidades em contextos específicos, pois estes últimos fornecem diversos dados sem os quais seria difícil atingir o sentido e o próprio uso da expressão idiomática em questão.

PALAVRAS-CHAVE: campo semântico, pragmatismo; expressões idiomáticas, significado.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA AS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Prof.^a Dr.^a Ana Suely Câmara A. Cabral (UnB)

RESUMO: Unidade I – Recortes temporais das Políticas das línguas Indígenas no Brasil: (i) Do período Jesuítico ao Diretório dos Índios. (ii) A contribuição dos viajantes para o conhecimento linguístico das línguas e culturas indígenas. (iii) A linguística Descritiva e Histórica e as línguas indígenas no Brasil: contribuições de Rosário Farâni Mansur Guério, Joaquim Matoso Câmara Junior e Aryon Dall’igna Rodrigues. Unidade II – O estudo científico das línguas indígenas no Brasil: (i) A Institucionalização da pesquisa das Línguas Indígenas no Brasil e o seu reconhecimento pelas agências de fomento à pesquisa científica. (ii) O primeiro projeto de documentação de Línguas Indígenas Brasileiras e seus desdobramentos. Unidade III – Políticas linguísticas das línguas indígenas em uma perspectiva constitucional: (i) Territorialidade, saúde, protagonismo indígena, fortalecimento linguístico e cultural, educação diferenciada. (ii) Inclusão Social: Os primeiros mestres e doutores indígenas em linguística e novas epistemologias para a documentação e salvaguarda das línguas Indígenas. (iii) Inventário Nacional da Diversidade Linguística – Decreto nº 7.387, de 09.12.2010. Unidade IV: Política linguísticas para as Línguas Indígenas do Brasil: perspectivas e desafios no século XXI.

INTRODUÇÃO À ETNOGRAFIA

Prof.^a Dr.^a Raquel da Silva Lopes (UFPA)

RESUMO: Pela presente proposta, objetiva-se aproximar o pesquisador em Ciências da Linguagem de algumas premissas teórico-metodológicas da Etnografia, aqui considerada como um procedimento de produção de conhecimento, para muito além de uma ‘metodologia’ de coleta de dados. Nessa perspectiva, a Etnografia se configura como abordagem muito produtiva para a compreensão de fenômenos de linguagem porque tem o potencial de conjugar sensibilidade estética, exercício crítico de juízos e plasticidade descritivo-analítica. Epistemologicamente, haveria algo mais radical do que escrever o outro? Pelo olhar etnográfico, esse outro tão diferente e tão igual, tão próximo e tão distante, se nos apresenta como virtualidade ético-existencial, como continuidade de nós mesmos, como outra possibilidade legítima de ser. Nada mais oportuno e necessário a uma ciência que se pretende campo de investigação do que há de mais humano em nós: a Linguagem.

SEMÂNTICA NA DIALETOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Prof.^a Dr.^a Marcela Paim (UFBA)

RESUMO: O minicurso abordará uma apresentação crítica dos problemas de ordem semântica que ocorrem na investigação dialetológica do português. Discorrerá sobre a importância do estudo da variação dialetal no Brasil, atentando para a diversidade linguística na perspectiva da dialetologia pluridimensional. Serão apresentados problemas de ordem semântica que podem ocorrer na investigação dialetológica do português e pesquisas dialetais que dialogam com a Semântica.

CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias (UFPA)

Prof. Dr. Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

RESUMO: O presente minicurso tem como objetivo introduzir o uso do software de georreferenciamento QGIS (versão 2.18) aplicado aos dados de natureza Geossociolinguística monodimensionais e/ou pluridimensionais. O software QGIS provê a visualização e edição de dados georreferenciados, por meio de camadas raster e/ou vetoriais, que compõem cartas, mapas ou cartogramas. A partir do uso do QGIS é possível gerar atlas temáticos, mapas para impressão final e demais produtos cartográficos.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS: LEITURA, ENSINO E ORALIDADE

Prof. Dr. Zair Henrique Santos (UFOPA)
Prof.^a M.Sc. Marília Fernanda Pereira Leite (UFOPA)

RESUMO: Este Simpósio Temático se propõe a reunir pesquisadores que se dedicam aos estudos relacionados às temáticas Práticas de leitura e ensino em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas e História oral, memória e narrativas das populações amazônicas. Nossa proposta temática está vinculada as discussões e pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de estudo, leitura e intervenção em literatura infanto-juvenil na escola – LELIT da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, coordenado pelos professores Luiz Percival Leme Britto e Zair Henrique Santos. Considerando a necessidade de valorização das culturas tradicionais dos povos da região amazônica nas práticas educativas realizadas nas escolas presentes em suas comunidades, e ao reconhecer que a Literatura é indispensável para a humanização do homem (CANDIDO, 2011), privilegamos para o debate e as reflexões, propostas de trabalhos que possuam dimensões teóricas e metodológicas relacionadas à educação, ensino, leitura e literatura relacionadas ao contexto escolar de comunidades tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino. Comunidades tradicionais. Literatura. Leitura.

ESCOLA INDÍGENA 19 DE ABRIL: ENSINO PAUTADO NO DIÁLOGO ENTRE OS SABERES TRADICIONAIS KRAHÔ (*SABERES MEHĩ*) E OS SABERES ESCOLARES (*SABERES CUPẽ*)

Aurinete Silva Macedo - UFT

RESUMO: A Escola Indígena 19 de Abril está situada na aldeia Krahô Manoel Alves no município de Goiatins, no estado do Tocantins. O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado intitulada Saberes Tradicionais Krahô e Educação Escolar Indígena: um diálogo possível na Escola Indígena 19 de Abril. Apresentaremos como a escola tem desenvolvido um ensino pautado no diálogo entre os saberes tradicionais da comunidade local e o conhecimento da sociedade não indígena. A referida pesquisa fundamenta-se nos estudos de Melatti (1967, 1970, 1972, 1973, 1978, 1993), Almeida (2010), Carneiro da Cunha (1998, 2013), Foucault (2008), Luciano (2006; 2010, 2011), Santos (2006, 2009), Fleuri (2003), Candau (2002), Maher (2006), D'Angelis (2006, 2012), Albuquerque (2007), Grupioni (2000; 2006) Meliá (1999). Para alcançarmos nossos objetivos, desenvolvemos pesquisa de campo do tipo etnográfico com observação participante e análise e descrição dos dados. Percebemos que o povo Krahô tem procurado fazer da educação escolar uma ferramenta para o fortalecimento de sua língua e cultura. Para tanto, a comunidade Krahô e a escola mantêm um diálogo constante e procuram fazer, do espaço escolar, um espaço de interação entre os saberes tradicionais Krahô (*saberes mehĩ*) e os saberes escolares (*saberes cupẽ*).

PALAVRAS-CHAVE: Krahô. Saberes Tradicionais. Saberes Escolares. Diálogo.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: TURMA DO AÇAÍ, UMA ANÁLISE NA NARRATIVA PARAENSE

Jaqueline Mirian Muniz Bandeira (UNAMA)
Vítor da Silva Melo (UNAMA)

RESUMO: As histórias em quadrinhos, ou comumente chamadas de HQs, constituem um difundido gênero discursivo que trabalha o discurso verbo-visual. No caso do personagem em destaque na história, o seu percurso durante a narrativa é de sobremaneira importante, pois se vale de elementos da cultura amazônica, que se sabe, é rica em lendas, tradições e linguagens, assim os personagens são falantes do Papachibé. Tendo como base Rosinaldo Pinheiro da Fonseca, oriundo do município de Igarapé Mirim, criador da “Turma do açaí”, HQ composta por personagens infantis inspirados na cultura paraense. Para sustentar as ideias apresentadas serão utilizados os conceitos de Loureiro (2001, p. 42) afirma que a cultura amazônica é dinâmica, original e criativa, considerando-se que revela, interpreta e cria a sua realidade. Este trabalho tem como objetivo analisar de que forma se dá a valorização da cultura amazônica nas HQ da “Turma do açaí”. O estudo apontou que os quadrinhos da “Turma do açaí” contribuíram para o resgate e a valorização cultural paraense, através das representações nos personagens como o uso da fala e expressões. Além da responsabilidade de divulgar os costumes amazônicos como humor, podendo despertar a curiosidade por parte do leitor em conhecer o gênero literário, sem deixar de provocar o riso que é típico das histórias em quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: História em quadrinhos, Cultura Amazônia, Cultura Paraense.

MATERIAL DIDÁTICO EM LÍNGUA INDÍGENA *PARKATÊJÊ*: UM ENCONTRO CULTURAL

Francinete de Jesus Pantoja Quaresma (SEDUC/PA)
Karina Figueiredo Gaya (UFPA)

RESUMO: O estudo tem como objetivo enfatizar a pertinência do conceito de prática discursiva na abordagem do processo de produção de sentidos do exercício enunciativo de elaboração de material didático em língua indígena *parkatêjê*. Dessa forma, tomamos como proposta metodológica e pressupostos teóricos os postulados de Dominique Maingueneau (1997; 2008), a fim de evidenciar que compreender o conceito de prática discursiva, nessa abordagem, nos auxiliará, enquanto pesquisadoras, a entender a maneira como devemos produzir o material didático indígena *parkatêjê*. A realização deste estudo aponta para a conclusão de que a produção de material didático é uma tarefa que exige o reconhecimento das transferências de saberes e a capacidade de gerenciá-las, mais especificamente o gerenciamento da transferência de saberes das pesquisadoras para os indígenas *Parkatêje* e vice versa. O trabalho fundamenta-se em teóricos da Análise do Discurso: Maingueneau (1997; 2008); da Linguística Aplicada: Lajolo (1996), Tomlison (2004) e Vilaça (2009; 2011; 2012), dentre outros; e da Descrição de Língua Indígenas: Rodrigues (1999), Ferraz (2000), Ferreira (2003) e Araújo (2001). A metodologia aplicada para realização do mesmo consiste em pesquisa bibliográfica da literatura mencionada.

PALAVRAS-CHAVE: Prática discursiva. Língua indígena *parkatêjê*. Material didático.

ERA UMA VEZ UM BOTO...

Camila Miranda Baia (UFOPA)

RESUMO: *Era uma vez um boto...* é uma pesquisa que trata sobre o romance de Dalcídio Jurandir *Três casas e um rio*, o terceiro do ciclo do extremo norte (projeto literário do escritor), a investigação examina a presença da lenda e narrativas populares orais do Boto na personagem Edmundo Meneses, homem estrangeiro com características de um inglês, sedutor e que desaparece de forma misteriosa. Apoiado em Durand (1997), Zumthor (1993), Furtado (2002) e Santos (2006), a investigação é de cunho bibliográfico. A leitura analítica do romance comparado com narrativas orais populares aponta preliminarmente que Edmundo Meneses pode ser um personagem literário inspirado no imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Imaginário, Boto, Três casas e um rio.

PESQUISA-AÇÃO EM SOCIOLINGÜÍSTICA: VERTENTES E PERSPECTIVAS

Prof.^a Dr.^a Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq)

RESUMO: A Sociolinguística tem se revelado uma área bastante interdisciplinar e frutífera entre os estudiosos da Língua Portuguesa. Essa interdisciplinaridade, própria, dessa subárea da linguística tem proporcionado o cruzamento de diferentes metodologias que ajudam a compreender melhor o funcionamento da língua enquanto produto social. Nesse sentido, este simpósio objetiva discutir diferentes propostas teórico-metodológicas empreendidas em pesquisas sociolinguísticas que tem como objeto a língua portuguesa com intuito de promover a troca de experiências na pesquisa quali-quantitativa e contribuir para o avanço de novas pesquisas na área. Justifica-se sua realização por englobar diferentes perspectivas sociolinguísticas e possíveis diálogos entre elas, favorecendo a interdisciplinaridade. Nesse sentido, serão aceitas propostas que trazem resultados de análises empíricas do português brasileiro, nos diferentes níveis linguísticos, relacionadas com o eixo social e/ou variação ou mudança linguística, atitudes linguísticas, redes sociais e sociofonética.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Pesquisa-ação. Interdisciplinaridade.

DESVOZEAMENTO VOCÁLICO: O QUÊ É? COMO SE FAZ?

Giselda da Rocha Fagundes (UFPA)

RESUMO: O desvozeamento, de forma geral, compreende a perda do traço sonoro ou vozeado de um som, em resultado da sua situação contextual (CRYSTAL, 1988). No Português Brasileiro o único trabalho que descreve este fenômeno nas vogais, desta feita, em posição postônicas, é o de Meneses (2012) e (2016), contudo tem se registro do fenômeno de desvozeamento vocálico em muitas línguas do mundo, em especial no japonês. Com a contribuição dos estudos de Menezes e a partir dos dados coletados por Cruz (2011), Cruz, Costa e Silva (2012) e Fagundes (2015), que observaram a ocorrência de desvozeamento em contexto pretônico de vogais médias percebidas como altas, levantamos a necessidade de descrever o ambiente em que ocorre o desvozeamento das vogais altas pretônicas do Português falado na Amazônia Paraense. Por tanto, este estudo tem como objetivo apresentar um levantamento teórico metodológico que nos possibilita uma melhor compreensão do fenômeno estudado uma vez que, não há registro de sua ocorrência no Brasil além das identificadas por Cruz (2011), Cruz, Costa e Silva (2012) e Fagundes (2015) em suas pesquisas sobre o Português falado na Amazônia Paraense, o que torna inédita esta nova vertente de investigação das vogais pretônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Desvozeamento. Fonologia de Laboratório. Fonética Acústica.

OS PADRÕES PROSÓDICOS DOS AGRUPAMENTOS NUMÉRICOS

Juliana de Amorim Marques (UFPA/PPGL)

Thais da Silva Souza (UFPA/FALE)

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar dos padrões prosódicos dos agrupamentos numéricos na variedade do português falado em Belém, inicialmente os agrupamentos contidos nos Números telefônicos e nos documentos oficiais, especificamente o Registro Nacional de Condutores Habilitados (RENACH) e Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). O *corpus* compreende 40 números de telefones (10 de emergência; 10 de telefones convencionais; 10 celulares e; 10 de ligação gratuita); 40 números de documentos (20 de CPF e 20 de RENACH). Metodologicamente, para este trabalho, formar-se-á uma amostra de 40 falantes nativos de Belém composta com o perfil estratificado em sexo masculino e feminino; faixas etárias - de 15 a 30 anos (grupo I) e acima de 30 (grupo II). Durante a coleta de dados, os números de telefones foram apresentados aos participantes da pesquisa um após o outro aleatoriamente com a utilização de um slideshow com intervalo de 7 segundos. Cada locutor produziu 6 vezes cada sequência numérica para selecionarmos as 3 melhores repetições de cada dado (Cruz et al, 2012). Aplicam-se aqui os procedimentos adotados por Almeida (2017), Musiliyu e Oliveira Jr. (2015) e Silva (2015), que são os seguintes: a) Isolamento das repetições em arquivos individuais; b) segmentação no programa Praat com EazyAlign; d) aplicação dos scripts MOMEL, INTSINT e PROSOGRAM que fornecerão níveis de intensidade, tempo, dos dados obtidos, individualmente no programa Praat; e) Identificar as categorizações numéricas e decimais recorrentes. Prevê-se uma análise comparativa dos resultados obtidos com os Musiliyu e Oliveira Jr. (2015) e Almeida (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia. Números. Agrupamentos. Documentos Oficiais.

A VARIAÇÃO, NA PÓDOSE, ENTRE O FUTURO DO PRETÉRITO E O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO EM CONTEXTOS HIPOTÉTICOS NA FALA DE ALAGOANOS: AS CATEGORIAS SEMÂNTICO-DISCURSIVAS DE TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo ampliar os estudos sobre a variação entre as formas verbais de futuro do pretérito (FP) e de pretérito imperfeito do indicativo (PII), na apódose, em construções hipotéticas iniciadas por *se*, mediante uma pesquisa de campo na comunidade de fala alagoana, considerando as categorias de tempo, aspecto e modalidade. Para tanto, além das formas sintéticas de FP e de PII, as construções perifrásticas V(FP)+INF e V(PII)+INF foram consideradas como variantes para fins de descrição e análise dos dados. O princípio teórico-metodológico que embasa esta pesquisa está pautado na proposta difundida por Labov (2008[1972], p. 125), que considera a língua em uso dentro da comunidade de fala. Para a análise quantitativa dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb X (2005) que, com a apresentação dos termos percentuais e do peso relativo, contribuiu para a sistematização das variáveis em estudo. Constatamos que a construção perifrástica

favorece o PII como forma substitutiva de FP em orações condicionais. Pudemos verificar também que o verbo auxiliar ir, quando em contextos perifrásticos, é a forma verbal mais recorrente na fala de alagoanos, o que nos permitiu inferir que esse verbo auxiliar pode estar em processo de gramaticalização no português falado em Alagoas. Quanto às variáveis em estudo, o programa computacional considerou a modalidade, dentre os nove grupos de fatores, como a que desfavorece a alternância verbal na fala de alagoanos. Das demais, a escolaridade foi considerada a mais significativa. Acreditamos que o fenômeno linguístico em estudo seja pautado pelo princípio da escolarização, e que a variação estilística pode favorecer o emprego de FP, quando há maior nível escolar. Todos os resultados confirmaram a hipótese de que fatores linguísticos e sociais favorecem o emprego de PII, na apódose, quando em contextos hipotéticos.

PALAVRAS-CHAVE: Construções perifrásticas. Forma sintética de FP e de PII. Variação linguística. Oração condicional. Contexto hipotético.

QUANDO AS PALAVRAS JÁ FORMADAS NÃO NOS BASTAM: INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DO NEOLOGISMO EM BLOGS MARANHENSES DE CUNHO POLÍTICO

Renato Gomes dos Santos (UFMA)

RESUMO: Objetivamos, nesta comunicação oral, refletir sobre o uso dos neologismos no blog maranhense de cunho político, analisando-o como manifestação linguística de uma comunidade de fala. Descrever a língua usada nos blogs políticos maranhenses, já que apresenta pontos relevantes, sobretudo na função atitudinal dos neologismos. E analisar a produtividade do sistema linguísticos na expansão lexical do português brasileiro na área da política no âmbito jornalístico. Para fundamentar essa pesquisa, ancoramo-nos, fundamentalmente, em autores representativos que trouxeram contribuições sobre o léxico, como Bidermam (2001); sobre a competência linguística e a competência lexical, como Basílio (1980, 2004) e Sandmann (1991); sobre morfologia lexical, Rocha (2008) e Rosa (2011); sobre neologia e neologismo, Guilbert (1975); Boulanger (1979); Alves (1990); Carvalho (1984, 2009, 2012); sobre a comunidade de fala, Labov, (2008[1972]). Como fonte de extração dos nossos dados, selecionamos como corpus quatro blogs maranhenses que tratam de política para analisarmos as publicações feitas entre julho e setembro de 2016, período pré-eleitoral de candidatos a cargos municipais. A metodologia empregada para identificar o caráter neológico é o critério lexicográfico (CABRÉ, 1993). Quanto ao corpus de exclusão, selecionamos três dicionários de grande representatividade: Aurélio (versão eletrônica), Houaiss (versão eletrônica) e Michaelis (versão digital). Entendemos, assim que, no momento que a comunidade de fala de blogueiros faz uso de unidades lexicais neológicas, e essas unidades circulam entre seu grupo de forma similar, há um processo de identificação, não só pela temática política ou por discutirem o mesmo conflito, mas também por se referirem aos mesmos políticos, geralmente a partir dos mesmos fatos, para cuja narrativa fazem constantemente inferências semelhantes e usam com regularidade neologismos. Essas ocorrências constituíram, a princípio, a hipótese de que a comunidade de fala dos blogueiros é um socioleto.

ANÁLISE ACÚSTICA E CARACTERIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS /i/, /e/, /a/, /o/ E /u/ DO PORTUGUÊS FALADO EM BELÉM (PA): UM ENSAIO PRELIMINAR

José Alacid da Silva (UFPA)

RESUMO: O objetivo deste estudo preliminar é caracterizar acusticamente as vogais postônicas não finais /i/ /e/ /a/ /o/ /u/ no português falado por falantes de Belém. A metodologia é baseada nas descrições acústicas realizadas no seio do projeto Norte Vogais sob a coordenação da Professora Dr^a Regina Cruz. O *corpus* foi formado a partir do teste induzido por imagem. No protocolo de teste de imagens, (75) vocábulos selecionados são produzidos pelos informantes diante da projeção de imagens referentes a estes vocábulos, solicitando-lhes que sejam reproduzidos duas ou três vezes para que o melhor sinal sonoro seja considerado na pesquisa. Os vocábulos foram selecionados com base no contexto de alta variabilidade que os mesmos apresentaram em estudos sociolinguísticos realizados anteriormente. O banco de dados é composto com amostra de fala de 6 (seis) informantes nativo da variedade de Belém, estratificados em sexo (feminino), faixa etária (26 a 45 anos; acima de 45 anos) e grau de escolaridade (ensino ensino superior). Este estudo preliminar pretende mostrar como se comportam as vogais /i/ /e/ /a/ /o/ /u/ em contexto postônico não final no português falado por falantes de Belém considerando os parâmetros de F1 e F2.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia Paraense. Caracterização acústica. Vogais Postônicas não finais.

CRENÇAS, ATITUDES E REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA: O CASO DA COMUNIDADE MUNDURUKÚ DO AMAZONAS

Celso Francês Júnior (UFPA)

RESUMO: Este artigo pretende fazer um recorte sociolinguístico no que diz respeito às crenças e atitudes linguísticas da comunidade indígena Mundurukú no Estado do Amazonas em um processo de revitalização. É evidenciada nesta pesquisa a presença de uso do português como língua de comunicação plena na comunidade. A partir dos referenciais teóricos da sociolinguística e da psicologia social, para que se tenha um suporte de cunho adequadamente científico, objetiva-se entender a relação das crenças e atitudes linguísticas com o processo de revitalização nesta comunidade. O interesse desta pesquisa centra-se na atitude que o povo Mundurukú do Amazonas assume no uso da L1 e na língua que possivelmente virão a aprender como forma de resgate de sua identidade. A metodologia adotada é de cunho quantitativo e o corpus da pesquisa é produto de entrevistas semiestruturadas e sistematizadas por questionário. Foram entrevistados 35 alunos de um curso de licenciatura para a formação de professores indígenas, ofertada pela Universidade Federal do Amazonas na cidade de Borba. Atitude é, segundo Lambert (1967 apud AGUILERA, 2008, p. 105), “a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do status e prestígio de seus usuários”. Esta manifestação de preferência por uma língua ou variante linguística de comunidades minoritárias é condicionada pelos grupos sociais de maior prestígio (geralmente comunidades majoritárias). Aqueles que detêm maior poder socioeconômico ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala minoritárias (AGUILERA,

2008). Procurou-se entender, portanto, como a atitude, positiva ou negativa; aceitação ou rejeição pode determinar o futuro de um processo de revitalização. Contudo, observa-se contradição destes elementos na análise das entrevistas, onde os informantes manifestam interesses diferentes de suas ações em relação à língua que querem resgatar.

PALAVRAS-CHAVE: Revitalização. Crenças. Atitude Linguística. Comunidade Mundurukú.

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE CRENÇAS E ATITUDES PARA COMPREENDER AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Jacqueline Ortelan Maia Botassini (UEM)

Resumo: Estudos relacionados ao tema “Crenças e Atitudes Linguísticas” têm apontado pistas para a Sociolinguística na compreensão de questões que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala. Em toda sociedade, as diferenças de “poder” existentes entre grupos sociais distintos podem ser percebidas na variação linguística e nas atitudes para com essas variações. Normalmente, os padrões de uso da linguagem do grupo dominante são referenciados como o modelo necessário para a ascensão social; já o uso de linguagem, dialeto ou sotaque de baixo prestígio reduz as oportunidades de sucesso na sociedade. Pesquisas sobre Crenças e Atitudes linguísticas podem ampliar a discussão sobre os fatores de mudanças linguísticas, sobre a influência no aprendizado de segundas línguas, sobre as questões de prestígio e desprestígio – que levam ao preconceito não só em relação à língua que o outro fala, mas também em relação à comunidade desses falantes. Este trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de Crenças e Atitudes Linguísticas, pretende apresentar os resultados de uma pesquisa realizada com 48 informantes, representantes de três dialetos diferentes (gaúchos, cariocas e norte-paranaenses), com o objetivo de mostrar de que maneira os informantes avaliam a sua variedade linguística bem como a variedade linguística de outros grupos dialetais. Para tanto, utilizaram-se dois questionários que possuem estrutura aberta, permitindo aos informantes emitirem as respostas que julgassem mais adequadas. Os resultados trazem informações sobre crenças e atitudes perante a própria fala, crenças e atitudes perante a fala dos outros, reconhecimento da variedade linguística local, reconhecimento das demais variedades linguísticas em análise, reconhecimento de mudança linguística, crenças e atitudes em relação a fatores sociais, lealdade e deslealdade linguística.

Palavras-chave: Crenças. Atitudes. Sociolinguística.

ANÁLISE ENTOACIONAL NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO ACÚSTICO NO PORTUGUÊS FALADO EM MOCAJUBA (PA), BELÉM (PA) E MAUÉS (AM)

Maria Sebastiana da Silva Costa (UFRA/UFPA)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq)

RESUMO: Este trabalho compreende um estudo comparativo das descrições prosódicas prévias sobre as variedades de Mocajuba (PA), Belém (PA) e Maués (AM) no seio do projeto, Atlas Prosódico Multimídia do Português (AMPER-POR) (COSTA, em andamento). Trata-se de uma abordagem acústica da variação prosódica dialetal, mais precisamente das variações relacionadas aos parâmetros acústicos de frequência fundamental (Hz), duração (ms) e intensidade (dB). Para este estudo, o corpus foi constituído com uma amostra de fala de doze locutores, dois homens e duas mulheres de cada variedade distinta, a saber: Mocajuba (PA), Belém (PA) e Maués (AM) do nível médio e superior de escolaridade. O corpus analisado foi composto de sentenças em duas modalidades entoacionais, declarativa neutra e interrogativa total retirados do corpus AMPER-POR. Para a realização deste trabalho, foram aplicados os mesmos procedimentos metodológicos adotados pelo projeto AMPER. O material gravado sofreu, então, seis etapas de tratamento: a) codificação das repetições; b) isolamento em arquivos de áudio individuais; c) segmentação vocálica dos sinais selecionados no programa PRAAT; d) aplicação do script amper PRAAT; e) seleção das três melhores repetições e; f) aplicação da interface Matlab. Uma vez concluída as seis etapas, procedeu-se a análise acústica multiparamétrica. Os valores de F0 foram estilizados pelo programa Prosogram (MERTENS, 2004) também foram normalizados os valores de duração e a intensidade dos dados, em z-score (CAMPBELL, 1992). Na comparação entre as três variedades alvo, evidenciou-se que tanto no sexo feminino como no masculino e nas duas modalidades entoacionais, em estudo, a frequência fundamental e a intensidade resultaram como fatores determinantes de distinção. A duração, embora seja um parâmetro relacionado à entoação (MOUTINHO; COIMBRA, 2010) não resultou como determinante de distinção entre os dialetos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia amazonense. AMPER. Acústica.

NOMES PRÓPRIOS E GENÉRICOS NA IDENTIFICAÇÃO DE PERSONAGENS EM NARRATIVAS INFANTIS

Lorena Bischoff Trescastro (Estácio Belém)

RESUMO: Partimos do pressuposto de que a cultura infantil tem identidade própria, pois a criança é um sujeito social que tem uma produção simbólica diferenciada da do adulto, ainda que influenciada por uma cultura mais ampla (SARMENTO, 2008). Este trabalho tem por objetivo investigar a atribuição de nomes próprios ou genéricos aos personagens em narrativas infantis. Metodologicamente, a análise de narrativas infantis demanda que se considerem as condições de produção, circunscritas e legitimadas pela instituição escolar, e reconheça a singularidade na escrita da criança, enquanto um sujeito histórico e social (GOUVEA, 2008). O corpus é constituído de 25 textos escritos por crianças de 8 anos de idade, sendo 13 meninos e 12 meninas, do 3º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas municipais de Belém, no período de 2010 a 2015. Duas questões nortearam a análise: (1) que nomes foram atribuídos aos personagens nas

narrativas infantis?; (2) nos textos, predominou o uso de nomes próprios ou genéricos na nomeação dos personagens?. Os personagens e suas ações se destacam na narratividade infantil, com o predomínio da estrutura frasal ‘sujeito+verbo+objeto’ (BRUNER, 1997). Das 25 narrativas analisadas, 22 apresentaram nomes genéricos para se referir aos personagens, 10 fizeram uso de nomes próprios para nomear o protagonista da história e, nas cinco narrativas do tipo relato pessoal e autobiográfico (LABOV, 1972 *apud* SPINILLO, 2010), observou-se o emprego de pronomes pessoais. De modo geral, constatou-se o predomínio do uso de nomes genéricos e a omissão parcial dos nomes próprios dos personagens em narrativas escritas por crianças. As condições de produção da escrita e as características textuais da narrativa também influenciaram a nomeação dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa infantil. Nomeação de personagens. Nomes próprios e genéricos.

ANÁLISE COMPARATIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM SÃO LUÍS E BELÉM: UMA ABORDAGEM GEOPROSÓDICA

Brayna Conceição dos Santos Cardoso (UFPA)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq)

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados de um estudo acústico sobre a variação prosódica dialetal do português brasileiro (PB) falado em duas capitais da amazônia brasileira, em uma perspectiva comparativa. Mais especificamente trata-se do mapeamento das semelhanças prosódicas do PB falado pelos ludovicenses e belenenses, uma vez que em seus processos colonizatórios essas localidades obtiveram o mesmo tipo de influência, a saber, influência açoriana. Para a análise, selecionamos 33 frases do *corpus* AMPER inicial, produzidas em duas modalidades entoacionais (declarativa neutra e interrogativa total), por um locutor nativo de cada variedade. Utilizamos os arquivos AMPER contendo as medidas acústicas das 3 melhores repetições de cada sentença (.TXT). Ao todo foram 396 dados analisados (33 sentenças x 2 modalidades entoacionais x 3 melhores repetições x 1 locutor nativo x 2 variedades). A metodologia aplicada toma por base o projeto AMPER. Para o tratamento dos dados procedemos à análise acústica, por meio do software PRAAT, com aplicação de *scripts* criados por Albert Rilliard. Após a realização desses procedimentos os dados foram normalizados, a média de F0, expressa em semitons (ST), considera a variação de registro ligada ao falante; o delta F0 (ST) apresenta a diferença de F0 entre as vogais alvo e as vogais precedentes, com uma medida de F0 relativa a cada uma das vogais; a duração das unidades V-V (cf. Barbosa, 2007) é calculada, e depois padronizada para tirar diferenças de ritmo de falante, sendo expressa em z-score (cf. Campbell, 1992); a intensidade das vogais, expressa em decibéis (dB), é normalizada considerando a variação relativa às condições de gravação, com o cálculo de uma média para cada locutor. As análises comprovam que o parâmetro físico F0, duração e intensidade são determinantes para a caracterização prosódica das variedades ludovicense e belenense.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Prosódica. Projeto AMPER. Português Brasileiro.

ESTUDO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS FALADO NA ÁREA URBANA DA CIDADE DE CAMETÁ/PA: CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA

Josivane do Carmo Campos Sousa (UFPA)
Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/CNPq)

RESUMO: O presente trabalho, vinculado ao Projeto de Pesquisa Norte Vogais, teve como objetivo analisar as vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/ no português falado na área urbana da cidade de Cametá/PA, variedade até então totalmente inexplorada em termos de análise acústica. Para tanto, aplicaram-se todos os procedimentos adotados pelo projeto Norte Vogais na investigação acústica das vogais pretônicas no português falado na Amazônia Paraense (CRUZ *ET AL* 2012; CRUZ, 2012), a saber: a) *corpus* padronizado; b) amostra estratificada; c) coleta; d) codificação; e) segmentação dos dados no PRAAT; f) aplicação do *script praat Analyser Tier*; g) análise estatística; h) inserção dos dados no banco de dados do Projeto Norte Vogais (CASTRO, 2017). A amostra foi constituída por 06 colaboradores da faixa etária de 15 a 25 anos (03 do sexo feminino e 03 do sexo masculino), conforme os três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior). Os dados foram coletados por meio do protocolo de indução por teste de imagem, no qual foram apresentados os dados que compõem o *corpus* de 72 vocábulos contendo as vogais médias alvo. Para o tratamento dos dados, foi feita segmentação em seis níveis no programa *Praat*: (1) vowel duration (transcrição fonética da vogal pretônica); 2) vowel (transcrição fonológica da vogal pretônica); 3) syllable (sílabas); 4) word_target (palavra-alvo (pertencente ao corpus de análise); 5) word (palavra (qualquer palavra com vogal pretônica) e 6) utterance (enunciado), bem como a tomada de medidas acústicas da parte central de cada vogal alvo considerando-se os parâmetros acústicos de F1, F2, F3, F0 intrínseca e duração com a aplicação do *script analyse_tier.praat*. A análise estatística foi feita no programa Excel, por meio do cálculo de média e desvio padrão a fim de ser verificar a relevância dos dados. Os resultados do presente trabalho foram comparados aos de Moraes (2015), Souza (2015) e Souza *et al* (2015). Assim, verificou-se que, tendo como referência os parâmetros acústicos de F1 e F2, as variantes [i], [e], [E], [u], [o] e [O] aparecem bem distribuídas no espaço acústico, apresentando uma distância equivalente entre si, marcada pela centralização da variante posterior alta [u]. Quanto a F3, confirmou-se que as frequências são realmente mais baixas para as variantes posteriores, comprovando-se que o arredondamento dos lábios tende a abaixar a frequência dos formantes. Além disso, as frequências de F3 são mais altas na fala feminina. Quanto ao parâmetro de F0 intrínseca, os resultados assemelham-se aos apresentados em Souza *et al* (2015) para a variedade de Cametá rural, pois também os resultados do presente trabalho mostraram a proximidade entre os valores obtidos e submetidos a testes-T, não encontrando diferenças significativas entre as variantes. Por fim, quanto ao parâmetro acústico de duração, verificou-se maiores valores para as vogais produzidas por colaboradores do sexo feminino, sendo as médias altas mais prolongadas que as demais. Os dados também indicam que, para o sexo masculino, grau de abertura e duração são inversamente proporcionais, ou seja, quanto maior o grau de abertura, menor a duração da vogal produzida em posição átona pretônica.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia Paraense. Caracterização acústica. Vogais Médias Pretônicas.

NA FALA DE NÓS NÃO SE USA NOSSO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE BAIXIO/SÃO JOSÉ DO PIAUÍ

Valdisnéia Lucia de Sousa (UFPI)
Iveuta de Abreu Lopes (UFPI)

RESUMO: O presente trabalho se situa na área da sociolinguística e consiste na proposta de pesquisa para a elaboração da nossa dissertação de mestrado. Temos como tema a abordagem de um aspecto marcante da fala de uma comunidade do interior do Piauí, Baixio, em São José do Piauí, que se trata da substituição do pronome possessivo *nosso* pela expressão *de nós*. Objetivamos identificar e analisar os fatores que condicionam essa variação na variedade linguística utilizada pela comunidade em questão, levando-se em consideração variáveis linguísticas e sociais. Com base em nossa investigação, pudemos constatar que as análises que abordam a variação de pronomes centram-se em variações entre *tu* e *você*, entre *teu* e *seu* e entre *nós* e *a gente*, desse modo, a realização dessa pesquisa justifica-se, principalmente, por essa lacuna sobre a variação entre *de nós* e *nosso*, além disso, ela poderá contribuir para amenizar o preconceito linguístico, pois mostra que a variação linguística é algo inerente as línguas naturais. Para obter os dados, faremos gravações com 40 informantes, agrupados em 5 células diferentes, levando-se em consideração a faixa etária, a escolaridade e o sexo. Essas gravações serão realizadas em duas etapas, inicialmente gravaremos situações naturais de comunicação, depois, faremos gravações de falas obtidas por meio do uso de questionário direcionado. Na teoria fazemos a contextualização histórica da Língua portuguesa, tratamos da variação linguística, seus diferentes tipos e aspectos nela envolvidos, ainda tratamos do sistema pronominal português e sobre o genitivo latino, para tal, nos baseamos em autores como, Coutinho (1976), Monteiro (2000), Calvet (2002), Tarallo (2003), Mollica (2004), Naro (2004), Faraco (2005), Alkmim (2006), Camacho (2006), Labov (2008). Parcialmente, temos como resultados, a conclusão de que esta variação constitui uma variação diatópica, ou seja, é um traço linguístico que está relacionado ao espaço geográfico, caracterizando e diferenciando a fala da comunidade da de outras comunidades, tendo como principal fator condicionante o fato do indivíduo ter nascido e sempre ter morado na comunidade ou ter se inserido nela há muitos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação Linguística. Língua e Sociedade.

CATEGORIZAÇÃO DOS REGISTROS GRÁFICOS DO <R> EM CODA SILÁBICA INTERNA NA ESCRITA INFANTIL ESCOLAR

Elaine Patrícia do Nascimento Modesto (UFPA)
Nair Daiane de Souza Sauer Vansiler (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados da análise dos registros do grafema <r> pós-vocálico em coda interna na escrita infantil escolar. Os dados aqui utilizados foram extraídos do Projeto PAPIM nas versões 2014 (14560131023 - “Levantamento, diagnóstico e análise das omissões ortográficas na escrita infantil com perspectiva de intervenção pedagógica”) e 2015 (PAPIM 20155401310277 – Análise e diagnóstico das omissões ortográficas na escrita infantil escolar). Os objetivos do

trabalho foram: I) Analisar os registros do grafema <r> em posição de coda silábica interna na escrita infantil escolar; II) Verificar as ocorrências do grafema <r> em contexto pós-vocálico; III) Caracterizar os erros da escrita do <r> em contexto pós-vocálico. Para iniciar a análise, os dados coletados foram tabulados em uma planilha *excel* contendo 13 colunas (A-M) referentes a: Código do aluno, série, sexo, repetência, ano(série), turma, tipo de coleta, etapa, forma grafada, palavra alvo, ocorrência de omissão, omissão em parte da sílaba ou sílaba completa. Nesse sentido, a análise evidencia a complexidade da natureza do grafema <r> e, portanto, confirma a dificuldade encontrada pelos alunos para registrá-lo, demonstrando um alto índice de omissões ou variações desse grafema. Ao todo foram analisados 532 dados produzidos por 91 alunos de 3º e 4º ano do ensino fundamental da E.E.E.F.M Acácio Felício Sobral de Belém/PA. Os principais resultados obtidos foram: I) O alto índice de desvio da norma padrão (63,34%); II) A maioria desses erros ocorreu com o apagamento da coda (74,77%); III) Substituição do grafema <r> em coda por outros grafemas (25,23%). Esses resultados demonstram a complexidade da escrita infantil escolar bem como a necessidade dos docentes estarem sempre atentos às maiores dificuldades de seus alunos, buscando desenvolver didáticas capazes de fazê-los compreender as particularidades da escrita, obtendo êxito no processo de ensino nas séries iniciais.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da escrita; omissões ortográficas; escrita escolar.

AVALIAÇÃO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO NORDESTE DO PARÁ

Jany Éric Queirós Ferreira (UFPA)

RESUMO: este trabalho objetiva apresentar resultados preliminares da pesquisa em Atitudes e Crenças linguísticas (em andamento) realizada em Aurora do Pará, região Nordeste do Estado do Pará, com falantes residentes dessa localidade, de origem cearense e seus descendentes, paraenses nativos. A importância dessa pesquisa deve-se justamente pela contribuição que trará à Região no sentido de diminuir lacunas existentes devido a quase inexistência de pesquisas dessa natureza. Além de contribuir para a compreensão da variação e mudança linguísticas, e conseqüentemente auxiliar no combate ao preconceito linguístico (AGUILERA E SILVA, 2014). O exame do fenômeno das vogais médias pretônicas foi realizado na fala de grupos de migrantes cearenses e de seus descendentes na localidade, tendo como base uma amostra estratificada como fizera Bortoni-Ricardo (1985). Constatou-se que os migrantes cearenses estão perdendo sua marca dialetal, a variante de abaixamento. A partir dos resultados de Ferreira (2013) embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, bem como em pesquisas focadas em crenças e atitudes linguísticas (LAMBERT, LAMBERT, 1968; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; CALVET, 2004; LABOV, 2008; BOTASSINI 2013; FREITAG e SANTO, 2016) analisaremos a amostra de 4 desses informantes (dois migrantes, homem e mulher; e dois descentes, homem e mulher). A partir da aplicação da técnica verbal *guise test* comporemos o corpus para posterior análise. Acreditamos que o comportamento dos falantes (componente conativo), em relação ao uso das vogais médias pretônicas, seja reflexo de suas crenças (componente cognitivo) e de seus sentimentos (componente afetivo) em relação à variável em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação linguística. Atitude linguística. Variação linguística.

ASPECTOS GEOPROSÓDICOS DO PORTUGUÊS FALADO EM BELÉM (PA), BAIÃO (PA) E BORBA (AM): UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CORPORA AMPER-POR

Rosinele Lemos e Lemos
Camila Roberta dos Santos Brito
Regina Célia Fernandes Cruz

RESUMO: Apresenta-se aqui um mapeamento de semelhanças prosódicas de três variedades do português faladas na Amazônia brasileira: Belém (PA), Baião (PA) e Borba (AM) com base nos resultados de Lemos (em andamento) e Brito (2014). Este estudo geoprosódico partiu do interesse de investigar marcas prosódicas de origem açoriana no português amazônico, já que, segundo Coates (1998), há registros de açorianos que migraram à capitania do Grão-Pará e Maranhão, no século XVII. Para este trabalho, selecionaram-se dados de fala masculina, de três locutores de baixa escolaridade e com idade acima de 30 anos, nativos de cada variedade alvo. O corpus analisado é composto por 3 melhores repetições de 33 sentenças declarativas neutras e 33 sentenças interrogativas totais retiradas do corpus AMPER-POR inicial, nos quais há vocábulos representativos de cada pauta acentual: oxítone, paroxítone e proparoxítone, totalizando um corpus de 198 repetições para cada variedade. O foco das análises incidiu nas variações dos parâmetros acústicos de F0 (Hz), duração (ms) e Intensidade (dB), controladas no Sintagma Nominal Final do enunciado. Para comparar os dados acusticamente, foram utilizados os arquivos TXT, TextGrid e WAV dos corpora AMPER relativos às 3 melhores repetições de cada uma das sentenças selecionadas. Os parâmetros acústicos analisados foram normalizados: a F0 (Hz) pelo software Prosogram (MERTENS, 2004); a duração (ms) em unidades VtoV (BARBOSA, 2007) e; a intensidade (dB) em z-score (CAMPBELL, 1992). O referencial teórico adotado baseia-se nos pressupostos da Fonética Acústica, mais precisamente, na análise prosódica da fala, haja vista a comparação de segmentos acústicos distintos dos enunciados. (BARBOSA & MADUREIRA, 2015). Assim, como uma das hipóteses desse estudo é de que essas variedades se assemelham prosodicamente, apesar da distância geográfica entre o Pará e o Amazonas, espera-se confirmar ou não se há similaridade prosódica entre as três variedades amazônicas pesquisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto AMPER. Variação Prosódica. Amazônia Brasileira. Análise Acústica.

MANO (A) COMO TRAÇO LINGÜÍSTICO IDENTITÁRIO DO FALAR PARAENSE

Kéttelen Mayara Tavares Brito (UFPA)
(Orientadora) Raquel Maria Da Silva Costa (UFPA)

RESUMO: Esta pesquisa apresenta um estudo sobre “A variação das formas de tratamento nominais *mano (a)*, *amiga (miga)*, *amor e querido (a)* no português falado entre os jovens universitários do campus do Tocantins/Cametá-PA”. Vincula-se ao projeto “As formas de tratamento e as redes sociais em Cametá-PA”. O trabalho objetiva analisar, considerando fatores linguísticos/pragmáticos e extralinguísticos e estilísticos, o comportamento variável desta forma nominal de segunda pessoa, utilizada

pelos universitários do Campus do Tocantins- PA, região norte do estado do Pará. Tomará como base de análise a *Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Quantitativa* (cf. WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2004). O *corpus* para análise foi obtido por meio de 8 gravações de situações interacionais, com os sujeitos-informantes desta pesquisa. Em cada uma dessas situações comunicativas face à face, contamos com a participação, de um grupo focal constituído por 04 sujeitos-informantes, todos participantes da pesquisa, estratificados de acordo com a faixa etária (02 de 16-21 anos e 02 de 24-29 anos de idade); procedência (02 cametaense e 02 não cametaense); e sexo (02 masculino e 02 feminino. Além dos 04 (quatro) informantes da pesquisa, poderão outros falantes participar das interações face a face, porém não serão considerados para efeito de análise neste trabalho. Os grupos focais foram formados tanto por participantes de maior intimidade e contato entre si, como por aqueles de maior distanciamento social e contato linguístico. O tema discorrido em cada grupo focal foi delineado de acordo com o curso dos estudantes e/ou temas que sejam de relevância social acadêmica para todos os envolvidos no grupo. Os dados foram analisados pelo pacote dos programas da série GOLDVARB. Os resultados parciais mostraram que variante *mano* (a) foi mais recorrente durante as gravações. Assim, este trabalho contribuiu para reafirmar que a variante *mana* (a) faz parte do dialeto da região nortista, principalmente na região do Baixo Tocantins.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento nominais. Comunidade de prática. Redes sociais.

POR UM VIÉS GEOPROSÓDICO: ANÁLISE DA VARIÁVEL SEXO NA PRODUÇÃO DE FRASES DECLARATIVAS E INTERROGATIVAS TOTAIS DOS FALANTES DE MAUÉS/AM

Suzana do Espírito Santo Barros (UNIFAP)

RESUMO: O presente estudo propõe uma descrição dos aspectos prosódicos relativos à fala da cidade de Maués, no Amazonas com o objetivo de analisar a relação entre a variável sexo e a produção de frases declarativas e interrogativas totais. O estudo segue a metodologia projeto AMPER, que busca descrever a prosódia das línguas românicas e, para isso, utiliza um *corpus* de sentenças que podem ter 10, 13 e 14 vogais, sendo que os dois últimos tipos apresentam sintagma com extensão adjetival ou preposicionado, respectivamente, à direita do verbo, como em “O pássaro gosta do bisavô bêbado”. No total, trabalhamos com 396 frases, nas quais foram observados o pré-núcleo e o núcleo entonacionais. Descrevemos, para essas regiões de acento, as configurações melódicas da frequência fundamental, duração e intensidade com base em estudos de Barbosa (1999), Moutinho e Coimbra (2000), Moraes (1998) e Cunha (2000), Cruz (2008). Nossos resultados mostraram que, na região nuclear, na modalidade declarativa o movimento inicial é baixo, seguido de um aumento de frequência na sílaba tônica e posterior declínio na pós-tônica. Na modalidade interrogativa os dados revelaram que o ataque silábico parte de uma frequência alta, seguida de queda e posterior subida na sílaba pós-tônica. Para a duração, não houve valores que deixassem evidentes a distinção entre a frase declarativa e interrogativa, haja vista a proximidade das medidas expostas nos histogramas, apesar disso, na maioria dos casos, a interrogativa obteve medidas maiores, sobretudo nas sílabas tônicas. No que se refere à intensidade, as interrogativas exibiram energia mais elevada nas sílabas tônicas do que as declarativas.

Na fala masculina essa distinção não ficou bem explícita, pois os valores médios de intensidade são muito próximos, enquanto que na fala feminina, ocorreram registros mais explícitos quanto aos valores de energia.

PALAVRAS-CHAVE: Geoprosódia; Entonação. Variável sexo.

A COMUNICAÇÃO ENTRE PACIENTES E FUNCIONÁRIOS NO ÂMBITO HOSPITALAR: DIFICULDADES NA UTILIZAÇÃO DE TERMOS TÉCNICOS

Thalita da Costa Launé Machado (UFPA)

RESUMO: Pretende-se por meio deste trabalho destacar as dificuldades de alguns pacientes em comunicar-se com funcionários no âmbito hospitalar em consequência da utilização de termos técnicos e jargões. Dentro da modalidade de variação diastrática, será exposto que profissionais da área da saúde fazem uso destas ferramentas para criar seu código linguístico, economizar tempo, simplificar troca de informações e etc, por exemplo, nomes de especialidade médica e preenchimento de prontuários. A fim de evidenciar a influência do contexto socioeconômico, no qual este indivíduo está inserido, realizou-se uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo com aproximadamente 15 pessoas, dentre elas funcionários e pacientes do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS), através de um questionário com perguntas referentes às dificuldades em estabelecer uma boa comunicação no que concernem os procedimentos que tal paciente irá realizar, logo, direcionando as reflexões, a nosso ver pertinente e de grande potencial heurístico a luz da teoria linguística de Canale (1995) e Saussure (2006). A partir da análise de dados realizados durante esta pesquisa, constatou-se que alguns indivíduos ainda possuem dificuldades em estabelecer uma comunicação precisa e clara, levando em consideração principalmente o grupo social e o nível de escolaridade a qual pertencem. Não obstante, utilizaram-se competências comunicativas determinantes para compensar essas dificuldades, pois, acredita-se que a boa relação interpessoal e facilidade na capacidade de se comunicar são fatores de grande relevância, tanto para contornar uma situação problema entre as relações de paciente e funcionário, quanto para promover mudanças na conjuntura, já que o domínio de habilidades e técnicas comunicativas são um expressivo determinante para a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Comunicação. Socioeconômico.

ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DE FACES NA SALA DE AULA

Regina de Maria Wanzeler Pompeu (UFPA)
Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa (UFPA)

RESUMO: A polidez tem sido objeto de interesse da Linguística e da Pragmática. Esse interesse se dá por se fazer presente nas interações verbais, ‘orientar’ formas para as boas relações comunicativas interpessoais, assim como verificar de que forma as estratégias discursivas de polidez são usadas pelos interagentes, para manter um caráter harmonioso durante os processos de comunicação. Os estudos sobre a polidez ganharam destaque nos anos 80-90, a partir dos estudos de Brown e Levinson (1987) sobre a

noção de face de Goffman em (1967). Brown e Levinson acrescentaram ao conceito de Goffman (1967), “a noção de que face é algo em que há um envolvimento emocional, e que pode ser perdida, mantida ou intensificada, necessitando de constante cuidado numa interação”. Assim, observamos que a sala de aula é um ambiente propício à interação. Num ambiente como a sala de aula, percebe-se que os sujeitos envolvidos (alunos-professor), estão com suas faces suscetíveis a possíveis ameaças, pois “O simples fato de entrar em contato com outros em sociedade rompe um equilíbrio ritual preexistente e ameaça potencialmente a autoimagem pública construída pelos interagentes” (ROSA, 1992). Analisamos os processos de conversação em sala da aula das Escolas Camilo Salgado e Nestor Nonato de Lima, do Município de Belém, verificamos que nelas, os sujeitos envolvidos na interação buscaram através de acordos manterem a situação comunicativa equilibrada, até o final da aula. Para tanto de forma inconsciente, os mesmos recorrem às estratégias linguísticas de polidez positiva, negativa e de indiretividade, a fim de amenizar as ameaças à face que estes podem vir a receber do professor ou de outro(s) aluno(s) em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Polidez Linguística. Estratégias. Ameaças a Faces.

INDÍCIOS DE PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM CODA SILÁBICA NA ESCRITA INFANTIL

Maria Lúcia Ferreira dos Santos (UFPA)
Midiane Bento Figueiredo Rodrigues (UFPA)

RESUMO: A escrita é uma ferramenta extremamente complexa, por isso, é impossível observar, de imediato, os seus aspectos, quer sejam os morfológicos, os sintáticos ou os fonológicos, assim a exposição de escritos, de quaisquer um desses aspectos, torna-se incompreensível às crianças. É somente com o passar dos anos de escolarização que ela descobre e elabora progressivamente suas funções e características e leva muito tempo até dominar a integralidade das formas e dos usos dessa modalidade (FAYOL, 2014, p. 34). Por esse motivo, objetivamos, com este trabalho, analisar o grafema <S> em posição de coda silábica na escrita escolar infantil. Para a metodologia, utilizamos dados extraídos do *corpus* pertencente ao projeto PAPIM - Escrita Escolar, os quais são registros da escrita de 91 sujeitos, alunos dos 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, da escola pública E. E. E. F. M. Acácio Felício Sobral, localizada em Belém (PA). Evidenciamos estabelecer uma comparação entre os resultados obtidos neste trabalho bem como os processos fonológicos. Analisamos, mais precisamente, os registros de /S/ nos vocábulos ‘avestruz’, ‘castanha’, ‘cisne’, ‘esquilo’ e ‘mosca’. Para a análise em si, procedemos ao levantamento dos registros escritos desses vocábulos, que totalizam 282 ocorrências. Quanto à escrita dos alunos, tivemos um percentual de 25% de “acertos” e 75% de “erros” dos vocábulos alvo. Dentre os “erros” identificados, os resultados demonstram a existência de quatro processos palatais como possibilidades de reescrita do /S/ em posição de coda na escrita dos informantes: ditongação precedida de <s> (4,9%); ditongação com a ausência de <s> (3,9%); <s> substituído por <x> (0,7%); ressilabificação (3,5%). Constatamos uma forte correspondência entre as variantes escritas não canônicas e dois dos alofones de /S/ identificados no português falado em Belém (CARVALHO, 2000), os quais são: as palatais [j, ʒ]. Costatamos também uma forte interferência das regras da fala na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Arquifonema /S/. Palatalização. Escrita Infantil.

GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

RESUMO: A Geossociolinguística vem, ao longo dos anos, contribuindo para a descrição da Língua Portuguesa e lançando novos olhares para o seu ensino institucionalizado. Esse ramo dos estudos linguísticos tem rendido discussões sobre a diversidade linguística, o que se reflete em abordagens centradas na realidade do alunado e na promoção de políticas linguística para o ensino da língua materna. Para este simpósio, propomos o debate de trabalhos de cunho geossociolinguístico, em que serão discutidas as pesquisas em que sejam focalizadas teorias, metodologias da recolha do corpus, tratamento e análise de dados de língua em uso, nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical, considerando tanto o caráter sincrônico quanto o diacrônico. Pretende-se com este simpósio reunir algumas das muitas pesquisas sobre a variação linguística no Brasil, a fim de promover o intercâmbio na troca de experiências e a consequente contribuição para o avanço dos estudos geossociolinguísticos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. Variação. Geossociolinguística.

OS FRASEOLOGISMOS NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

RESUMO: Vinculado ao Projeto VALEXTRA (Variação lexical: teorias, recursos e aplicações): do condicionamento lexical às constrições pragmáticas, convênio CAPES/COFECUB 838/15 celebrado entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade Paris 13 (Laboratório LDI – Lexiques, Dictionnaires, Informatique), este trabalho objetiva, a partir do material coletado pela pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, apresentar um estudo sobre a presença de fraseologismos nas capitais brasileiras. O termo fraseologismo está sendo aqui concebido, conforme Tristá (1988), que considera esse campo do estudo da linguagem como um ramo da Linguística que tem por objeto de estudo a análise de combinações de palavras as quais formam novas unidades lexicais ou têm o caráter de expressões fixas, como se ilustra com *mão de vaca*, *unha de fome* (variantes de *pessoa sovina*); *mulher de vida fácil*, *mulher de programa* (variantes de *prostituta*) dentre outras. Parte-se do princípio de que por unidade fraseológica se entende toda e qualquer frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em situações comunicativas específicas e cujo significado do todo não resulta da soma do sentido das partes. No que diz respeito aos fraseologismos analisados podem-se fazer algumas considerações preliminares: as criações lexicais analisadas contemplam a polilexicalidade; as unidades fraseológicas refletem a estabilidade no sentido atribuído por Mejrí (1997) de relação tão estreita entre os elementos que os leva a perderem o significado primário para adquirirem um novo sentido. Assim, as designações enfocadas possibilitam a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. Variação. Fraseologia.

A VARIAÇÃO LEXICAL DO CAMPO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS NAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Marcela Moura Torres Paim (UFBA)

Resumo: Neste trabalho se apresenta um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o léxico do português brasileiro. Dessa forma, investigam-se itens semântico-lexicais do campo vestuário e acessórios a partir dos inquiridos das 25 capitais que integram a rede de pontos do Projeto ALiB, visualizando como a linguagem de indivíduos possui marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a sua identidade social de faixa etária através do léxico. O termo identidade está sendo aqui concebido como “identidade social” que segundo Ochs (1993, p.289) é entendido “como um termo que pode abranger uma gama de *personae* sociais que um indivíduo pode reclamar para si ou atribuir aos outros ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica”. O cenário da pesquisa é um recorte da rede de pontos do Projeto ALiB, constituído pelos dados recolhidos por perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL). No *corpus* considerado para este trabalho, existe uma interessante variação lexical nas respostas. A análise do *corpus* possibilitou realizar o levantamento e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos, diaçeracionais, diassexuais e diastráticos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua portuguesa. Variação. Geossociolinguística.

UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA PERIFERIA DE BELÉM DO PARÁ

Luan Costa (FIBRA)

RESUMO: O trabalho busca apresentar um estudo sobre a língua portuguesa falada no estado do Pará, atendo-se especialmente à região periférica da mesorregião metropolitana de Belém, no bairro do Parque Verde. Com base nas teorias de Tarallo (1986), Bagno (2007), Cardoso (2010) e Labov (1972). Foi feito um levantamento semântico-lexical, baseado no Atlas Linguístico Brasileiro, apresentando as expressões por meio das quais os paraenses nomeiam as coisas ao seu redor e de seu cotidiano. 56 perguntas das 202 do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico Brasileiro foram selecionadas, às quais um número programado mínimo de 50 entrevistados deveriam responder de forma espontânea. As perguntas, cuja uma das respostas atingissem um percentual de 50% são consideradas uma norma da região em que fora aplicada a pesquisa, isto é, do Bairro Parque Verde. O estudo conseguiu registrar números expressivos de itens lexicais, utilizados pelos sujeitos usuários da língua, a partir do QSL utilizado pelo pesquisador, e apresentados aos informantes. Os itens lexicais apontados dão suporte para que novas incursões investigativas possam ser feitas. Revelando, portanto, mais história da língua e de seu uso pelos falantes e dando margem a se fazer um registro geolinguístico. Conhecer o léxico de uma língua, a partir da pesquisa sociolinguística e dialetológica, é conhecer a história de formação de uma linguagem. Ao fazermos o registro lexical, embora parcial de uma língua, estaremos, portanto, registrando a história dela e de seus usuários falantes, tanto sincrônica como diacronicamente. Os estudos geo e sociolinguístico serão bem mais valiosos quando os próprios sujeitos tiverem ciência de sua linguagem, ou melhor, quando forem os

próprios investigadores de suas línguas; pois são os detentores cotidianos das particularidades de suas falas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Dialectologia. Atlas-Linguístico. Semântico-Lexical.

A SINGULAR DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM

Maria Ivanete de Santana Felix (UFPA)

RESUMO: O objetivo deste artigo é mapear e evidenciar a imensa diversidade linguística em São Gabriel da Cachoeira, o município mais multilíngue do Brasil - uma verdadeira 'Terra das Línguas' como já fora batizado por alguns autores - com base nas seguintes dimensões: *Dialingual e Diatópica*. A abordagem dessa peculiar característica, a partir de uma visão metodológica da Sociolinguística, permite a análise do percurso histórico da língua indígena no norte do Brasil, das relações naturais de bilinguismo e da riqueza de herança cultural, cuja história oficial pouco ou dificilmente expõe como base de estudos escolares para maior entendimento da pluralidade do povo brasileiro. Essas etnias são majoritárias no espaço geográfico em que se encontram, porém integrantes de uma cultura que as torna quase invisível no espaço público nacional, mantêm-se sólidas e ao mesmo tempo invadidas em suas essências pelas necessidades sociais. As principais referências teórico-metodológicas que conduzem este estudo são: Instituto Socioambiental-ISA (2011/2016) e Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro-FOIRN/ISA (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade linguística. Multilinguismo. Sociolinguística.

O APAGAMENTO DO /R/ NO FALAR MARANHENSE

Eric Henrique Abreu Silva (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar uma análise dos fatores condicionadores para o apagamento do fonema /r/ pós-vocálico no português falado no Maranhão. Toma-se como base os dados coletados nos *corpora* do projeto ALiMA – Atlas Linguístico do Maranhão, que tem como finalidade, investigar os falares maranhense. O estudo tem como base os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Geossociolinguística que nos permitiu analisar os seguintes fatores linguísticos – classe morfológica, extensão da palavra, tonicidade e contexto – e por sua vez, os seguintes fatores extralinguísticos – idade e sexo – tais fatores que foram analisados com o auxílio do programa computacional GOLVARB. Nosso aporte teórico, tanto sociolinguístico como geossociolinguístico, se fez a partir dos estudos de Ramos *et. al* (2014), de Callou *et. al* (1998), de Monaretto (2002) entre outros. Após a codificação dos dados e análise estatística feita pelo pacote do programa computacional Goldvarb, observou-se, um significativo apagamento do fonema /r/ tendo como fator mais relevante para a ocorrência do fenômeno a categoria dos verbos, sendo na maioria dos casos com as variantes no infinitivo. Esse resultado se deve ao fato desse modo verbal ser marcado

em português, na maioria das vezes, pela presença do /r/ em final de vocábulos, fato comprovado por Oliveira (1997). A partir dos resultados obtidos, conclui-se que os fatores linguísticos favorecem o apagamento do fonema, e que os fatores extralinguísticos não agem de forma isolada; ao contrário, influenciam mutuamente. Por fim, acredita-se que trabalhos dessa natureza sejam relevantes para a elaboração de teorias satisfatórias a respeito dos estudos linguísticos e fonéticos do português brasileiro, bem como para a descrição da língua falada no Brasil, em particular do falar maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: Apagamento do /r/. Geossociolinguística. Português falado no Maranhão.

**A INFLUÊNCIA DA IMIGRAÇÃO ESPANHOLA EM SOROCABA:
REFLEXÕES A PARTIR DA FONÉTICA E DO LÉXICO CONSOANTE A
ABORDAGEM GEOLINGUÍSTICA**

Fabrício Cordeiro Dantas (UNICAMP)

RESUMO: Este trabalho parte da realidade da convivência entre munícipes sorocabanos e espanhóis entre fins do século XIX e meados do século XX, em virtude do contexto migratório, que repercutiu até hoje. Portanto, objetivamos apresentar a estrutura inicial de nosso projeto de doutorado em que buscamos discutir a presença da língua espanhola em Sorocaba partindo de relatos e biografias de descendentes assim como estudos históricos da referida cidade que sugerem tanto a existência de marcas fonéticas e lexicais do espanhol, como a existência de um bilinguismo durante sobretudo as primeiras décadas do século XX. Assim, nosso trabalho apresenta já alguns dados prévios contendo possíveis elementos fonéticos e lexicais do espanhol no falar sorocabano os quais serão melhor analisados a partir de entrevistas e questionário próprio a partir dos quais buscaremos considerar elementos da fala de informantes descendentes de espanhóis, na faixa etária a partir de 50 anos que enunciem memórias sobre a cultura/língua espanhola em sua família bem como marcas, lembranças e usos que sugerem a presença de empréstimos ou substrato do espanhol, ou, ainda, possível bilinguismo anterior ou atual existente em Sorocaba. Para tanto, partiremos de autores como Oliveira (2002), Buades (2008) em relação à história da Espanha e de Sorocaba, em estudiosos como Faraco (1998), Mattos e Silva (2004), em relação a estudos da linguística histórica e dos contatos linguísticos, além de Luchesi & Baxter (2009) e Carvalho (1989) face a elementos de transmissão linguística, constituição do português brasileiro e discussões sobre empréstimos linguísticos e, ainda, autores relacionados a estudos geolinguísticos. Por fim, esperamos, pois, gerar espaço de reconhecimento de variedades sociolinguísticas e historicidade de descendentes de espanhóis na região de Sorocaba, destacando elementos geolinguísticos e promovendo pesquisas que ainda não reconheceram o papel dos espanhóis no Brasil ou dando subsídios a pesquisas sobre linguagem inclusive de outras áreas.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo. Imigração espanhola. Sorocaba. Fonética e léxico. Geolinguística.

VOCABULÁRIO DIALETAL MARANHENSE: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO DOS FALARES DO MARANHÃO

Camilla Maramaldo Ferreira (UFMA)

RESUMO: É fato consabido que muitas unidades do léxico não estão suficientemente contempladas nos dicionários gerais. Nesse sentido, há apenas um registro sistemático de unidades lexicais que, provavelmente, não reflete a realidade do léxico brasileiro, uma vez que o objetivo do *dicionário* é descrever e organizar esse sistema. Tendo em vista essas considerações, este estudo – parte de uma pesquisa de mestrado em andamento intitulada Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), cujo objetivo central é a criação de um dicionário que englobe a diversidade linguística do Brasil – tem como foco apresentar as primeiras considerações acerca da feitura do Vocabulário Dialectal Maranhense, uma proposta de descrição da realidade linguística do Maranhão, no âmbito lexical. Para tanto, serão catalogadas lexias usadas por falantes maranhenses, retiradas do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Os dados estão analisados em uma perspectiva quali-quantitativa, seguindo as bases metodológicas propostas para o DDB. Os resultados deste trabalho correspondem à primeira etapa de feitura do Vocabulário Dialectal Maranhense que, diretamente, já contribuem para um mais amplo conhecimento do léxico do português brasileiro, mais particularmente da variedade maranhense. Um banco de dados contendo as informações necessárias para feitura do glossário já foi criado, possibilitando, desse modo, o registro de algumas lexias referentes a três campos temáticos do QSL.

PALAVRAS-CHAVES: Vocabulário Dialectal. Maranhão. Geossociolinguística

ME DIZ O QUE TU FALAS E TE DIREI DE ONDE ÉS: AS VARIANTES LEXICAIS PARA OS DENTES CANINOS, MOLAR E DO SISO NO MARANHÃO

Amanda de Jesus Fernandes de Carvalho (UFMA)
Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)

RESUMO: O léxico tem sido constantemente objeto de investigação de muitos estudiosos, sob diferentes perspectivas e domínios do conhecimento, tendo em vista seu caráter dinâmico, que leva à criação de novas formas, ao desuso de outras e à transformação de muitas, que voltam à cena linguística reinventadas. É essa ideia que orienta este trabalho que propõe examinar o léxico regional no *continuum* rural-urbano, no âmbito do Maranhão. Mais especificamente, a pesquisa em andamento, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Dialectologia (CARDOSO, 2010; RADTKE; THUN, 1999; SILVA NETO, 1957), enfoca a variação denominativa no campo léxico *corpo humano*, tendo como base os dados de São Luís, Imperatriz e Alto Parnaíba, municípios que integram a rede de pontos linguísticos do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA. O exame preliminar da variação denominativa dos dentes *canino*, *molar* e *do siso*, considerando os eixos diatópico e diastrático, aponta o uso das variantes *dente do siso* e *dente molar*, apenas na fala de informantes de nível universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Variação denominativa. Português falado no Maranhão

O LÉXICO DA FAUNA NO MARANHÃO: UM ESTUDO COM BASE NO CORPUS DO ALiMA

Gabriel Pereira Castro (UFMA)
Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)

RESUMO: A presente pesquisa faz parte dos estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA –, tendo como base o *corpus* constituído para elaboração do atlas estadual. Tem como objetivo investigar a variação denominativa concernente ao campo semântico *fauna* em quatorze dos dezessete municípios que compõem a rede de pontos linguísticos do ALiMA: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araiões, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas. A pesquisa, de natureza geossociolinguística, fundamenta-se nos estudos de Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994), Cardoso (2010) e Callou (2010) para as questões teórico-metodológicas acerca da dialetologia, da geolinguística e da sociolinguística; de Biderman (2001) e Antunes (2012), para os temas relativos ao léxico; e Ramos et al. (2012), para questões sobre o léxico da fauna maranhense. O *corpus* da pesquisa é constituído pelas respostas de 60 sujeitos às questões 56 (*galinha d'angola*), 74 (*libélula*), 77 (*osga*) e 79 (*camundongo*) do Questionário Semântico-Lexical do ALiMA, relativas ao campo *fauna*. Foram catalogadas 31 variantes denominativas assim distribuídas: 8 para *galinha d'angola*, 11 para *libélula*, 7 para *osga* e 5 para *camundongo*. Para análise, foram considerados os fatores sexo, faixa etária e localidade. Entretanto, os resultados apontam que faixa etária e localidade foram os fatores mais relevantes para a variação. As questões mais produtivas – 56 e 77 –, em termos de variação lexical, apresentam seus resultados em forma de cartas linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Variações denominativas. Fauna maranhense.

É OS ANEL, NÉ? TRÊIS, TRÊIS ANEL: A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

Layane Kessia Pereira Sousa (UFMA)
Orientadora: Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)

RESUMO: Muitos fenômenos presentes no português brasileiro (PB), embora não enfocados pelas gramáticas tradicionais por serem considerados marginais em relação à norma padrão, fazem parte da realidade sociolinguística brasileira. Nesse sentido, a variação na formação do plural em itens nominais, objeto de estudo deste trabalho, configura-se como um exemplo daquilo que a Gramática Tradicional entende como um *desvio* da norma padrão, por não levar em consideração que as línguas são entidades heterogêneas, variáveis e que essa heterogeneidade e variação são motivadas por razões internas (estruturais) e externas (sociais) à própria língua. Em se tratando do processo de formação do plural, observa-se que esse fenômeno é claramente uma exigência mais social do que linguística e que, no âmbito do PB, apresenta-se como um marcador social. Partindo dessa visão, este estudo, recorte de uma pesquisa mais ampla, tem como objetivo investigar o fenômeno da concordância nominal na fala de maranhenses, considerando os fatores sociais que influenciam ou mesmo condicionam o uso da concordância nominal. A pesquisa se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística

(CEZARIO & VOTRE, 2008; LABOV, 2008; TARALLO, 2006), da Dialetoologia (CARDOSO, 2010) e nos estudos de RAMOS (2008; 2010) que enfocam o tema. O *locus* da pesquisa é constituído por duas localidades que integram rede de pontos linguísticos do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), São Luís, a capital do Estado, e Bacabal. O *corpus* usado para este trabalho foi extraído do bando de dados do ALiMA, mais precisamente das respostas dadas às questões de 10 a 20, do Questionário Morfossintático, que recobrem o fenômeno em estudo. Foram analisados os dados de doze informantes, distribuídos igualmente pelos dois sexos, duas faixas etárias e nível de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Concordância Nominal. Português falado no Maranhão.

**DAS MONTANHAS DO LÁCIO AO IFPA CAMPUS CASTANHAL:
IMPLICAÇÕES DO NÃO-RESPEITO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
REGIONAL DOS ESTUDANTES DA TURMA 2ª B, CURSO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA 2010**

Damiana Barros do Nascimento (UFPA)

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender se o não-respeito às variações linguísticas dos estudantes da Turma 2ª B, do Curso Técnico em Agropecuária 2010, tem implicações sobre o ensino de Língua Portuguesa. O *lócus* de investigação foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará Campus Castanhal. O IFPA é espaço de sujeitos plurais, oriundos de diversas regiões do Estado do Pará, com variações linguísticas regionais diversas, onde convivem num misto de sotaques e expressões. Nesse contexto, o tema da variação linguística regional é de suma importância nos cursos de formação de professores. Os instrumentos teórico-metodológicos utilizaram os pressupostos da pesquisa de campo de abordagem qualitativa, possibilitando observações diretas, aplicação de questionário aberto aos professores, estudantes e a Coordenação de Supervisão Pedagógica. As entrevistas priorizaram os estudantes da referida turma. Para subsidiar a apresentação de conceitos importantes na temática abordada, nos referendamos nos autores Bakhtin (1997), Bagno (2005;2007), Fiorin (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2010), Travaglia (2009), Possenti (2001), Câmara Jr. (2009) para não citar todos e na observância aos PCN. Espera-se que esta pesquisa contribua de forma significativa para as discussões acerca do respeito às variações linguísticas regionais dos sujeitos educativos, subsidiando outros pesquisadores, sobretudo, em estudos e pesquisas afins.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variedade linguística. Preconceito linguístico. Educação.

VARIAÇÃO DIARREFERENCIAL NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS EM ÁREAS INDÍGENAS – ALiPAI

Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

RESUMO: O presente estudo consiste num mapeamento geossociolinguístico da variação dialingual do português em contato com cinco línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní, em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão, quais sejam: Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembê, Guajajara e Guaraní Mbyá. Os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e Geografia Linguística (GILLIERON, 1902; NASCENTES, 1953; ROSSI, 1963), da moderna Dialetoлогия e da Geossociolinguística (CARDOSO, 1996; RAZKY, 1996; AGUILERA, 2008), da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), e do contato de línguas (BLOOMFIELD, 1933; WEINREICH, 1953; THOMASON, 2001) nortearam a realização deste estudo. O aporte metodológico adotado foi inspirado nos instrumentos desenvolvidos pelo Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, especialmente em um de seus instrumentos de coleta de dados: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que possui 159 perguntas. Esse questionário foi adaptado, incluída a solicitação da correspondência em língua indígena para cada uma das respostas obtidas em português. Além desse instrumento, foi aplicado um QFF Complementar, com 37 perguntas, que objetivou o registro de fenômenos fonéticos específicos do contato do português com essas línguas indígenas, e um Questionário Sociolinguístico de 21 questões sobre atitudes linguísticas e comentários metalinguísticos/epilinguísticos. Foram previstos dez informantes por ponto de inquérito, de ambos os sexos, estratificados em três faixas etárias (1ª: 5 a 10 anos, 2ª: 18 a 37 anos e 3ª: 47 a 75 anos), os adultos foram subdivididos de forma equitativa em duas faixas de escolaridade (1ª: analfabetos ao ensino fundamental e 2ª: do ensino médio ao superior). A análise dos resultados demonstrou que o português falado nessas áreas indígenas ainda apresenta influência do substrato linguístico de origem Tupí-Guaraní, principalmente na fala de uma parcela dos colaboradores mais velhos (3ª faixa etária), enquanto que, de modo geral, há acentuada difusão da língua portuguesa e baixo grau de competência linguística em língua indígena entre os colaboradores mais jovens (1ª e 2ª faixas etárias), apesar de haver indicações de um processo de conscientização desses colaboradores mais jovens acerca da importância da manutenção das línguas indígenas próprias de suas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия Pluridimensional. Geossociolinguística. Contato português-línguas indígenas.

UMA ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DAS CONSOANTES LATERAL LINGUODENTAL E VIBRANTE ALVEOLAR EM ASSIS CHATEAUBRIAND/PR

Michelli Cristina Galli (UEL)

RESUMO: O caminho percorrido pela língua portuguesa do Brasil, desde a colonização até o momento presente, foi marcado pelo contato linguístico dos movimentos de migrações e é nessa conjuntura que consolida-se a história do município de Assis Chateaubriand/PR. Tendo como alicerce os princípios teórico-metodológicos

da Sociolinguística Variacionista e da Dialetoлогия, esta comunicação retrata o panorama da realização do fenômeno do rotacismo na fala dos chateaubriandenses, objetivando identificar a frequência e a distribuição diatópica e diastrática das variantes para a lateral alveolar, vibrante alveolar e o fenômeno do rotacismo. O corpus do estudo é o resultado de entrevistas gravadas e transcritas de 40 informantes, selecionados de acordo com a faixa etária, sexo e escolaridade e, pertencentes a 5 pontos de inquéritos, escolhidos pela relevância para a constituição social e econômica do município. Com a finalidade de compreender quais contextos linguísticos são favoráveis para a realização do fenômeno do rotacismo, elaborou-se um questionário fonético-fonológico, composto de 40 perguntas e um questionário constituído de 5 temas para discurso semidirigido. Com base nas análises dos dados coletados, constatou-se que o rotacismo está presente na fala dos chateaubriandenses. Ademais, a partir do questionário metalinguístico, analisou-se as crenças e atitudes que os falantes apresentam em relação à sua língua e, principalmente, em relação ao rotacismo.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Rotacismo. Assis Chateaubriand/PR.

ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DO CAMPO SEMÂNTICO “FESTAS E DIVERTIMENTOS” DO ATLAS LÉXICO SONORO DO PARÁ (ALESPA)

Laura Gerlyne Pires Mello (UFPA)

Abdelhak Razky (UFPA/UnB)

RESUMO: O presente trabalho objetiva expor os resultados do mapeamento da variação lexical do campo semântico “Festas e divertimentos” pertencente ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA) ocorrida em oito localidades do estado do Pará. Este estudo justifica-se por ser uma contribuição aos estudos que se empenham em investigar e mapear o falar do paraense para que se possa ter uma visão ampliada da variedade linguística do estado do Pará e assim intercomparar os resultados aqui encontrados com os resultados de pesquisas que estudaram a variação do léxico no estado do Pará. Esta pesquisa tem como base teórica trabalhos geossociolinguísticos que investigaram a variação linguística no estado do Pará (Razky (Org.), 2004 e Guedes, 2012) além de trabalhos que mostram qual a importância da Geolinguística para as investigações do falar do brasileiro (Aguilera, 2010). Utilizando a metodologia da Geossociolinguística, este trabalho analisou o *corpus* dos dados coletados na pesquisa de campo do ALeSPA e organizou os dados referentes a trinta e dois informantes pertencentes às seguintes localidades: Chaves, Salvaterra, Bujaru, Viseu, Cametá, São João do Araguaia, Santana do Araguaia e Redenção distribuídas em quatro mesorregiões paraenses. Os dados desta pesquisa mostram que, dos dezoito itens que compõem o campo semântico-lexical estudado, seis itens: *Cambalhota*, *Papagaio de papel*, *Esconde-esconde*, *Pessoa sem sorte no jogo/Azarado*, *Bom jogador* e *Pé de valsa* geraram maior número de variantes. Com base na análise dos dados, este trabalho produziu cartas linguísticas semântico-lexicais pluridimensionais que mostram a variação lexical ocorrida no campo semântico “Festas e divertimentos” do QSL do ALeSPA.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas Léxico Sonoro do Pará. Geossociolinguística. Variação Lexical.

ALiB e ALiMA: A VARIAÇÃO DENOMINATIVA LUDOVICENSE NO CAMPO SEMÂNTICO-LEXICAL VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

Laryssa Francisca Moraes Porto (UFMA)
Georgiana Márcia Oliveira Santos (UFMA)

RESUMO: Por distintos motivos existem diferentes maneiras de se fazer menção a um mesmo objeto e esse fenômeno acontece em todas as línguas naturais do mundo. Segundo Biderman (2001), é essa ocorrência que gera o léxico nessas línguas. A partir desse pressuposto, neste trabalho são analisadas as formas lexicais que os ludovicenses utilizam no campo semântico-lexical *vestuário e acessórios* do Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA e do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, a partir da perspectiva dialetológica e geossociolinguística. Para tanto, são analisados os dados fornecidos por 16 informantes ludovicenses de ambos os sexos, com ensino fundamental incompleto ou com ensino superior, pertencentes às faixas etárias I (18 a 35 anos) e II (50 a 65 anos). Com base nos pressupostos metodológicos do ALiMA e do ALiB, o *corpus* desta investigação é constituído, mais especificamente, pelas respostas dadas às questões 212 a 220 do Questionário Semântico-lexical – QSL, do ALiMA, e às questões 188 a 193 do QSL, do ALiB. Entre os resultados parciais desta pesquisa, identificou-se a interferência do fator diageracional, por exemplo, no uso da variante “traca”, recorrente na fala dos informantes ludovicenses mais jovens, e de “atraca”, variante mais frequente no léxico dos informantes mais velhos da capital maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Dialetologia. Variação semântico-lexical. Vestuário e acessórios.

MAPEAMENTO LEXICAL DO PORTUGUÊS FALADO PELOS WAJÁPI NO ESTADO DO AMAPÁ: UMA ABORDAGEM GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Maria Doraci Guedes Rodrigues (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA/UnB)

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo mapear, descrever e analisar, em uma perspectiva Geossociolinguística, A Variação Lexical do Português Brasileiro Falado na Terra Indígena Wajãpi, no Estado do Amapá. O estudo aqui proposto adotou o modelo e os procedimentos de análise que consideram os princípios da Geolinguística e da Dialetologia Pluridimensional (CARDOSO, 2010; RAZKY, 1998) e (RADTKE e THUN, 1996). Para tanto, o *corpus* foi coletado por meio da aplicação do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) 2001, no qual contém 202 questões, distribuídas em catorze campos semânticos, mas que foram adaptadas para melhor cumprir os objetivos da pesquisa em tela, foram então, consideradas 121 questões, aplicadas a 20 informantes, quatro de cada ponto de inquérito; nas comunidades de Aramirã, Pairakae, CTA, Mariry, Kurani’yty, com perfil estratificado de acordo com sexo, idade e escolaridade; o primeiro grupo é composto de um homem e uma mulher, na faixa etária de 18 a 30 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental; o segundo grupo, também composto por um homem e uma mulher, na faixa etária de 40 a 70 anos, não alfabetizados ou alfabetizados até a 8ª série do ensino fundamental. Com base na análise dos resultados, constatou-se que apesar da produtividade de língua portuguesa ser frequente pelos

homens mais idosos, notou-se que existe um baixo processo de aprendizagem do português pelos falantes de primeira faixa etária (MA) e (FA), isso se deve ao fato de que eles ainda preservam a língua materna, pois percebeu-se que existe um índice elevado de sem respostas (SR).

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Variação lexical. Dialectologia pluridimensional.

DESCRIÇÃO PRELIMINAR DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PARESI-HALITI

Larissa Wendel Afonso de Lima (UFPA)
Ana Paula Barros Brandão (UFPA)

RESUMO: o presente trabalho busca contribuir para uma sistematização preliminar das variações linguísticas encontradas na língua indígena Paresi, língua pertence à família Aruák que dispõe de aproximadamente três mil falantes distribuídos em várias aldeias, onde 90% dos falantes é bilíngue em Paresi(L1) e Português(L2). Silva(2009) detectou duas variedades principais nesta língua, as quais ele denominou de “minoritária” e “majoritária”. O referido autor afirma que essa variação é de cunho diatópico e informa que os falantes da variedade minoritária habitam em áreas próximas à fronteira com a Bolívia e a majoritária, no restante das regiões que eles ocupam. Porém, dados compilados do acervo de Brandão (2017), bem como listas de palavras coletadas pela autora deste trabalho, na aldeia Rio Formoso (em viagem de campo feita em julho de 2017) mostram que as variações existentes excedem o limite geográfico. Brandão (2014) menciona a existência de uma variação de duplo vocabulário na língua, onde um mesmo referente possui dois nomes. A hipótese inicial desta pesquisa era de variação condicionada pela idade dos falantes (um item lexical usado pelos idosos não é o mesmo usado pelos jovens). Nos últimos anos, observou-se uma considerável documentação e descrição dessa língua, bem como de trabalhos publicados anteriormente por missionários do SIL (por exemplo, ROWAN, 1969; BURGESS, 1978), de trabalhos feitos por linguistas (entre os quais, DRUDE, 1995; SILVA, 2009; BRANDÃO, 2010; SILVA, 2013 e BRANDÃO, 2014) e pelos próprios Paresi (KEZOMAE, 2006; ZEZOKIWARE, 2016). Por fim, pretende-se, com esta pesquisa, iniciar uma discussão de cunho sociolinguístico sobre a língua em questão, a fim de aprofundar a descrição e documentação linguística do Paresi, bem como contribuir para o conhecimento das línguas indígenas no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Línguas Indígenas. Paresi.

PARA UMA EDUCAÇÃO GEOLINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA DOCENTE

Elisângela Alves Gusmão (UNESP/UNIESP)

RESUMO: A sala de aula é um rico laboratório Geolinguístico, poucas vezes reconhecido como tal por parte de nossos professores e alunos, dessa forma, nossa

pesquisa tem como objetivo contribuir com as práticas docentes de ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, apontando para isso a compreensão sobre a importância dos estudos geolinguísticos para a construção dos sentidos na leitura e escrita de nossos alunos. Também, objetivamos analisar as Atitudes Linguísticas que estes assumem em seus discursos orais e escritos tendo como parâmetro as diferenças dialetais presentes nas salas de aula. Tomamos como pressupostos os estudos teórico-metodológicos entre outros pesquisadores da antropologia como Allan Tourine (1999), filosofia Schöfthaler (1994), geolinguística Lambert (1972), além dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa – PCNs (BRASIL, 2000).

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística; Atitudes Linguística; Variedade Dialetoal; Ensino da Língua Portuguesa; Ensino Fundamental; Práticas docentes.

ONTEM ~ /ONTI/: O PROCESSO DE REDUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS ÁTONOS NA FALA DE MARANHENSES, UM ESTUDO COM BASE NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO – ALiMA

Nádia Letícia Pereira Silva (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

RESUMO: A pesquisa *A redução dos ditongos nasais átonos na fala de maranhenses: o que mostram os dados do Projeto ALiMA* se propõe a investigar a variação fonológica da redução dos ditongos nasais átonos no falar de maranhenses, fenômeno que já se fazia presente nos primeiros documentos escritos em português. Os ditongos nasais do português brasileiro, conforme evidenciam estudos sobre o tema, podem sofrer variações em sílabas finais átonas: geralmente, são realizados de duas formas, como se pode observar tomando como exemplo a palavra *ontem* ~ /onti/; a primeira forma preserva a nasalidade e o ditongo, enquanto a segunda reduz o ditongo e o desnasaliza. Essa variação que ocorre na fala é influenciada por grupo de fatores de natureza social e/ou estrutural. Este trabalho considera a perspectiva teórico-metodológica da geossociolinguística, tomando como base os trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005). Para a análise quantitativa dos dados usou-se o programa GOLDVARB X que selecionou as variáveis mais relevantes para a ocorrência do fenômeno. O corpus extraído do banco de dados coletados para o Atlas Linguístico do Maranhão é referente à fala de maranhenses oriundos de 5 municípios – São Luís, Turiçu, Bacabal, Araiões e Alto Parnaíba –, que integram a rede de pontos linguísticos do ALiMA. Os resultados das análises mostraram que o processo de redução, a partir das variáveis selecionadas, é um fenômeno mais de natureza extralinguística do que linguística, e foi possível constatar que os informantes da Faixa Etária II, as Mulheres e os informantes com Ensino Fundamental Incompleto foram os que mais reduziram os ditongos nasais átonos.

PALAVRAS-CHAVE: Ditongo Nasal Átono. Processo de Redução. Fonologia. Português Maranhense. Variação Linguística.

MOTIVAÇÕES E QUESTÕES TEÓRICO- MÉTODOLÓGICAS PARA UMA PESQUISA DO LÉXICO NA FALA DO BRASIL JOVEM.

Maria Lúcia Ferreira dos Santos (UFPA)
Simone Negrão de Freitas (UFPA)

RESUMO: Estudos sistemáticos da variação linguística tem seus primeiros registros na Europa, no século XIX (Brandão, 1991, 7). No Brasil, é a partir da década de 1950 que dialetólogos, como Antenor Nascentes, falam sobre a elaboração de um Atlas Linguístico brasileiro, o que nestes primeiros anos do século XXI já conta com realizações muito promissoras (Cardoso, 2010). Essa considerável produção sobre a variação do português brasileiro, por questões teóricas e metodológicas, não incluiu um levantamento do português falado especificamente pela juventude, esta que historicamente compõe a parcela mais numerosa da população nacional, como continuam a indicar as estatísticas das últimas décadas (IBGE, 2011, 50). Esta pode ser considerada uma lacuna, que vem sendo aos poucos notada nos estudos da língua em uso no Brasil, e sobre o que já se debruçaram alguns poucos estudos, dentre os quais está Rector (1994). Neste sentido, o trabalho que ora apresentamos traz a público algumas das primeiras tarefas de uma proposta de pesquisa sociolinguística e dialetológica voltada para a fala da população de jovens no Brasil. Tal proposta é um projeto coletivo (inicialmente surgido como atividade da disciplina Sociolinguística, do Programa de Pós-Graduação de Letras da UFPA, no segundo período de 2017) e começou a tomar forma com pesquisas-piloto em diferentes estados brasileiros, que tiveram em comum algumas coordenadas metodológicas. Aqui, nossa contribuição específica diz respeito a: 1º) pressupostos teóricos, elementos da metodologia, definição e recorte do objeto – a fala dos jovens; e 2º) resultados preliminares obtidos na pesquisa-piloto feita em localidades do estado de Minas Gerais, bem como algumas reflexões daí decorrentes para uma proposta final deste projeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Jovens. Português brasileiro.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: PROPOSTAS DE CARTOGRAFIA E ANÁLISES COM DADOS DO INTERIOR

Prof. Dr. Valter Pereira Romano (UFLA)

RESUMO: Este simpósio propõe-se a congregar trabalhos geossociolinguísticos cujo corpus de análise se constitui da amostra coletada pelas equipes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil na rede de pontos do interior do país. Nesta oportunidade, busca-se apresentar propostas de análises quantitativas e qualitativas com vistas a discutir o mapeamento linguístico desses dados, correlacionando-os às diferentes dimensões da variação linguística sob o respaldo teórico-metodológico da Dialetologia Pluridimensional. Os trabalhos aqui reunidos podem contemplar diferentes abordagens a partir de análises das questões do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Semântico-Lexical (QSL), Morfossintático (QMS). Trata-se de um momento de reflexão que contribui para encaminhamentos futuros do Projeto ALiB e suscita questões atinentes à metodologia e à análise do grande volume de dados coletados..

PALAVRAS-CHAVE: Projeto ALiB. Dados do interior. Geossociolinguística.

REVISITANDO O MANANCIAL DE NASCENTES: VARIANTES PARA CANJICA NO CORPUS DO PROJETO ALIB

Vanessa Yida (UEL/ Fundação Araucária)
vanessayida@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho busca comparar os dados lexicais que compõem o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no tocante à questão 181 (variantes para *canjica*) do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001) com a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), sobretudo no que se refere aos falares do Norte e do Sul e aos subfalares que ambos englobam. Sobre a questão 181, que trata das variantes obtidas mediante a pergunta *Como se chama o alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?*, foram levantadas as respostas junto a 900 informantes do interior brasileiro. Como norteamento teórico, fundamentamo-nos nos princípios da Geossociolinguística e em pesquisas de Aguilera (2009), Cardoso (1986), Mota (2006), dentre outros. A partir da elaboração de cartas linguísticas e do cotejo com as fronteiras traçadas por Nascentes (1953), foi possível depreender, apesar do decurso de mais de 60 anos, a semelhança da configuração dialetal quanto à divisão dos falares do Norte e Sul. Por outro lado, a divisão dos subfalares em amazônico, nordestino, baiano, fluminense, mineiro e sulista (somando-se, ainda, um território incaracterístico) apresenta um panorama dialetal diverso do proposto na década de 50 do século passado. Os dados apontam também para algumas vertentes, dentre as quais a tendência de diminuir o hábito da preparação caseira e tradicional do alimento e a inserção de nomes regionais restritos a áreas menos extensas.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Projeto ALiB. Divisão dialetal. Antenor Nascentes. Alimentação e Cozinha.

VARIAÇÃO LEXICAL PARA O ITEM *FANHOSO/FANHO* NAS NÃO CAPITAIS DAS REGIÕES NORTE E NORDESTE DO BRASIL

Amanda da Costa Carvalho (UFPA)
Romário Duarte Sanches (UFPA)

RESUMO: Esta proposta de trabalho objetivou descrever, preliminarmente, a variação lexical para o item *fanhoso/fanho* da Região Norte e Nordeste das não capitais do Brasil. Como aporte teórico utilizamos a dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1996, 1998, 2000) com base no método da geolinguística (CARDOSO, 2010, 2014). O *corpus* utilizado corresponde ao banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foi investigada a questão 101 do questionário semântico-lexical (QSL), que busca saber como os informantes denominam para *uma pessoa que parece falar pelo nariz*. Deste modo, foram contemplados 348 informantes, distribuídos em 18 localidades da Região Norte; e 69 da Região Nordeste, totalizando 87 localidades. Os informantes selecionados estão estratificados socialmente (por idade, sexo e escolaridade). A descrição preliminar aponta para uma forte produtividade no que tange à variação diatópica e diastrática. O item *fanhoso/fanho* apresentou 23 variantes lexicais, em que houve maior ocorrência para os itens *fanhoso*, *fõem* e *fom-fom* nas duas regiões investigadas. Predominando *fanhoso* na Região Norte e *fõem* na região Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia Pluridimensional. Geossociolinguística. Variação Lexical.

VARIAÇÃO GEOSSOCIAL DO ITEM LEXICAL RIACHO/CÓRREGO NAS NÃO CAPITAIS DO NORTE DO BRASIL

Stella Trindade Moreira (UFPA)
Romário Duarte Sanches (UFPA)

RESUMO: O objetivo deste estudo é descrever e cartografar a variação lexical do item riacho/córrego nas não capitais da região norte do Brasil, além de comparar esses resultados com os dados encontrados por Razky e Sanches (2016), nas capitais também da região norte do País. Inserido no campo das pesquisas dialetais e geolinguísticas, foi adotada a proposta da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 2000) como orientação teórico-metodológica. Assim, para a consecução da pesquisa foi utilizado o banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), analisando as respostas à primeira pergunta do Questionário Semântico-Lexical (qual o nome que se dá a um rio pequeno, de uns dois metros de largura?), elaborado pelo Comitê ALiB (2001). O questionário foi respondido em 18 pontos de inquérito por quatro sujeitos em cada localidade. Verificamos, assim, que a variante ‘igarapé’ caracteriza o falar do norte do Brasil tanto no que tange às capitais como as não capitais; todavia, há presença de lexias com frequências menores, mas relevantes, como ‘córrego’ nas não capitais e ‘riacho’ nas capitais.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia pluridimensional. Variação lexical. Atlas Linguístico do Brasil.

A VARIAÇÃO DO ITEM LEXICAL *CIGARRO DE PALHA* NAS NÃO CAPITAIS DO NORTE DO BRASIL - PROJETO ALIB

Amanda Carolyne Pinheiro Silva (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA/UnB)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados finais sobre a variação linguística do item lexical “*Cigarro de Palha*” nas Não-Capitais do projeto ALiB. Através da pergunta 145 do QSL, mostram a variação na dimensão diatópica, diassexual e diageracional, pois a partir disto, é possível fazer divisões nas regiões brasileiras para os agrupamentos do item lexical analisado. Tomando-se por base os pressupostos teóricos-metodológicos adotados pelo projeto ALiB foi possível perceber a grande variação para o item lexical estudado. Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, entretanto, para este evento, foram selecionados apenas os estados da região Norte, a saber: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins, pois foi a região que apresentou maior variação linguística para designar *o cigarro que as pessoas faziam antigamente enrolado à mão*. O mapeamento desse item lexical fornecerá informações valiosas que complementarão os dados já mapeados e publicados sobre o português falado nas capitais brasileiras, proporcionando maior entendimento sobre a variação lexical. Além disso, é possível conciliar a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico, como pressupõe o fazer moderno da Dialectologia. Essa pesquisa se justificou por realizar um estudo mais amplo sobre a variação do “*Cigarro de Palha*”, cujos dados das capitais brasileiras foram publicados recentemente no Volume II do ALiB.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia. Variação Lexical. Cigarro de Palha

A VARIANTE ‘CAMOMILA’ NO NORTE DO BRASIL E OS VAZIOS DIALETOLÓGICOS

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
Flávia Helena da Silva Paz (UFPA/CAPES)
Celiane Sousa Costa (UFPA/UFOPA)

RESUMO: O presente estudo objetiva uma reflexão sobre a variante camomila no espaço dialetal do Norte do Brasil. É uma reinterpretação do comportamento da variante a partir de questões que não são facilmente respondidas quando da aplicação do Questionário semântico-lexical (QSL). Esse questionário integra a metodologia do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, projeto de orientação dialetológica, que tem por objetivo descrever e mapear a variação e diversidade linguística do Português Brasileiro. Procedemos à escuta e transcrição da questão 41 do QSL em seis capitais do Norte. Para análise, classificamos as perguntas feitas nas entrevistas em dois tipos: com ou sem reformulação, e as repostas em: camomila, outras respostas, sem resposta e não resposta. Avaliamos também a natureza das reformulações. Como resultado, podemos dizer que a aplicação da pergunta tal como apresentada no questionário possibilitou que soubéssemos que o uso de ‘camomila’ é restrito no norte do Brasil, que seu reconhecimento pode se dar por meio da informação ligada a usos estético, capilares e que parece não ser usada como chá para fins medicinais ligados a dores abdominais na região.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia. Vazio dialetológico. Representação cartográfica.

DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO AMAPÁ: PERCURSOS E CONTATOS ENTRE ÍNDIOS E QUILOMBOS

Prof.^a Dr.^a Edna dos Santos Oliveira (UEAP)
Prof. Dr. Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)
Prof. M.Sc. Romário Duarte Sanches (UEAP/UFGA)

RESUMO: O povoamento do extremo norte do país é marcado por intrincadas e instigantes relações de migrações que resultou em um atual contexto eminentemente multilíngue, no qual convivem línguas europeias – português e francês, principalmente – línguas crioulas – de base francesa originárias da Guiana Francesa, línguas crioulas faladas no Suriname, na Guiana e na Venezuela – e línguas indígenas. A presença de diferentes línguas, de diferentes origens é resultado de um intenso trânsito de povos desde a foz do Amazonas – Aruã nas ilhas do Marajó – até o alto e baixo Orinoco. Neste simpósio, procuramos reunir análises que tenham como foco discutir, em diferentes abordagens teórico-metodológicas, essas relações e suas consequências para a diversidade de línguas e variedades do português encontradas na região.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade Linguística. Contato. Amapá.

O ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO DIALETO AMAPAENSE: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA

Amanda da Costa Carvalho (UFGA)

RESUMO: O presente trabalho aborda o alteamento da vogal média pretônica posterior [o] e [ɔ] e anterior [e] e [ɛ] existentes no dialeto amapaense, buscando evidenciar as vogais médias seguidas de consoante nasal. Para discussão da temática, utilizou-se da perspectiva teórica Variacionista defendida por Labov (1994) e Weinreich, Labov & Herzog (1968), assim como trabalhos sobre as vogais pretônicas no português brasileiro realizados por Araújo (2011); Callou, Morais & Leite (1996); Silva (1994) Callou & Leite (1991) e Bisol (1981). A pesquisa foi realizada com base nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP (2017). Os contextos verificados foram *tomate*, *bonito*, *peneira* e *remando*. Para o alteamento das médias pretônicas, constatou-se 80 ocorrências tanto para as posteriores quanto para as anteriores. Apesar de já existir diversas pesquisas concluídas, uma ampla descrição das vogais pretônicas no português brasileiro ainda se faz necessária tal qual contribuições para o conhecimento do português falado e a caracterização da fala amapaense.

PALAVRAS-CHAVE: Pretônicas. Alteamento. Sociolinguística.

O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ (ALAP): CAMINHOS PERCORRIDOS E ESTÁGIO ATUAL

Romário Duarte Sanches (UFGA)

RESUMO: O campo da dialetologia, com foco no método geolinguístico, tem crescido muito no Brasil, está presente e representado em todos os Estados da Federação e com

uma projeção bastante significativa. Neste contexto se insere o Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). O objetivo principal desta comunicação é mostrar a trajetória do Projeto ALAP e alguns resultados. O projeto adotou o método geolinguístico (CARDOSO, 2010) e foi desenvolvido a partir de três etapas: 1ª) formação e treinamento dos membros do grupo de pesquisa; 2ª) realização dos inquéritos experimentais, treinamento para transcrição fonética, execução da pesquisa *in loco* (aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical), com a localização de 40 informantes distribuídos em 10 pontos de inquéritos; 3ª) revisão das transcrições fonéticas, confecção das cartas e mapeamento dos dados registrados, tendo em vista a sistematização, organização e publicação dos resultados. Atualmente, o Atlas Linguístico do Amapá já se encontra publicado e conta com 16 cartas fonéticas que expõem a unidade e a diversidade dos principais fatos fonético-fonológicos que caracterizam os falares do Norte, tais como a realização das vogais médias pretônicas, do /S/ em coda silábica, dos ditongos decrescentes e da nasal palatal, entre outros. Na sequência, estão 73 cartas lexicais que exploram as denominações atribuídas a itens da natureza física, da flora, da fauna, dos artefatos, das partes do corpo, entre outros e, finalmente, 30 cartas que tratam das diferenças diastráticas, relativas às variáveis sexo e faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia. Geolinguística. Atlas. Amapá.

ASPECTOS FONOLÓGICOS DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS FALADO NO QUILOMBO DO CURIAÚ

Raíza Ramos Neves (UNIFAP)

Orientador: Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)

RESUMO: No Estado do Amapá, existem várias comunidades afrodescendentes reconhecidas e certificadas como Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), pela Fundação Palmares. Dentre estas comunidades, está o Curiaú, a primeira comunidade do estado a receber o título de quilombo. Esta comunidade se localiza, aproximadamente, a 10 quilômetros do centro de Macapá, principal núcleo urbano do Estado. Essa comunidade apresenta uma riqueza histórico-cultural muito particular e por diversas vezes é objeto de especulações sobre sua cultura, modo de vida e tradição. Do ponto de vista linguístico, podemos citar duas importantes análises envolvendo a comunidade: a dissertação de mestrado de Oliveira (2006), que discute a constituição da escrita e da autoria a partir da publicação do *Jornal do Quilombo*, publicação periódica mantida por um dos líderes da comunidade; e, mais recentemente, uma análise fonológica, Miranda (2010), que buscou apontar características fonético-fonológicas da comunidade. Propomos, desta forma, ampliar a investigação linguística sobre a comunidade, buscando contribuir com as reflexões sobre variação e a constituição linguística na/da comunidade. Objetiva-se analisar aspectos fonético-fonológicos do português falado na Vila do Curiaú, partir de um *corpus* com dados das pessoas mais velhas da comunidade. A utilização desse critério pode nos permitir evidenciar fenômenos particulares presentes na comunidade, bem como avaliar e identificar registros de situações de contato. Essa discussão justifica-se tanto por possibilitar desenvolver o conhecimento sobre a comunidade do Curiaú como para fomentar a discussão sobre a formação linguística do Amapá. A chamada Terras do Cabo Norte teve um intenso movimento migratório, com a formação de mocambos, quilombos e

populações indígenas com diferentes origens, por isso, optamos por um estudo que tenha como foco aspectos sociolinguísticos, em virtude da interface necessária entre os aspectos linguísticos, sociais e históricos.

PALAVRAS-CHAVE: Curiaú. Amapá. Aspectos Fonético-Fonológicos.

APONTAMENTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS SOBRE O PORTUGUÊS FALADO EM MAZAGÃO VELHO (AMAPÁ)

Edna dos Santos Oliveira (UEAP)
Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)

RESUMO: No final séc. XVIII, a cidade de Mazagão é transposta do litoral marroquino para as margens do rio Mutuacá, na foz do Amazonas, na então Capitania do Cabo Norte. Nesse processo, são transferidos para Amazônia todos habitantes da Mazagão marroquina, portugueses e africanos escravizados. Atualmente, Mazagão Velho tem uma população eminentemente afrodescendente, com poucos resquícios de descendência portuguesa. A sócio-história da comunidade retrata uma sequência de contatos que produziram uma cultura e evidentemente uma língua mesclada, nesses contatos é importante ressaltar a possível presença indígena, uma vez que são registrados povos Aruák na foz do Amazonas (ilhas do Marajó e costa fluvial do Amapá). Considerando o contexto multilíngue em que se desenvolveu Mazagão Velho, apresentamos, nesse estudo, algumas características do português falado nessa comunidade. Trata-se de uma investigação recente que desenvolvemos a partir do *corpus* de Oliveira (2011), em que as análises propostas estão baseadas nas entrevistas coletadas entre as senhoras mais idosas da comunidade de Mazagão Velho. A análise das características fonético-fonológicas de Mazagão Velho se justifica pelo processo de formação da comunidade e pelo histórico isolamento da região dos demais centros de povoamento da Região Norte (Santarém, Belém, etc.). Investiga-se também nessa análise que traços da comunidade de Mazagão Velho se aproximam da discussão levantada por Oliveira et al. (2014) sobre o Português Afro-Indígena, variedade do português falada por “comunidades envoltas em miscigenação afro-indígena, mas que selecionam politicamente o termo ‘afro’ ou ‘indígena’ ”.

PALAVRAS-CHAVE: Português Brasileiro. Aspectos fonético-fonológicos. Mazagão Velho.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PARA UMA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO AMAPÁ

Edna dos Santos Oliveira (UEAP)
Eduardo Alves Vasconcelos (UNIFAP)

RESUMO: Nesta comunicação apresentamos as discussões iniciais do projeto de levantamento bibliográfico sobre a história linguística do Amapá que estamos realizando. Nosso foco nessa pesquisa é identificar os trânsitos de povos e línguas no território da então Capitania do Cabo Norte, abrangendo, inicialmente, o período colonial, podendo estender até a delimitação de fronteira, em 1900. Volta-se para

levantamento de documentos e publicações que, de alguma forma, retratam a dinâmica populacional e, conseqüentemente, a história linguística e social da região. Nesse trajeto, nos interessam compilações de documentos em arquivos públicos e privados, relatos de viajantes, estudos etnográficos e dados compilados de história oral das comunidades resistentes (comunidades quilombolas e povos indígenas). Assume-se a hipótese que o atual contexto linguístico do Amapá, eminentemente multilíngue é resultante de intrincadas e instigantes relações de migrações, ou seja, de um intenso trânsito de povos desde a foz do Amazonas até alto e baixo Orinoco. A perspectiva teórico-metodológica que assumimos é, assim, a da sociolinguística, não enquanto método de investigação de campo, mas sim enquanto a importância que damos às informações sócio-históricas para compreensão do fenômeno linguístico. As discussões sobre contato permeiam essa proposta, uma vez que nosso olhar é para populações e suas línguas que se fundiram ou se dispersaram por diferentes razões, a maior parte, a presença do colonizador em seus territórios tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Levantamento Bibliográfico. Povos Indígenas. Comunidade Quilombolas. História Linguística do Amapá.

ESCOLAS E COSMOLOGIAS AMAZÔNICAS EM AGENCIAMENTOS

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas (UNIFESSPA)
Prof.^a M.Sc. Maria Cristina Macedo Alencar (UNIFESSPA)

RESUMO: O eixo temático acolhe pesquisas cujas explorações teórico-epistemológicas repensem temas engendrados pelas gradações entre a escrita e a oralidade nas escolas de povos de matrizes culturais indígenas, afro-brasileiras e filhos de processos migratórios. Análises interpretativas sobre histórias de vida, memórias, relações de gênero, lutas políticas, práticas religiosas, linguagens, dentre outras temáticas, circunscritas e tensionadas nas experiências de educação escolar irão compor a rede de reflexões. As diferentes premissas e abordagens teóricas-empíricas podendo ser arroladas são urgentes para se re-pensar o papel paradoxal que a escola assume nesses universos simbólicos. O reconhecimento e o estudo desses “contextos interculturais” permitem reconhecer práticas pedagógicas por sobreposições, convivências e embates entre os discursos “ocidentais-modernos” e aqueles dos povos das multifacetada Amazônia, erigindo dessa “convivência” cruzada, por exemplo, experimentos percebendo a relação do oral com o escrito como questão complementar: escrita como fazer tradutório e representacional de narrativas ancestrais. Comunidade textual em busca de um “Nós”, não significando uma opção tranquila ou até mesmo marcada pelo consenso e pela harmonia. Pelo contrário, um campo de tensões entre sujeitos, saberes e linguagens tentando deixar seus lugares fixos ao experimentarem as relações. Pela compreensão dessa múltipla e complexa realidade – prerrogativa para um pensar interdisciplinar – exercícios de reflexão acadêmica formulados, a partir de cosmologias alhures, a exemplo: estudos linguísticos e em devir com os Estudos Culturais; o Pensamento Pós-Colonial; os Estudos Subalternos e o Pensamento Decolonial, dentre outros, apurando “identidades”, “discursos” e “representações” permitiriam perceber: Como as pesquisas e reflexões teóricas no solo amazônico mobilizam os conceitos supracitados? Quais as relações entre a suposta reivindicação política das experiências pedagógicas e os seus engates na multifacetada Amazônia? Para versar acerca sobre esse enredo, o eixo deseja receber pesquisadores dialogantes com os aspectos arrolados, publicizando experiências, a partir do universo teórico e empírico de suas recepções.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar. Interculturalidade. Agenciamentos. Cosmologias Amazônicas.

REFLEXÕES SOBRE A TENSÃO ENTRE SABERES INDÍGENAS E ESCOLARES DENTRE O POVO PALIKUR-ARUKWAYENE DO RIO URUKAUÁ, AMAPÁ

Ramiro Esdras Carneiro Batista (UFPA)

RESUMO: O povo *Palikur-Arukwayene*, da região de Oiapoque/Amapá, é remanescente dos grupos Aruak envolvidos nas guerras coloniais de extermínio e liberação do território amazônico que, posteriormente, passou a constituir a totalidade do estado nacional brasileiro. A escolarização estatal compulsória deste povo foi arbitrariamente imposta como parte do projeto de “civilização” nacional. Projeto este que foi capitaneado pelo Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais/SPILTN em meados do século XX, contra a vontade dos anciãos *Palikur-Arukwayene*, que viam na implantação da escola pública mais uma estratégia dos

“brancos” para a escravização das crianças *Palikur* (GOMES, 2011). O objetivo deste trabalho é analisar o embate político e discursivo que mobilizou os sábios indígenas detentores da “pedagogia” e do ideal de formação da pessoa *Palikur* contra o aparato ideológico escolar do Estado, em determinado momento histórico. Neste sentido, a formação de professores e gestores *Palikur* em nível superior na contemporaneidade, pode ter contribuído para a incorporação de uma pretensa escola indígena intercultural como ferramenta de revitalização cultural e linguística deste povo, representando assim a reapropriação e ressignificação da escola em outro contexto histórico e social. De caráter etnográfico, a metodologia desta pesquisa percorre a revisão da bibliografia antropológica (TASSINARI, 2003; CAPIBERIBE, 2007), bem como as monografias e artigos de acadêmicos *Palikur* (GOMES, 2011; LABONTÊ, 2015), aliada às narrativas de dois interlocutores anciãos que manifestaram predisposição a discorrerem sobre o tema. A tensão entre os saberes indígenas e a hegemonia dos saberes escolares ocidentais e colonizadores tem como consequência a proposição de diferentes modelos de escola indígena em termos próprios, que buscam a convivência de diferentes sistemas de conhecimento e a supressão do sistema escolar como ferramenta etnocida. (OLIVEIRA, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Escola indígena. Epistemologia. Interculturalidade.

PÓS COLONIALIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS XIKRÍN

Lucivaldo Silva da Costa (Unifesspa)
Quelvia Souza Tavares (IFPA)

RESUMO: Neste estudo, apresentamos algumas experiências formativas desenvolvidas com professores Xikrín do Cateté, objetivando lhes dar, minimamente, uma formação linguística, bem como a elaboração de material didático que os subsidie no processo de alfabetização e letramento em língua nativa nas escolas das aldeias. Este povo fala uma variedade da língua Kayapó, pertencente à família Jê, Tronco Marco-Jê (Rodrigues 1986, 1999). Atualmente, vive em três aldeias: Cateté, Djudjêkô e Ô’odjãm, à margem esquerda do rio Cateté, tributário do Itacaiúnas, afluente médio do rio Tocantins. A aldeia Cateté ou *Pykatingrà* é a maior e mais antiga. Nela vivem aproximadamente 727 habitantes. A aldeia Djudjekô com aproximadamente 465 habitantes, fica a 18 km da aldeia Cateté e a aldeia Ô’ôdjã tem população estimada em 119 indivíduos. A carência de material produzido na própria língua está, de certa forma, condicionada a não sistematização do sistema de escrita Xikrín do Cateté. Mostramos, também, que os professores Xikrín decidiram elaborar seu sistema de escrita, a partir do qual será possível a construção de materiais didáticos inéditos que auxiliarão professores indígenas no processo de alfabetização e letramento nas escolas das aldeias. Tal sistema está ancorado em critérios fonológicos sem, no entanto, desconsiderar critérios políticos que respeitem sua autonomia na escolha dos símbolos representativos dos fonemas existentes em sua língua. Objetiva-se, com isso, dar mais subsídios a estes povos no enfrentamento das relações de contato, numa perspectiva intercultural que tente privilegiar seus saberes nessa relação dialética permanente com os saberes globais, na certeza de que essas atitudes, em certa medida, pós coloniais apontem para a compreensão de que os saberes indígenas, negados historicamente pelo poder público, são indispensáveis para a construção e tentativa de compreensão e diálogo com os conhecimentos universais.

PALAVRAS-CHAVE: Xikrín do Cateté. Sistema de escrita. Material didático.

ASPECTOS FONÉTICO-LEXICAIS DO PORTUGUÊS FALADO POR QUILOMBOLAS E INDÍGENAS

Prof. Dr. Edmilson José de Sá (CESA/UPE/UFPA/CNPq)

RESUMO: Este simpósio tem o intuito de divulgar registros da língua portuguesa falada por quilombolas, uma vez que a busca pelos fenômenos de seu modo espontâneo de falar confirma a importância dos povos de origem africana para a constituição da cultura linguística do seu povo e a riqueza que o povo africano deixou em seus descendentes. Além disso, a miscigenação e o contato multiétnico por que passou o país reforça o quanto é possível resgatar também da cultura indígena e isso se manifesta espontaneamente na língua falada. Considerando que um trabalho de descrição linguística não acompanha a evolução linguística cada vez mais rápida, é necessário que se documente os fenômenos mais relevantes e que se busquem justificativas na história ou na teoria linguística que os explique adequadamente. Por isso, aceitam-se trabalhos que enfatizem análises fonéticas e/ou lexicais quer se apropriando da metodologia sociolinguística (LABOV, 1966), quer se apropriando da metodologia geolinguística (CARDOSO, 2010), de modo a promover discussões e compartilhar estudos mais recentes sobre a formação do português falado no Brasil com as contribuições afro-indígenas notadamente marcantes.

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro. Fonética. Léxico. Quilombolas. Indígenas

DENOMINAÇÕES PARA ‘FEITIÇO’ NA FALA DE QUILOMBOLAS DO PARÁ E DE PERNAMBUCO: UM ESTUDO BASEADO EM DOIS ATLAS LINGUÍSTICOS

Edmilson José de Sá (CESA/UPE/UFPA/CNPq)

RESUMO: O trabalho proposto é de natureza comparativa, envolvendo dados do Atlas Linguístico Quilombola do Nordeste do Pará (PIRES, 2017) e do Moxotó-Ipanema Ipanema Pernambucano, em fase final de construção, mas com inquéritos já realizados em cinco comunidades pertencentes às duas microrregiões apontadas. Esse estudo ocupa-se da variação lexical, de modo a explicar, sob os auspícios da Geolinguística e da Dialetoleologia (THUN, 2001; THUN, 2010; FERREIRA & CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010) e de parâmetros teóricos específicos do campo semântico selecionado, as denominações para caracterizar ‘o que se pode fazer, com a ajuda dos espíritos, para prejudicar alguém’, cuja maioria de respostas parece apontar uma designação genérica a cultos sincréticos praticados no Brasil e trazidos pelos escravos. A ideia é refletir sobre as acepções que denominações como *macumba* e *catimbó*, por exemplo, possuem seja por conceituar instrumentos musicais da cultura afro ou por deturparem seu significado quando a relacionam a práticas de malefícios, bem como verificar à luz de dimensões diastráticas as denominações que mais se sobressaem nos dois *corpora*.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Feitiço. Atlas Linguísticos Quilombolas. Pará. Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO NO ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ

Marcelo Pires Dias (UFPA/CMBel)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar aspectos da variação lexical observados no Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA). O AGQUINPA é um atlas semântico-lexical que buscou descrever e mapear a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará, por meio do inventário lexical, apresentar um levantamento histórico e geossociolinguístico das comunidades pesquisadas, elaborar cartas linguísticas semântico-lexicais pluridimensionais, além de constituir um banco de dados geossociolinguístico. As comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA estão localizadas nas áreas rurais dos municípios do Nordeste do Estado do Pará (Brasil) e são as seguintes: a) Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema; b) Comunidade do Cacau; c) Comunidade Laranjituba; d) Comunidade África; e) Comunidade Taperinha e e) Comunidade América. Para a elaboração do atlas, utilizamos o instrumental metodológico da Geografia Linguística (CARDOSO, 2010; GARCÍA MOUTON, 2015; TRUDGILL & CHAMBERS, 2003; VIAPLANA, 1996) e da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 2010), considerando as dimensões diatópica, diasssexual e diageracional. A coleta de dados foi realizada entre os anos de 2014 e 2016, na qual se deu a aplicação do Questionário Semântico-lexical pertencente ao Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (ALIB, 2001). Os dados coletados foram transcritos grafematicamente no software de anotação linguística *ELAN* e posteriormente foram trasladados para o Banco de Dados do AGQUINPA. Os mapas foram confeccionados através da utilização da ferramenta de georreferenciamento e edição de dados georreferenciados *Quantum GIS (QGIS)* versão *Wien*, além da ferramenta *ColorBrewer* para a colorimetria dos mapas. Os mapas semântico-lexicais gerados mostraram a presença de léxico não-patrimonial e não-dicionarizado, além de maior incidência de variação lexical entre as mulheres e entre os colaboradores mais velhos. O AGQUINPA possui 153 cartas semântico-lexicais, das quais 90 foram descritas.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoleologia. Geossociolinguística. Quilombolas. Léxico.

MONOTONGAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MEL DA PEDREIRA DO ESTADO DO AMAPÁ

Helen Costa Coelho (UFPA)

RESUMO: Este estudo inscreve-se na perspectiva de investigação da variação fonético-fonológica entre moradores da comunidade quilombola do Mel da Pedreira do estado do Amapá e tem como pressupostos teóricos a Teoria Gerativa Padrão de Chomsky e Halle, assim como contribuições de Bisol (2001), Callou & Leite (2005), Andrade (2007) e Silva (2009). Para a realização da referida pesquisa, adotou-se como base o método geolinguístico, comumente usado no Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para cartografar os usos linguísticos no país. De acordo com o registro da Fundação Palmares, há 33 comunidades legalmente registradas no Amapá e nesse sentido, optou-se em executar o estudo em apenas uma comunidade quilombola do

referido Estado como ponto de partida para a ampliação dos estudos linguísticos em áreas identificadas e registradas de quilombolas. Dessa forma, tomou-se como pontos de inquéritos a seleção de 04 informantes, estratificados socialmente pelo sexo (homem e mulher) e idade (de 18 a 30 e de 50 a 65 anos). Foi aplicado o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) proposto pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB. A análise deste trabalho está pautada questões pertinentes ao fenômeno específico de monotongação. Os dados revelam que na comunidade investigada há uma ocorrência de três regras fonológicas para o uso do monotongo na linguagem utilizada pelos moradores da comunidade do Mel da Pedreira.

PALAVRAS-CHAVE: Monotongação. Variação fonético-fonológica. Quilombola.

QUESTÕES METODOLÓGICAS NO ESTUDO DA VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DO BAIXO AMAZONAS

Celiane Sousa Costa (UFPA/UFOPA)
Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

RESUMO: Neste trabalho, iremos apresentar parte dos procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa de doutorado, em andamento, sobre a variação lexical em comunidades afro-brasileiras no Baixo Amazonas paraense. Trata-se de um estudo de natureza geolinguística em que assumimos a relação entre língua e espaço pluridimensional com vistas à descrição de processos de territorialização linguística (ALTENHOFEN, 2014). O paradigma da Dialetoologia Pluridimensional norteou teórica e metodologicamente o trabalho de Tese (RADKE & THUN, 1996; THUN, 1998; AUER & SCHMIDT, 2010). Daremos destaque as questões metodológicas relativas à delimitação e composição da amostra, bem como os procedimentos para macroanálises da variação lexical, as dimensões de análise da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística Pluridimensional. Variação lexical. Comunidades afro-brasileiras.

CINCO ANOS DO PROFLETRAS-UFPA: BALANÇOS E PERSPECTIVAS

Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)

RESUMO: O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), cuja Coordenação Geral está sediada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Natal), é um Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, nota 4, que tem como finalidade a “capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País” (trecho do Regimento do Programa). O PROFLETRAS é o segundo maior Programa de Pós-Graduação em rede, atrás apenas do PROFMAT; possui 49 unidades, distribuídas por 42 Instituições de Ensino Superior, que integram o conjunto de Instituições Associadas do Programa. O PROFLETRAS-UFPA, dentre as 49 unidades, tem sido a de maior demanda nacional, tendo alcançado em 2013, quando foram ofertadas 26 vagas, a participação de 857 candidatos. O PROFLETRAS é um programa de grande relevância para melhorar a qualidade do Ensino Básico no Brasil. No Pará (e na região amazônica, como um todo), a relevância desse Programa adquire uma dimensão ainda maior, haja vista estarmos entre as regiões com os piores índices da Educação Básica no Brasil, de acordo com os últimos resultados do IDEB. Neste Simpósio, pretendemos construir um panorama do Programa, fazendo um balanço dos resultados obtidos nesses primeiros cinco anos e avaliando, em perspectiva, os próximos anos que virão. Dessa forma, serão aceitos trabalhos relacionados ao ensino e aprendizagem de língua e literatura portuguesas no âmbito do PROFLETRAS.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada do professor de língua portuguesa; Mestrado profissional em letras; Ensino de língua e literatura portuguesas.

NAVEGAR EM ÁGUAS PROFUNDAS: AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO PARA OS MULTILETRAMENTOS

Érica Emmanuelle Lima Santos (UFPA)

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)

RESUMO: O estudo partiu do pressuposto de que a tecnologia é um atrativo para os estudantes, de que os recursos tecnológicos poderiam ser aliados na efetivação de práticas pedagógicas mais conectadas a sua realidade e da urgência em promover a inclusão digital e o multiletramento dos discentes, tendo em vista às necessidades da sociedade contemporânea. Para efetivá-la, partiu-se da seguinte problemática: O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, para a leitura crítica, reflexiva e para os multiletramentos dos alunos? Em vista disso, elaborou-se proposta de intervenção, com enfoque na leitura, partindo da concepção de Projeto de Leitura e escrita de gêneros discursivos, de Lopes-Rossi (2008), na perspectiva da Pedagogia dos Multiletramentos. As atividades de leitura pautaram-se na concepção dialógica da linguagem, na perspectiva bakhtiniana, partindo do gênero discursivo anúncio publicitário e buscavam confirmar/negar duas hipóteses: a) os estudantes não dominam os recursos dos textos multimodais, nem a leitura de implícitos, acarretando em leitura superficial; b) a utilização dos sites de redes sociais (SRS), em ambientes híbridos de aprendizagem, é

um facilitador no processo de ensino e aprendizagem, e promove a ressignificação desses espaços. Definiu-se como objetivo utilizar as TDICs e, em particular, o SRS Facebook, como ferramentas de ensino e aprendizagem, a fim de desenvolver a leitura crítica, bem como contribuir para os multiletramentos dos educandos. O estudo teve cunho etnográfico, seguiu a metodologia da observação-participante, foi de natureza aplicada, destinou-se a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual no município de Belém-PA e está em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos. TDICs. Leitura crítica. Anúncio publicitário.

A COMPREENSÃO LEITORA DE ALUNOS DO 8º ANO A PARTIR DE UM PROJETO DE LEITURA COM O GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA

Angélita dos Santos Conceição Silva (UFPA)

RESUMO: Esta pesquisa consiste em um estudo teórico-prático sobre a proficiência leitora de alunos do 8º ano do ensino fundamental. Parte da hipótese de que, se os discentes participarem de um projeto pedagógico de leitura, poderão desenvolver habilidades, aumentando seu nível de proficiência leitora. À vista disso, a investigação tem como objetivo geral refletir sobre os níveis de compreensão leitora de alunos do 8º ano, no decorrer de um projeto de leitura com o gênero discursivo notícia. À luz da Linguística Aplicada, a investigação, vinculada ao Projeto de Pesquisa *Práticas de Linguagem e Formação Docente*, da UFPA/Castanhal, tem por pressupostos a concepção dialógica da linguagem, a partir dos teóricos do Círculo de Bakhtin e de pesquisadores que seguem esta vertente. Caracteriza-se como pesquisa-ação, qualitativo-interpretativa, de cunho etnográfico e de natureza aplicada e está sendo realizada em uma escola da rede estadual de ensino, na cidade de Belém/PA. Buscando responder à questão de como o trabalho com o gênero notícia pode contribuir para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos do 8º ano, realizamos um diagnóstico da turma, a partir da implementação de uma atividade de leitura de um enunciado concreto do gênero notícia, para verificar o nível de compreensão leitora dos alunos. A partir do diagnóstico realizado, elaboramos uma proposta de intervenção com o referido gênero, utilizando a metodologia de projetos de leitura e escrita de Lopes-Rossi (2008). Após a coleta de dados durante a implementação da proposta à turma, selecionaremos as atividades de dez alunos e, a partir delas, as questões para analisarmos as respostas-enunciados dadas pelos alunos. Enfim, sistematizaremos os resultados obtidos.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Proficiência Leitora. Ensino Fundamental. Gênero Discursivo Notícia.

CONCORDÂNCIA VERBAL, VARIAÇÃO E ENSINO: PRIMEIROS OLHARES

Ronaldo Nogueira de Moraes (UFPA)

RESUMO: Pesquisas sobre o português falado e escrito no Brasil mostram que a concordância verbal no português brasileiro, embora apresente caráter variável nas diferentes modalidades da língua e nos diferentes níveis sociais, é o fenômeno que mais

sofre avaliação por parte da escola e da sociedade brasileira. Prova disso foi a polêmica levantada em 2011 quando da distribuição, pelo MEC, de um livro didático a alunos da Educação de Jovens e Adultos que revelou com muita força o estigma social que sofre a ausência das marcas formais de concordância. Este trabalho constitui-se em reflexões preliminares de uma pesquisa de cunho variacionista desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – Profletras – sobre a variação na concordância verbal em textos escritos por alunos do 8º e 9º anos do ensino fundamental em contexto de sala de aula. Assim, objetiva-se descrever e analisar os padrões de concordância verbal de terceira pessoa do plural utilizados pelos alunos, bem como identificar quais contextos linguísticos agem no sentido de inibir as marcas de concordância e, a partir disso, elaborar uma proposta de intervenção que auxilie professores e alunos na abordagem do tema em sala de aula. O trabalho é norteado pelos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; LABOV, 2008), por um ensino de gramática que proporcione a reflexão sobre os usos da língua (TRAVAGLIA, 2005; FRANCHI, 2006; NEVES, 2014; VIEIRA, 2017) e pela reflexão de alguns pesquisadores a respeito da variação e do ensino da concordância verbal (VIEIRA, 1997, 2014; MOLLICA, 2003; MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Concordância Verbal. Variação. Ensino.

MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA: UMA PROPOSTA PARA A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS DA EJA

Tânia Carla da Silva Monteiro (UFPA)

RESUMO: Este trabalho faz parte de projeto piloto realizado na primeira etapa de pesquisa em andamento com turma da EJA de escola estadual de Belém sobre produção de narrativas de memórias de histórias de vida. O enfoque teórico baseia-se no embricamento entre memória e consciência, embasado nas obras *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, de Mikhail M. Bakhtin (2014), e *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosí (1994). Em Bakhtin, buscamos conceitos de signo e consciência, e em Bosí, o conceito de memória. Buscamos mostrar que essas noções se articulam à medida que, ao se reconstruir a memória, se reconstróem discursos que refletem e refratam a realidade da sociedade na qual está inserido o sujeito. A questão norteadora do trabalho é: de que modo construir narrativas de memórias pode contribuir para superar a resistência para produzir textos escritos e, ao mesmo tempo, aprimorar a produção escrita dos alunos da 4ª etapa da Educação de Jovens e Adultos? O objetivo geral é contribuir para aperfeiçoar a produção escrita desses alunos, buscando superar resistência em relação à escrita e levá-los a aprimorarem suas habilidades no uso da língua portuguesa. Como objetivos específicos, pretendemos: a) diagnosticar dificuldades na produção textual; b) superar resistência em relação a narrar fatos de sua vida; c) desenvolver habilidades de retextualização e reescrita para aperfeiçoar a parte formal e o conteúdo do texto. A metodologia consistiu em pesquisa-ação em três etapas: escolha de três temas e produção de texto sobre cada um deles, seguida de orientação individual para aperfeiçoamento; reescrita e aplicação de medida interventiva para dificuldades percebidas nessa segunda versão e gravação de áudios dos alunos contando suas memórias, ouvidos pelos alunos para produção da terceira versão. Os resultados mostraram maior aprofundamento dos fatos e aprimoramento das habilidades de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Memória. História de vida. Produção escrita. EJA.

**LETRAMENTO LITERÁRIO E COMUNIDADES LEITORAS:
DESVENDANDO O TEXTO LITERÁRIO NO 7º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DE CÍRCULOS DE LEITURA**

Andrea Farias Sousa (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho visa discutir a relevância das comunidades de leitores, a partir da formação de círculos de leitura como proposta de intervenção pedagógica para o trabalho com o texto literário no ensino fundamental, especificamente no 7º ano de uma escola pública municipal de São Luís do Maranhão. A proposta tem como ponto central a investigação de uma comunidade leitora em que a escolha, leitura, discussão e análise do texto literário se desenvolvam em círculos de leitura nos quais os alunos, sob a mediação do professor, socializam impressões, percepções, conexões com outros textos e com a vida, numa perspectiva social de leitura embasada na teoria de comunidade de leitores desenvolvida por Stanley Fish (1995), Roger Chartier (1999) e Maria de Lourdes Dionísio (2000), e de círculos de leitura proposta por Harwey Daniels (2004) e Rildo Cosson (2014). Evidenciam-se ainda concepções e procedimentos metodológicos de leitura literária propostos por Umberto Eco (2001), Antônio Candido (2004), Marisa Lajolo (1993, 2004), Regina Zilberman (1988, 1989, 2008), Isabel Solé (2014), Luiz Percival Brito (2015), Renata Junqueira de Souza e Cyntia Giroto (2011). Objetiva-se a formação de leitores que vivenciam a estética literária, apropriando-se dos textos a partir de sua realização sociodiscursiva e engajamento humanizador, no contexto de sua comunidade leitora. A presente proposta justifica-se pela necessidade de reconhecimento dos processos de letramento literário e análise do ensino de literatura nas séries finais do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa do tipo observação-participante, com investigação das aulas de Língua Portuguesa na série investigada e intervenção direcionada à construção de estratégias de leitura do texto literário, partindo-se da realização de círculo de leitura na série/turma investigada. Resultados iniciais já apontam um efetivo envolvimento e interação leitora entre os alunos durante a leitura da obra “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Literário. Comunidade de leitores. Círculo de leitura. Ensino fundamental.

**ESTUDO DO LÉXICO COMUM E ESPECIALIZADO EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**

João Batista Poça da Silva (UFPA)

RESUMO: Considerando-se que o léxico muitas vezes tem sua importância diminuída em sala de aula como item de análise e reflexão linguística, a despeito de constituir elemento essencial na construção dos sentidos de um texto, a presente comunicação trata do trabalho com o léxico comum e especializado em sala de aula, no intuito de formular, propor, aplicar e avaliar práticas relacionadas ao trabalho interdisciplinar com o léxico, como também promover a familiarização dos alunos com os diversos gêneros

lexicográficos, além de elaborar uma proposta de material didático que contemple práticas diversificadas com os repertórios específicos de cada disciplina curricular. O suporte teórico da pesquisa se assenta em estudiosos das ciências do léxico, como Barbosa (2001), Biderman (2001), Finnato (2002), Barros (2004), Pontes (2009), Dionisio (2010), Lima (2010), Alvarez (2011), Carvalho e Bagno (2011) e Ilari (2015), sobretudo no que respeita à aplicação educacional e pedagógica desses ramos do conhecimento. Para tanto, a observação participante pauta a análise do trabalho com o léxico numa turma de sexto ano de uma escola de ensino fundamental de um município paraense, especialmente nas disciplinas de História, Ciências, Matemática e Língua Portuguesa. A análise qualitativa de livros didáticos dessas disciplinas e questionários semiestruturados são recursos coadjuvantes para traçar o quadro das práticas usuais relacionadas ao léxico entre professores e alunos da turma atingida. É patente o domínio insuficiente dos colaboradores da pesquisa acerca do verbete e seus suportes, contrastando com a elevada importância que eles atribuem à abordagem do léxico, sobretudo dos repertórios especializados. A partir dos dados obtidos, elaborou-se uma proposta de intervenção com atividades de conceituação, leitura, escrita e reflexão metalinguística, culminando na elaboração de glossários pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero verbete. Lexicologia Educacional. Terminologia. Lexicografia. Terminografia.

GÊNERO CRÔNICA: UMA SUGESTÃO DIDÁTICA PARA O TRABALHO COM A ANÁLISE LINGUÍSTICA NO INTERIOR DA PRÁTICA DE LEITURA

Sílvio Nazareno de Sousa GOMES (UFPA)
Márcia Cristina Greco OHUSCHI (UFPA)

RESUMO: Este trabalho, vinculado ao Projeto de Pesquisa *Dialogismo em práticas linguageiras a partir do trabalho com os gêneros discursivos* da Universidade Federal do Pará – Castanhal, apresenta um recorte de uma investigação maior, com a finalidade de mostrar uma sugestão didática com o gênero crônica para o trabalho com a prática de análise linguística (doravante AL), durante as atividades de leitura. A proposta volta-se para o 9º ano do ensino fundamental e visa contribuir para o agir responsivo discente sobre o texto. À luz da Linguística Aplicada, a pesquisa ancora-se na visão dialógica da linguagem, a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, configura-se como qualitativo-interpretativa e se apoia na proposta metodológica de Lopes-Rossi (2008), para o trabalho com os gêneros discursivos. Os resultados demonstram que as atividades de leitura trabalhadas progressivamente durante as oficinas são imprescindíveis para que os discentes reflitam sobre aspectos linguísticos do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Sugestão didática. Gênero crônica. Prática de análise linguística. Ensino Fundamental.

ESCRITA ON-LINE: A ARTICULAÇÃO ENTRE AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Glauce Correa Antunes (UFPA)

Orientadora: Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho apresenta alguns aspectos da dissertação de mestrado, do ProfLetras, *Argumentação e a formação do sujeito aluno-autor: processos de (re)significação do dizer na era digital*, cujas discussões estão pautadas na interação verbal e teoria dos gêneros de Bakhtin (2003) e Bakhtin/Volochínov (2006) quanto à ao uso contextual da escrita em rede social. No tocante às novas tecnologias, utilizou-se Rojo e Barbosa (2015), Rojo (2013) e Araújo e Leffa (2016), justificando-se tal estudo por serem as redes sociais ambientes muito favoráveis a investigações no que diz respeito à relação entre linguagem e tecnologia. O *corpus* é composto de fragmentos de postagens no Facebook produzidas por alunos; detém-se aqui às contribuições que a relação com a tecnologia trouxe à ampliação das competências leitora e escritora deles. Assim, o foco é a discussão correlacionada a um dos objetivos específicos na pesquisa de mestrado da qual este trabalho é resultado: apurar como os alunos portam-se frente a um contexto com as singularidades do mundo virtual no que se refere à escrita. Para isso, introduziu-se o Facebook a fim de que eles se posicionassem como leitores críticos, no intuito de se comparar o que diferencia sua postura crítica on-line da escrita convencional, contrastando, dessa forma, os contextos de produção e as diferenças que isso implica nas escolhas lexicais. Os resultados apontam mudança de postura quando o sujeito aluno-autor se depara com uma situação languageira na qual, de fato, há um interlocutor real e a escrita torna-se mais relevante; também realiza escolhas gramaticais, lexicais e fraseológicas diferenciadas ao estruturar seu enunciado frente a diferentes interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Interação verbal. Facebook. Sujeito aluno-autor.

A PRODUÇÃO DO DISCURSO NARRADO/COMENTADO: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA ALUNOS DO NÍVEL FUNDAMENTAL

Maria de Lourdes Sodré (UFPA)

RESUMO: Este trabalho apresenta como tema uma proposta de ensino com foco na produção de textos de base narrativa destinada aos alunos do 7º ano do ensino fundamental. O ponto de partida é a realização de um diagnóstico sobre os problemas de escrita desses alunos com o intuito de ajudá-los a compreender estratégias de construção de texto relacionadas à infraestrutura textual (plano mais geral, tipos de discurso e modos de articulação entre esses discursos), e à referenciação de personagens. Visa também, por meio das atividades propostas, levar os alunos a refletir sobre condutas éticas com base em situações presentes no cotidiano da escola e na sociedade de modo geral. O trabalho tem como referencial teórico autores como Bronckart (1999), Genette (1966), Freire (2015) Geraldi (1984; 1997), Koch (2011; 2015), Antunes (2010), Oliveira (2010), Lopes-Rossi (2002; 2008), entre outros. Trata-se de uma pesquisa-ação orientada para uma análise qualitativa dos dados, que consiste de etapas que envolvem o levantamento do *corpus*: textos produzidos pelos alunos provenientes da aplicação de oficinas de leitura e escrita em textos de base narrativa com ênfase em temas relacionados à ética, a descrição e análise da produção dos alunos e a proposição de um projeto de ensino que vise minimizar os problemas identificados referentes à infraestrutura textual. O gênero selecionado para o trabalho, a princípio, é a crônica,

com a possibilidade de extensão para outras modalidades de textos narrativos, tendo em vista, esta proposta estar sendo aplicada neste ano letivo de 2017, o que abre espaço para contemplarmos outros gêneros discursivos, a fim de ampliar, ainda mais as possibilidades de uso efetivo da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Produção escrita. Ética. Construção de narrativas. Ensino e aprendizagem.

UMA PROPOSTA PARA ABORDAGEM DA RELAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Letícia Martins Feitosa Lopes (UFPA)

RESUMO: Este trabalho insere-se na área de Linguagens e Letramentos do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Pará e foi concebido com a intenção de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos, na textualização da escrita formal, sem marcas de textualização da fala espontânea; bem como de auxiliar a prática docente no que tange a esse problema. São alunos de uma turma de quarto ciclo da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública do município de Castanhal – PA. No que se refere à pesquisa que precede a preparação da proposta de ensino elaborada para esse fim, este estudo teve por objetivo observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos da linguagem abordados nele. Realizou-se, portanto, uma abordagem qualitativa de análise indutiva, tomando como objeto de estudo textos produzidos pelos alunos. Para a fundamentação teórica deste trabalho, sobre a abordagem das estratégias de textualização, buscou-se, embasamento em Oliveira (2010), Koch & Elias (2010), Koch (2005), Bronckart (1999) e outros. Valeu-se, ainda, de embasamento nos estudos de Castilho (2014), Neves (2011), Koch-Travaglia (2011), Brait (2010), Marcuschi (2005,2008), Ilari-Geraldí (2006), Freire (2005), Schneuwly & Dolz (2004), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2002, 2003, 2006,2009, 2011, 2013), Rojo (2000) e outros, para abordagens de aspectos relacionados a texto e gêneros textuais, sequência didática, trabalho com EJA, marcas da oralidade na escrita e peculiaridades destas modalidades da língua. A abordagem teórica se fez com o propósito de ser uma fonte para acesso de professores de Língua Portuguesa, estudantes de Letras e alfabetizadores para o trabalho com a relação oralidade/escrita em sala de aula, de forma a apresentar-lhes, inicialmente, reflexões sobre a importância da busca de subsídios nas teorias linguísticas como apoio permanente de suas práticas docentes, contribuindo para levar o falante ao domínio da língua que usa. E, mais adiante, conforme a identificação do problema a ser discutido na pesquisa, relacionou-se a teoria à prática, o que, além de ajudar na composição deste trabalho e na elaboração do material didático para tratar das necessidades dos alunos, também se tornou um possível modelo, de que o docente poderá dispor diante de tantos outros problemas que se encontram na sala de aula. A partir da análise que interpretou que os alunos não conhecem as peculiaridades de cada uma das modalidades da língua, pois empregam estratégias da oral na escrita inadequadamente, buscou-se engendrar um material didático no formato de um caderno pedagógico baseado no procedimento “sequência didática” – dos estudos de Schneuwly & Dolz (2004) –, cujos exercícios foram inspirados, inclusive, na atividade de “retextualização” segundo Marcuschi (2005). Trata-se de atividades que têm por objetivo contribuir para que o aluno aprenda a considerar o contexto de comunicação em que esteja inserido para selecionar as estratégias de textualização mais adequadas a ele, o que inclui, quando textualizarem a

escrita formal, a eliminação de marcadores conversacionais, a adequação de introdução tópica, a realização de referenciação textual adequada e o uso adequado e variado de conectores – o que foi o objetivo principal desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade. Escrita. Retextualização. Ensino de Língua Portuguesa.

NÍVEIS DE LEITURA DO TEXTO: SUBSÍDIOS À COMPETÊNCIA LEITORA

Fernanda Valeska Mendes da Silva (UFPA)

RESUMO: A discussão acerca do ensino de leitura vem, há algum tempo, figurando o cenário educacional brasileiro. É nesse contexto que se acentua o debate a respeito da complexa tarefa de formar leitores competentes, aspecto posto em evidência pelos baixos índices obtidos pelos alunos nas avaliações que objetivam aferir o grau de conhecimento dos educandos. Nesse sentido, no âmbito do PROFLETRAS, propusemos a investigar e agir, no intuito de contribuir para uma melhor abordagem do texto, no que tange o ensino de leitura. A fim de cumprir com tal propósito, organizamos este estudo, de caráter qualitativo, em duas etapas distintas: o processo diagnóstico e uma pesquisa-ação, na qual implementamos uma proposta de intervenção denominada “A Semiótica como facilitadora de desenvolvimento de competência leitora no 9º ano: uma proposta de leitura com o gênero poema”, que tem base em duas referências: 1) a concepção, à luz da Teoria Semiótica do Texto acerca do percurso gerativo de sentido; 2) as estratégias de leitura propostas por Solé (1998). O objetivo central deste estudo é ampliar a competência leitora de alunos do 9º ano, quanto à sua capacidade de processar significados do texto, por meio de atividades de compreensão e interpretação que explorem os níveis fundamental, narrativo e discursivo na construção dos significados, comprovando a hipótese de que, apesar de sua complexidade, a Teoria Semiótica se torna eficaz quando orientada didaticamente para o processamento dos sentidos nas atividades de leitura. A escolha do gênero poema se justifica pela riqueza de significados e pela necessidade de fomentar a leitura de textos literários na escola. A implementação da proposta está em andamento e os resultados obtidos estão em fase de análise. Como principal aporte teórico, apoiamos-nos nas obras de Greimas (1975), Fiorin (2003; 2011), Barros (1988; 2010) e Solé (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Níveis de leitura. Competência leitora. Semiótica. Poema.

VARIEDADES DE PORTUGUÊS SOB A PERSPECTIVA DO CONTATO LINGUÍSTICO

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)

RESUMO: A temática do contato de línguas nos últimos anos trouxe novas luzes aos estudos linguísticos das variedades que de algum modo passaram ou passam por influência e/ou convivência com outras línguas ou variedades linguísticas. No Brasil, particularmente, esse campo tem despertado a atenção de linguistas no tocante à descrição de variedades não standard de português que se desenvolvem em comunidades monolíngues ou bilíngues envolvidas em contexto de imigração, ou situadas em áreas de fronteiras, em comunidades quilombolas, comunidades indígenas etc. Os cenários envolvidos nesses estudos permeiam a temática do bilinguismo, multilinguismo e/ou plurilinguismo e as análises e descrições concentram-se tanto no cotejo da gramática de duas ou mais línguas pontualmente identificadas na relação do contato, descrevendo-se fatores linguísticos como a mistura de línguas (code mixing), alternância de código (code switching) e transferências linguísticas (empréstimos, etc.) em comunidades multilíngues indígenas ou compostas por imigrantes europeus, asiáticos, árabes etc., quanto no estudo de variedades vernaculares embasados em hipóteses de participação ou convivência de matrizes linguísticas em nível sócio-histórico como é o caso de muitos estudos do português brasileiro em comunidades quilombolas, por exemplo, para o caso do contato com as línguas de matriz afro e/ou indígenas. É, portanto, de nosso interesse discutir por meio desse simpósio trabalhos que tratem de variedades de minorias étnicas em contato.

DE VARIEDADES DO ESPANHOL PENINSULAR A LÍNGUAS CRIOLAS: HIPÓTESES ACERCA DE INFLUÊNCIAS E CARACTERES DO PB ATUAL

Fabrício Cordeiro Dantas (UNICAMP)

RESUMO: Este trabalho busca discutir acerca de possível contato linguístico que sugere ou justifica convergências e semelhanças, de ordem fonético-morfológica e léxico-sintática, entre variedades do português do Brasil, variedades do espanhol peninsular e línguas crioulas de bases francesa, espanhola e portuguesa. Para tanto, tomaremos como base teorias sobre contato linguístico discutidas por autores vários como Avelar & Galves (2014), Baxter & Lucchesi (1997), além de outros relativos à linguística histórica e sociolinguística como Bagno (2007) Faraco (1988), e, por fim, partiremos de publicações analisando dados como os presentes na Revista “Papia” que trata de contato linguístico, dentre outros temas. Os dados linguísticos que discutiremos neste trabalho advêm de recortes já feitos e publicados em manuais, revistas especializadas e dissertações ou teses Assim, buscaremos fazer levantamento o mais vasto possível de corpus já publicados a fim de verificar possíveis similaridades que justifiquem ou se aproximem de nossas hipóteses acerca do que também pode ser fonte de estudo relativo ao que contribuiu para a formação ou consolidação do português brasileiro, a exemplo do que há em variantes espanholas e crioulos. Por fim, destacamos que já pudemos perceber, por um lado, fenômenos presentes em variedades populares do espanhol peninsular que apresentam caracteres presentes sobretudo no português do nordeste brasileiro, a exemplo de transformações como reduções e alterações fonéticas, modificação na ordem de pronomes átonos, ou fenômenos presentes em crioulos de bases francesa, portuguesa e espanhola. Considerando a relativa alta frequência de dados encontrados, enfatizaremos fenômenos mais prototípicos no português brasileiro. Por fim, esclarecemos que observações prévias nos apontam para indícios de que o

português falado em nosso país, se não por fruto de contato linguístico, ao menos teria como explicação a evolução semelhante às línguas europeias e línguas crioulas por extensão, cujos caracteres específicos convergiram com/foram influenciados indiretamente por substratos africanos.

Palavras-chave: Contato linguístico. Português Brasileiro. Semelhanças linguísticas. Linguística Histórica. Crioulística.

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NOS NOMES DE PARENTESCO NA LÍNGUA TEMBÉ

Marcia Goretti Pereira de CARVALHO (UFPA/UFSC)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os nomes de parentesco na língua Tembé do Gurupi, subramo IV da família Tupí-Guaraní, e a diversidade linguística presente nessas unidades lexicais. Além da estrutura gramatical no estudo do léxico de uma língua indígena, há ainda o aspecto sociocultural a ser considerado na descrição linguística dessa língua. Nas relações de parentesco, há um modo de viver em sociedade e formar seus laços familiares diferente do estilo de vida do ‘homem-branco-europeu’ e isso se reflete na forma de nomear essas relações de parentesco. O estudo das línguas indígenas e dos nomes de parentesco em Tembé, nesse artigo, foi feito com pesquisa bibliográfica, baseando-se nos trabalhos de Galvão (1978); Rodrigues (1985, 2000); Franchetto (1996); Cabral (2000); Silva (2010), com alguns dados de sua tese; e com dados da pesquisa de campo realizada em meu Mestrado (CARVALHO, 2001). No caso do Tembé do Gurupi, entretanto, existe também uma intensa interferência do Português na fala dos mais jovens e na estrutura da língua indígena devido ao intenso contato entre essas duas línguas que afeta a diversidade linguística da língua nativa e a identidade etno-linguística dos Tembé. Além do trabalho de campo (2000 até 2010), sobre interferência linguística do Português no Tembé, a pesquisa bibliográfica sobre línguas em contato tem como base as obras de Campbell e Muntzel (1989) e Thomason (2001), dentre outros trabalhos. Os resultados desse estudo apresentam as particularidades da diversidade linguística nos nomes de parentesco da língua Tembé em relação ao Português, e sua ligação com a estrutura social do povo Tembé e seus laços de família com muitos vocábulos que designam nomes de parentesco culturalmente marcados e que não encontram equivalentes absolutos ou relativamente próximos na língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade linguística. Tembé. Nomes de parentesco. Léxico.

A VARIEDADE PORTUGUÊS AFRO-INDÍGENA – ESTUDOS EM ANDAMENTO

Ednalvo Apóstolo Campos (UEPA)

RESUMO: A obra *Português Afro-Brasileiro* (LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO, 2009), publicação do grupo de pesquisadores que compõe o Projeto Vertentes, sediado na UFBA, trouxe uma contribuição considerável aos estudos de português baseados no contato linguístico. As bases empíricas para as pesquisas que resultaram na referida obra foram constituídas com amostras de falas recolhidas em diversas comunidades

baianas formadas por descendentes de ex-escravizados como *Helvécia*, entre outras. No entanto, se para as variedades descritas pelo Projeto baiano o termo *afro-brasileiro* é a ‘vertente’ que as une, na região amazônica é difícil atribuir uma ‘vertente’ unicamente *afro*, dada a configuração das comunidades, mescladas, historicamente, por um misto de quilombos e/ou mocambos (termo atribuído aos ajuntamentos de escravos fugidos, indígenas e soldados desertores (GOMES, 1997). Neste trabalho, objetiva-se discutir a aplicabilidade do conceito *português afro-indígena* (CAMPOS, 2014; OLIVEIRA *et al*, 2015) face aos dados empíricos de corpora coletados em comunidade quilombola do Pará em lugar de *afro-brasileiro* como o fez o grupo Vertentes da UFBA para as variedades baianas. Oliveira *et al* e Campos (op. cit.), baseados em elementos sócio-históricos referentes à gênese de três comunidades – Jurussaca-PA, Almofala-Tremembé-CE (PRAÇA, 2013) e Mazagão Velho-AP, (OLIVEIRA, E, 2015) –, definiram suas variedades como “tipos” da variedade *afro-indígena* e apontaram que elas formam um conjunto de comunidades afro-(indígenas)-brasileiras que não se diferenciam em ‘essência’ em todo o território nacional, mas diferenciam-se ao se identificarem exclusivamente ou como “afro”, ou como “indígena”, ou “quilombola”. Em síntese, objetiva-se ainda, um estudo descritivo da expressão pronominal de uma dessas comunidades – Jurussaca/PA, sobre (i) o estatuto morfossintático do pronome **lhe** em construções como: *ele deu-lhe nela* e (ii) o clítico inerente e o clítico atemático em construções do tipo: *ela nasceu e se criou-se aqui* (CAMPOS, 2014, pp. 166-8).

PALAVRAS-CHAVE: Português Afro-indígena, Comunidade Quilombola, Comunidade Indígena, Morfossintaxe Pronominal.

FRASEOLOGIA E SUAS INTERFACES

Prof.^a Dr.^a Carlene Ferreira Nunes Salvador (SEDUC)

RESUMO: Compreende-se por fraseologia, grafada com letra minúscula, o conjunto dos fraseologismos, o inventário das expressões fixas, quer dizer o fraseoléxico de uma língua (MEJRI, 1986) e Fraseologia, grafada com letra maiúscula, a subárea da Lexicologia, isto é, a investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico. Da gama de investigações sobre a Fraseologia emanam as controvérsias relacionadas à sua área de atuação, seu objeto de estudo e sua delimitação, além da abundante diferença terminológica, associada à linha de pensamento de seus autores. Houve um aumento significativo, nos últimos anos, de pesquisas de cunho fraseológico, o que pode ser constatado em banco de teses e dissertações e periódicos da área. Considerando o interesse pelo tema, com vistas a divulgar mais ainda pesquisas em torno desta temática, almeja-se com esse simpósio criar um círculo de discussão a partir da apresentação de resultados parciais e finais de pesquisas que tenham como objeto de estudo, a descrição e a análise fraseológica da língua portuguesa, seja em perspectiva teórica, aplicada e/ou contrastiva. Desta forma, espera-se que os trabalhos inscritos apresentem dados relativos ao estudo fraseológico, de modo que evidenciem os critérios metodológicos adotados em pesquisas realizadas nessa área e façam a relação da Fraseologia com as disciplinas com as quais costuma interagir.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Disciplinas. Interfaces.

FRASEOLOGISMOS DO FUTEBOL COM O TERMO ‘GOL’

Carlene Ferreira Nunes Salvador (GeoLinTerm/SEDUC)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar um dos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida em nível de doutorado *Fraseologismos do futebol brasileiro: proposta de um dicionário eletrônico* sobre os fraseologismos do futebol em que a base da combinatória apresenta o termo ‘gol’. O aporte teórico-fraseológico adotado está circunscrito à proposta da escola francesa Maurice Gross (1993), Gaston Gross (1988, 1996) e, sobretudo Salah Mejri (1997) que dentre outros fatores elege os critérios da polilexicalidade, da fixidez, da frequência, da congruência e da idiomaticidade como marcas que permitem a identificação e a delimitação das unidades fixas de uma língua. Para tanto, procedeu-se à constituição do corpus inédito o qual foi coletado de jornais populares brasileiros ancorados na web, mais especificamente notícias sobre futebol masculino de campo extraídas da *Coluna de Esportes*, relacionadas às séries B, C e D do Campeonato Brasileiro no recorte temporal de 2008 a 2015. Após a coleta, os dados foram tratados e sistematizados para rodadas no software *WordSmith Tools 6.0* (SARDINHA, 2004), o que possibilitou a extração dos possíveis fraseologismos do futebol, inclusive aqueles constituídos a partir do termo ‘gol’. Desse modo, observou-se que dos 1316 fraseologismos encontrados 156/1316 deles apresentavam o termo ‘gol’ em sua base *gol de placa, gol de trivela, gol de craque, gol de bicicleta, gol chorado, gol de cabeça*, dentre outros. O que permite entre outros aspectos constatar o caráter específico do corpus coletado.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismos. Futebol. Gol.

O LÉXICO DOS PASSARINHEIROS DE TRACUATEUA-PA

Paulo Santiago de Sousa (PPLSA/UFGPA)

RESUMO: O léxico dos passarinhos é uma realidade linguística no município de Tracuateua/PA. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo mostrar os termos usados por esses passarinhos, bem como os aspectos socioterminológicos imbricados na atividade da passarinhada. É sabido que “O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1980, p.45). Vilela (1994) afirma que não é novidade dizer que a diversidade das atividades humanas em desenvolvimento apareça refletida na terminologia cotidiana, por meio de um léxico específico, pois quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. Nesse sentido é importante saber de que modo os saberes e fazeres dos passarinhos são traduzidos em itens lexicais que os caracterizam enquanto atividade social e cultural na região no município de Tracuateua e como o léxico é identificado pelas pessoas que convivem nas comunidades desse município. Com o intuito de averiguar a terminologia dos passarinhos foram realizadas gravações de conversas com os informantes, motivadas pelo inquiridor, mediante a aplicação de questionário terminológico. Os dados recolhidos na pesquisa de campo serão apresentados em fichas terminológicas, conforme Faulstich (1996). Os resultados da investigação são parciais, no entanto apontam para a existência de uma língua de especialidade usada cotidianamente pelos passarinhos em Tracuateua.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Passarinhos. Tracuateua/PA.

A METAFORIZAÇÃO NA TERMINOLOGIA DO CORTE BOVINO

Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira (UFPA)
Abdelhak Razky (UnB/UFPA)

RESUMO: Este estudo é um recorte da tese, em andamento, sobre o corte bovino e objetiva demonstrar, a partir da Cadeia Produtiva do Corte Bovino-CPCB, a metáforização que ocorre nas unidades terminológicas desse léxico especializado. As inovações tecnológicas e científicas das últimas décadas trouxeram novos vocábulos. A comunicação, nesse novo contexto, passou a ser de acordo com o léxico determinado pelas Instituições normalizadoras ou com aquele utilizado pelas indústrias de processamento da carne bovina brasileira. Os procedimentos metodológicos adotados fundamentaram-se em registros orais e escritos. A pesquisa de campo, em contextos de uso como em Instituições de grande porte localizadas nas cidades de Belém, Castanhal, Marabá, Xinguara e Água Azul do Norte, promoveu a recolha dos dados e a constituição do corpus de estudo. Entrevistas direcionadas e questionários aplicados aos informantes selecionados nas empresas foram instrumentos de pesquisa que nortearam a seleção e registro das unidades terminológicas. O Word Smith Tools 6.0, foi utilizado para o processamento automatizado dos dados até se chegar aos termos/fraseologias e à aplicação dos critérios para uma possível sistematização fraseotermológica desse domínio. As orientações teóricas concentraram-se na Teoria Comunicativa da Terminologia, postulada por Cabré (1993); nos postulados sobre fraseologia especializada de Mejri (1997, 2000, 2006, 2009), que descrevem e explicam o funcionamento das línguas e na Linguística Cognitiva com a teoria de Lakoff e Johnson (1980), que por meio de evidências linguísticas percebem a presença da metáfora como figura de pensamento que subjaz à linguagem e às atitudes humanas do cotidiano. Os

resultados obtidos apontam um léxico especializado dinâmico e produtivo comprovando que a metáfora terminológica, no corte bovino, é um recurso utilizado inconscientemente, mas que promove a comunicação, atesta a contiguidade entre linguagem especializada/linguagem geral e corrobora a suspeita de que a concepção de mundo do socioprofissional determina a escolha do léxico.

PALAVRAS-CHAVE: Corte Bovino. Metáfora. Termo. Fraseologia. Terminologia.

FRASEOLOGISMOS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Karla Karoline de Fátima Silva Pereira (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

RESUMO: A partir de aportes de algumas áreas de conhecimento como a Dialetoлогия, a Sociolinguística e a Lexicologia, procederemos à seleção de unidades fraseológicas, registradas pelo Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, decorrentes do universo vocabular de informantes oriundos de São Luís do Maranhão. Este trabalho se baseia, principalmente, na Fraseologia, que é o ramo da Lexicologia que trata da construção de expressões ou frases, próprias de uma língua, com sentido figurado, como *longe pra caramba*, *bater peso*, *fazer na doida*, *ficar meio assim* (expressões que já fazem parte do *corpus* deste trabalho). Muitas são as classificações quando se trata de unidades fraseológicas e nem sempre é possível chegar-se a um consenso entre elas. Entretanto, algumas características, inerentes a essas unidades, serão observadas e testadas nos fraseologismos selecionados para essa pesquisa, tais como a polilexicalidade, a opacidade, a transparência e a idiomaticidade. Para a realização desse estudo de cunho lexicográfico, procederemos da seguinte forma: a) faremos a seleção de fraseologismos que, porventura, sejam encontrados nas respostas obtidas por meio dos questionários aplicados nos inquéritos feitos pelo Projeto ALiB; b) analisaremos estrutural e semanticamente as expressões selecionadas. Os sujeitos da pesquisa estão divididos em duas faixas etárias, assim descritas: Faixa etária I – 18 a 30 anos; Faixa etária II – 50 a 65 anos. São oito informantes, de ambos os sexos (masculino e feminino) e possuem escolaridade fundamental e superior (meio a meio). Os aspectos que serão analisados e testados nessa pesquisa serão de fundamental importância para que se possa alcançar o produto final a que esse trabalho se destina: a construção de um glossário que subsidiará o Projeto Valexta Internacional de Intercâmbio Científico, cuja finalidade é a elaboração de um dicionário de fraseologismos do Brasil e da França.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia. Fraseologismos. Lexicografia.

FRASEOLOGISMOS NO DISCURSO POLÍTICO BRASILEIRO

Davi Pereira de Souza (UFPA)
Orientador: Dr. Abdelhak Razky (UFPA/UNB)
Co-orientador: Dr.^a Maria Luísa Ortiz Alvarez (UNB)

RESUMO: Nesta comunicação, apresenta-se um recorte da pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo consiste em produzir um glossário, em versão impressa e eletrônica, dos fraseologismos utilizados no discurso político veiculado em textos escritos de ampla circulação no Brasil, no período compreendido entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016. Considera-se unidade fraseológica ou fraseologismo a combinatória sintagmática recorrente (MEJRI, 2012) que apresenta, em diferentes graus, propriedades como polilexicalidade, fixidez, congruência, opacidade, frequência de uso, entre outras. A justificativa para tal pesquisa pode ser sintetizada nos três motivos a seguir: a) importância de se investigar o campo da política em seu aspecto linguístico, b) quase inexistência de estudos fraseológicos no campo da política brasileira e c) necessidade de haver mais pesquisas no Brasil sobre o complexo fenômeno fraseológico. A pesquisa está dividida em três etapas principais: i) revisão da literatura sobre a área em foco, particularmente as pesquisas fraseológicas desenvolvidas no Brasil e na França; ii) constituição e tratamento do *corpus*; e iii) elaboração do glossário com as unidades fraseológicas identificadas no âmbito político brasileiro. Os textos que compõem o *corpus* são provenientes de *blogs* ou *websites* de 4 (quatro) colunistas que assinam matérias sobre política nas revistas Isto é, Veja, Época e Carta Capital, sendo um colunista por revista. Para tratamento dos dados e confecção do glossário eletrônico, serão utilizados respectivamente os *softwares WordsSmith Tools* – versão 5.0 (SCOTT, 2008) e *Lexique pro* (SIL INTERNACIONAL, 2004-2009). O trabalho adota principalmente os pressupostos teóricos da corrente francesa da Fraseologia, baseando-se nos estudos desenvolvidos por Maurice Gross (1993), Gaston Gross (1988, 1996) e sobretudo Salah Mejri (1997, 1998, 1999, 2002, 2005, 2012). Os resultados parciais demonstram a predominância de fraseologismos da língua geral, tais como: *mão na roda, nadar contra a corrente, embarcou na canoa furada, dor de cotovelo, correu às mil maravilhas, acertar os ponteiros*, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Política. Glossário fraseológico.

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TRADUTORES E INTÉRPRETES
DE LIBRAS NO CONTEXTO PARAENSE**

Prof.^a M.Sc. Raquel da Silva Gomes (UEPA)
Prof.^a M.Sc. Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)
Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA)

RESUMO: Este Simpósio tem por objetivo divulgar as pesquisas que vêm sendo produzidas no Pará voltadas para o ensino de Libras e para a tradução e interpretação de textos da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa e vice-versa. A discussão nesse simpósio será sobre o ensino de Libras, os materiais didáticos, as práticas de ensino, a variação linguística, a literatura, interpretação e a gramática da Libras. A proposta é reunir trabalhos de alunos surdos e de alunos ouvintes em torno das propostas que discutam o bilinguismo na educação de surdos, considerando vários gêneros do discurso e os principais temas amazônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; ensino; metodologias; interpretação; bilinguismo.

SINALÁRIO DA UEPA EM LIBRAS

Maria Joaquina Nogueira da Silva (UEPA)
Raquel da Silva Gomes (UEPA)

RESUMO: O presente projeto visa sinalizar em Língua Brasileira de Sinais os espaços da Universidade do Estado do Pará, considerando as diferenças linguísticas entre estudantes surdos e não surdos; promover a acessibilidade e a mobilidade das pessoas surdas na UEPA; favorecer as relações sociais e as trocas culturais entre discentes. Hoje estão matriculados na UEPA 38 alunos surdos e mais a presença de 01 docente surda. O instrumento comunicacional do surdo é a Língua Brasileira de Sinais, de modalidade visual espacial que difere da Língua Portuguesa, oral auditiva. As barreiras na comunicação entre surdos e ouvintes interferem na relação social, nas trocas culturais. O projeto tem em sua metodologia a participação dos alunos surdos e ouvintes, tradutores intérpretes de Libras e consultor/projetista surdo; focará estudos/vivências sobre as atividades desenvolvidas nos diferentes setores da UEPA/CCSE; as etapas serão realizadas por meio de vídeo gravação e edições; os sinais serão filmados e compilados em um vídeo para a avaliação dos alunos e profissionais surdos; impressão e colocação dos sinais. Após a ineficácia da abordagem oralista e baixos índices de escolaridade apresentado pelos estudantes surdos, surge o modelo social da deficiência fundamentado nos direitos humanos. As limitações funcionais do indivíduo não determinam seu destino, senão requerem que o ambiente disponha dos recursos de acessibilidade. As políticas apontam o reconhecimento da LIBRAS por meio da Lei de nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626/2005. Ordenamentos jurídicos/educacionais norteiam as instituições sobre o acesso e permanência de alunos com deficiência na educação superior: Aviso Circular nº 277/2007; Portaria nº 1679/2209; Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, etc. O projeto deve tornar os espaços acessíveis aos estudantes com surdez, garantir os direitos linguísticos, entre outro.

SOCIOLINGUÍSTICA DA LIBRAS: PROPOSTA DE ANÁLISE FONÉTICA E LEXICAL

José Anchieta De Oliveira Bentes (UEPA)
Fábio Augusto Teixeira Rodrigues (UEPA)

RESUMO: Este trabalho concebe a língua como heterogênea, o que significa dizer que ela varia conforme seus usuários, por razões diversas, tais como a região. Essa variação foi analisada em uma perspectiva sociolinguística, considerando as diferentes formas de uso da Língua Brasileira de Sinais- Libras. A pesquisa fundamenta-se em Faraco (2008), Barros (2015), Brito (2010), Capovilla; Raphael (2007). O objetivo é analisar a sinalização dos sinais “janela” e “policia”, ao expressarem uma narrativa, observando as variações fonéticas ou lexicais. Trata-se de uma pesquisa sociolinguística realizada na cidade de Belém, com cinco graduandos surdos do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará. A metodologia obedeceu aos seguintes procedimentos: 1) apresentação aos discentes da narrativa “o garoto”, de Charles Chaplin, produção do ano de 1921; 2) filmagem dos surdos contando a narrativa em Libras; 3) transcrição e tradução das narrativas sinalizadas para a Língua Portuguesa escrita; 4) análise comparativa dos sinais “janela” e “policia” com os mesmos sinais registrados no dicionário Capovilla e Raphael (2007); 5) descrição dos fonemas e lexemas. Os resultados indicam que as variações ocorrem em virtude da iconicidade e, sobretudo, da regionalidade. Os sujeitos surdos da pesquisa não necessariamente seguem a norma estabelecida pelo dicionário, considerado a norma padrão da Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Variação. Narrativa sinalizada.

A CONTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS NA ESCOLA VILHENA ALVES

Nathalia Cristina Da Silva Brito (UEPA)
Ozivan Perdigão Santos (UEPA)

RESUMO: Este artigo vem com a temática central de conhecer qual a contribuição da utilização dos recursos tecnológicos no processo de aprendizagem do aluno surdo independente de qualquer disciplina a ser lecionada em uma escola da rede pública estadual de ensino localizada na cidade de Belém. O tipo da metodologia utilizada neste trabalho é na linha de pesquisa qualitativa- descritiva, pois buscou mostrar que as aulas para os surdos devem ser dinamizadas, procurando o interesse maior dos alunos e também dos docentes para verificar se utilizam metodologias adaptadas para os estudantes, realizando a introspecção nos processos do desenvolvimento educativo. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa foram as entrevistas com questionários estruturados para os professores e os alunos surdos e foi apontado que a tecnologia na educação do surdo é algo inovador e interessante tanto para os educandos surdos quanto para os educadores e sempre demonstrando os motivos que contribui no processo de aprendizagem do aluno surdo.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia, Aprendizagem, Recursos, Surdo.

CARTILHA DE SINAIS PARAENSES: A CULTURA PARAENSE SENDO MOSTRADA PELOS ALUNOS SURDOS DO 5 ANO DO INSTITUTO FELIPE SMALDONE

Leilane Fernanda das Dores Monteiro (UEPA)

RESUMO: Este projeto tem por objetivo divulgar a cultura amazonica, seus termos peculiares e características próprias da região norte produzidos por alunos do 5 ano do instituto felipe smaldone. Discutiremos temas relacionados aos sinais típicos de Belém do Pará, como as frutas, comidas, clubes, municípios, pontos turísticos, assim como sua utilização no dia a dia da turma e a produção de uma cartilha para estudo de sinais próprios de nossa região. A proposta é reunir a produção dos alunos surdos e da professora ouvinte em torno de questões que discutam o bilinguismo na educação de surdos, considerando os aspectos próprios de nossa região pois pensamos nos surdos de outros Estados que chegam à Belém e sentem muita dificuldade em reconhecer os sinais de alguns termos que são próprios de nossa região. Por isso, este projeto visa a exploração de recursos visuais e tecnológicos para ampliar e disponibilizar o léxico de Libras da região de Belém do Pará para o mundo, trazendo sinais próprios, para servirem de apoio a surdos e ouvintes do Estado e fora dele mostrando as especificidades da linguagem de nossa região. Devido às solicitações de intérpretes, pesquisadores e instituições, esta cartilha tem a finalidade de iniciar um estudo sobre sinais regionais e despertar no surdo e ouvinte o interesse por pesquisas relacionadas a amazonia.

PALAVRAS-CHAVE: libras, regionalismo, bilinguismo, ensino

RETEXTUALIZAÇÃO DE UM ESTUDANTE SURDO: DO ASSISTIR AO CONTAR EM LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Cyntia França Cavalcante de Andrade da Silva (UEPA)

Silvana Santos Alves (UEPA)

RESUMO: Neste trabalho apresento a retextualização de um vídeo do cinema mudo intitulado “Charlie Chaplin – *Boxing Day*” para a língua brasileira de sinais (Libras) tendo como narrador um estudante surdo. O vídeo é um trecho do filme “Luzes da Cidade” (1931). A escolha deu-se justamente pelo fato de o mesmo não se utilizar da linguagem oral e pela ancoragem na expressividade e visualidade como elementos fundamentais que facilitam o entendimento, principalmente do sujeito surdo. Esta investigação teve como objetivo analisar o processo de retextualização do estudante surdo partindo do assistir o vídeo ao contar em Libras. Utilizei como categorias de análise a *compreensão* e a *reformulação*, desenvolvidas por MARCUSHI (2001a; 2008b). Quando trabalho a compreensão do estudante, estou analisando aspectos cognitivos, buscando em sua retextualização a presença de inferência, inversão e generalizações. Por outro lado quando faço a análise partindo da reformulação, busco na narrativa do estudante o uso de acréscimos, substituição, e reordenação de informações do texto original – o vídeo. Esta pesquisa é do tipo qualitativa explicativa, a qual possibilitou - me entender como ocorrem as sequências lógicas e a busca que o próprio estudante evidenciou pela coerência enquanto sinalizava. Concluo que é imprescindível que os estudantes surdos possam enxergar os processos que estão envolvidos na retextualização feita primeiramente em libras, como uma tentativa de

que o mesmo aplique o conhecimento adquirido em vários tipos de textos e gêneros textuais, seja na libras ou língua portuguesa. Pois muitas vezes nós (ouvintes e surdos) praticamos ações linguísticas bastante complexas sem termos o menor conhecimento da complexidade (Marcuschi 2001a; 2008b). Meu referencial teórico foi baseado em MARCUSCHI (2001a, 2008b), CAMPELO (2008), NAPOLITANO (2013), TRAVAGLIA, (2003), GERHARDT e SILVEIRA (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Retextualização. Compreensão. Reformulação.

A LINGUAGEM BAJUBÁ DE SURDOS: ANÁLISE DAS VARIAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS

Rita de Nazareth de Oliveira Bentes (UEPA)

Ana Claudia Ferreira Brito (UEPA)

RESUMO: A língua é vista como um dos mais importantes instrumentos de empoderamento de um povo é através dela que consolidam sua cultura, sua identidade, sua dignidade, sua existência em sociedade. E por esse motivo também é um dos maiores objetos de estudos. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é fazer estudos comparativos e despertar discussões sobre variação sociolinguística da Língua Brasileira de Sinais usada pela comunidade LGBTTT conhecida como Bajubá. O corpus da pesquisa são 10 sinais feitos por um estudante da Universidade Federal de Santa Catarina e quatro da Universidade do Estado do Pará. Os sinais do estudante de Santa Catarina foram retirados de um vídeo do You Tube; e os sinais dos quatro estudantes da UEPA foram filmados. Embasamento teórico da pesquisa FERREIRA BRITO, QUADROS. As análises foram realizadas com base nos procedimentos metodológicos da pesquisa sociolinguística variacionista, com a abordagem quanti-qualitativa e o instrumento usado para a coleta de dados foram à rede social internet e câmera fotográfica. Os resultados indicam variações diatópicas e diastráticas com explicações sobre essas variações.

PALAVRAS-CHAVE: Variação sociolinguística. Libras. Linguagem Bajubá

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM LIBRAS: INCENTIVO À CAPACIDADE IMAGINATIVA E CRIADORA INFANTIL DO SURDO

Ohana Daniel Matias da Silva (UEPA)

Rennan Alberto dos Santos Barroso (SEDUC-MA)

RESUMO: Este é um projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas da Universidade do Estado do Pará, no qual se pesquisou a apropriação da Língua Brasileira de Sinais por meio de Contação de histórias a alunos do segundo e quarto anos, na faixa etária de 6 a 10 anos, do Instituto Felipe Smaldone, instituição especializada na educação de surdos de Belém, objetivando viabilizar a aquisição da língua por meio do brincar, criar e imaginar com as histórias, vistas como aliadas na superação das dificuldades e barreiras enfrentadas pelos surdos no ensino-aprendizagem; bem como promover a aquisição de vocabulário através da língua de

sinais, estimular a criatividade e imaginação para a criação de histórias; apropriar-se do uso de classificadores. Do ponto de vista metodológico, esta é uma pesquisa descritiva, utilizando como referencial teórico os estudos sobre aquisição de L1 conforme Goldfeld (2002), Quadros (2008), Cruz (2011) e sobre o ato de contar histórias Coelho (2004), Sisto (2001), Mantovani (2006), pautada em uma abordagem qualitativa. A pesquisa de campo está ancorada na metodologia da investigação, a coleta de dados ocorreu por meio de observações, registros, filmagem e anotações no diário de campo. Pelos resultados obtidos constatou-se que a Contação de histórias é uma estratégia fundamental na aquisição da língua de sinais por crianças surdas, uma vez que promove aquisição de vocabulário, bem como domínio da gramática da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de língua. Ensino-aprendizagem. Contação de história.

A PERCEPÇÃO IMAGÉTICA DE ALUNOS SURDOS NO CONTO VISUAL

Rita de Cássia Almeida Silva (UEPA)
Líliá Rabelo dos Santos de Melo (UEPA)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a leitura de imagem dos surdos universitários. A percepção na leitura de uma imagem é tão importante quanto a leitura de um texto escrito, uma vez que as imagens estão presentes em nosso meio antes mesmo da escrita. Os professores que trabalham com surdos, por conta da necessidade que têm de trabalhar com imagens, precisam melhor compreender as especificidades de se trabalhar com este recurso e ter informações de como ocorre a percepção das mesmas. Os procedimentos metodológicos incluíram a apresentação das imagens do conto visual “Casal Feliz” do autor paraense Cleber Couto, a narrativa em sinais, a transcrição e a análise comparativa a partir das categorias de análise das percepções representacionais, abstratas e simbólicas. Os participantes são: o próprio autor da narrativa e mais quatro alunos surdos do curso Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, lócus desta pesquisa. O referencial teórico que deu sustentação a análise foi Dondis (1997), com seu trabalho sobre a “Sintaxe da linguagem visual”, estabelecendo níveis de leitura de imagens. Os resultados obtidos indicam que predominam as três percepções, com formas diferenciadas de narrar entre os participantes.

PALAVRAS CHAVE: Conto visual. Percepção Imagética. Surdo.

A EXISTÊNCIA DE LÍNGUAS DE SINAIS ENTRE POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Manuelle Cristina Pereira Ribeiro (UEPA)
Jaqueline Marília Campos Monteiro (UEPA)

RESUMO: A ideia de pesquisar a respeito da Libras e povos indígenas se deu ao saber da existência de uma língua de sinais indígena brasileira catalogada e reconhecida mundialmente como língua emergente, e que foi desenvolvida entre povos indígenas da Amazônia (FERREIRA-BRITO, 1983). O trabalho teve como objetivo analisar as pesquisas realizadas sobre língua de sinais entre povos indígenas e a questão norteadora

da pesquisa buscou saber como estas Línguas se desenvolvem dentro da comunidade surda-indígena, como os índios ouvintes recebem essas línguas e, se há realmente a necessidade de se criar uma nova língua indígena surda para cada povo. O levantamento e catalogação dos trabalhos nessa área foi o primeiro passo da metodologia de pesquisa. Após a descrição dos materiais, fez-se a análise do material à luz das Políticas Públicas Educacionais e Linguísticas para surdos e para indígenas do MEC, e dos estudos sobre o desenvolvimento da Libras (VILHALVA, 2009) e o bilinguismo/escola bilíngue sob a perspectiva da surdez e do índio. Escolheu-se trabalhar a relação Língua Indígena, Libras e Sociedade, tomando por base os estudos de McCleary (2008), e para a relação bilinguismo e surdez optou-se de Bentes (2014) e Lima (2004). Constatou-se que a catalogação dos sinais indígenas é importante para o levantamento da diversidade e possibilidades de uso da Libras. O processo de apresentação e convenção dos sinais, porém, é lento, e precisa acontecer naturalmente. Concluiu-se também que não se mostra uma atitude adequada incentivar em excesso esse desenvolvimento das línguas emergentes, sem antes problematizar o ensino de línguas para os índios surdos, e investigar se a presença de uma língua de sinais incompleta e sem material didático adequado possibilita o ensino-aprendizagem de uma língua, para que o sujeito se perceba surdo e ao mesmo tempo, pertencente à sua etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Bilinguismo. Línguas emergentes. Índio Surdo.

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE EMISSÃO DOS FONEMAS BASEADOS NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO

Ayrlla Teixeira Rocha (UFMA)
José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)

RESUMO: Entendendo-se que a aquisição de uma língua implica no domínio de duas capacidades: a fonética (produção dos sons) e a fonológica (emprego dos sons com valor contrastivo), e, considerando-se que o sistema fonológico de uma língua é o conjunto de seus fonemas, admite-se ser plausível que a criança, para adquirir uma língua, deve dominar o inventário fonético e o sistema fonológico registrado no uso real da língua, feito pelos falantes de uma dada comunidade linguística. Tendo em vista esta realidade, este trabalho se insere na interface Fonoaudiologia/Linguística e tem como objetivo buscar subsídios para elaborar um instrumento de análise que possibilite ao Fonoaudiólogo avaliar a emissão de fonemas durante a abordagem fonoaudiológica na clínica diária, tendo como parâmetro a variedade linguística do português falado no Maranhão. Para tanto, fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Fonoaudiologia, da Dialectologia e da Sociolinguística, para discutir a questão distúrbio fonoaudiológico *versus* variação linguística, com vistas a possibilitar um diagnóstico mais eficaz na área da Fonoaudiologia. Para o *corpus* desta pesquisa, serão utilizados materiais extraídos do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão-ALiMA, que são obtidos por meio de aplicação de questionários, nos municípios maranhenses que integram a rede de pontos do atlas, a sujeitos naturais das localidades investigadas, distribuídos igualmente pelos dois sexos, duas faixas etárias (faixa I, de 18 a 30 anos; faixa II, de 50 a 65 anos), com ensino fundamental incompleto, exceto em São Luís, capital do Estado, em que se considera mais um nível de escolaridade, ensino superior completo. Para esta pesquisa selecionou-se apenas dados do questionário fonético-fonológico (QFF) do ALiMA.

PALAVRAS-CHAVE: Fonoaudiologia. Linguística. Fonética.

ANÁLISE DE VARIAÇÕES DIATÓPICAS DOS SINAIS DO CAMPO SEMÂNTICO GRAUS DE PARENTESCO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Laura Gerlyne Pires Mello (UFPA)
Walber Gonçalves de Abreu (UFPA)

RESUMO: A Língua Brasileira de Sinais – Libras teve seu reconhecimento legal em 2002 e, a partir de então, estudos sobre essa língua vêm sendo desenvolvidos com maior rigor. No que tange à variação linguística ainda há muito que pesquisar, para que possamos compreender os aspectos variacionais da Libras e, assim, contribuir para os estudos dessa língua, bem como evitar preconceitos linguísticos por conta de variação entre os sinalizantes. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva analisar as variações diatópicas no campo semântico ‘graus de parentesco’, para identificar quais sinais apresentam maior número de ocorrência nas diferentes regiões do Brasil. Para embasar a pesquisa, utilizamos os estudos sobre variação diatópica (AGUILERA, 2010) e as discussões de variação linguística na Libras (VILHALVA, 2009; CASTRO JUNIOR, 2011). Utilizamos, para a coleta dos dados, duas obras com registros de sinais, a saber:

“Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” (CAPOVILLA ET AL., 2017) e “Aprendendo Língua de Sinais” (COUTO, 2007). O primeiro, um dicionário, apresenta sinais de graus de parentesco referentes às regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste do país; o segundo, um vocabulário, apresenta os sinais do estado do Pará, representando a região Norte. Foram coletados 24 sinais de 18 capitais das 5 regiões do país: Norte (PA), Nordeste (AL; MA; PB; PE; PI; RN; SE; CE; BA), Centro-Oeste (DF; MS), Sudeste (SP; RJ; MG) e Sul (PR; SC; RS). Esses sinais foram selecionados com o controle da dimensão diatópica e organizados em tabelas divididas por região e estados. Em seguida, foi analisado nos dados o número de ocorrência de cada variação nos estados, para assim identificarmos qual delas é que predomina no Brasil. Os resultados demonstram que dos 21 sinais pesquisados, 10 foram identificados como a variação predominante no Brasil por estarem ocorrendo na maioria das capitais, ou seja, 9 estados em média. Identificamos ainda que em relação às variações predominantes, todas as 10 estão presentes no estado de São Paulo e 9 delas no Distrito Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Diatópica. Libras. Graus de parentesco.

QUESTÕES DE GÊNERO, LÍNGUA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Izabel Maria da Silva (UFPA)

RESUMO: A relação entre língua e gênero tem despertado grande interesse na Sociolinguística e em áreas correlatas como a Sociolinguística Educacional. Os objetivos da apresentação são: trazer uma síntese da história do tema e defender a importância do mesmo para a formação de professores de inglês como língua adicional. A justificativa para o estudo é que as questões de gênero estão presentes nos materiais didáticos e são representativas de contextos políticos, sociolinguísticos e educacionais. O estudo resulta de pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Gênero. Sociolinguística. Educação. Formação.

ESTUDO DIALETAL E FONOLÓGICO SOBRE O PROCESSO DA DESNASALIZAÇÃO DE VOGAIS POSTÔNICAS NA CIDADE DE BELÉM-PA.

Fábio Luidy de Oliveira Alves (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar o fenômeno da desnasalização de vogais postônicas finais que ocorre na fala dos moradores da cidade de Belém no estado do Pará. Este estudo faz uma análise do ponto de vista da Dialectologia moderna para verificar a variedade do português que é falado pelos belenenses e da Fonologia métrica para saber o que estruturalmente influencia a desnasalização, e mostrará como tal fenômeno se realiza socialmente e estruturalmente. Para isso, aplicamos o questionário fonético-fonológico (QFF) do atlas linguístico do Brasil (ALiB) para 64 informantes estratificados e utilizamos as questões 75 (passagem) e 128 (homem) para a análise, pois tratam a desnasalização ao final de palavra. Utilizamos como aportes teóricos Cardoso (2010), Brandão (1991), Labov (2008), Magalhães; Battisti (2017). Desse

modo, a pesquisa mostrou um alto índice de desnasalização na capital paraense e quais as influências externas e internas à língua que condicionam a variação.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Fonologia métrica. Desnasalização. Belém.

PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS: UM ESTUDO DA HIDRONÍMIA DA MESORREGIÃO NORTE MARANHENSE

Edson Lemos Pereira (UFMA)
Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)

RESUMO: Tendo em vista que os topônimos fazem parte do léxico de uma língua e que, por meio deles, pode-se chegar a elementos da vida sociocultural de um povo, fez-se um recorte, no âmbito dos estudos toponímicos maranhenses, que privilegia a hidronímia do Estado. O estudo adota os princípios teóricos e metodológicos da Onomástica, mais particularmente da Toponímia, cujo objeto de estudo são os nomes dos lugares, tendo como ponto de partida sua origem e significado. Fundamenta-se, ainda, nas orientações de Dick (2004, p.126-127), que entende a hidronímia como os “nomes dos acidentes hidrográficos em geral não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos”. Os estudos de Dick (1990, 1991, 2004), Isquierdo; Dargel (2014) e Seabra (2007) fundamentam esta pesquisa que objetiva descrever os hidrônimos maranhenses, com foco principal nos topônimos de base indígenas, localizados na Mesorregião Norte Maranhense. Justifica-se a escolha da área pesquisada por esta representar uma densa rede hídrica (rios, lagos, lagoas, riachos, igarapés, brejos) que permitiu/permite o deslocamento e a sobrevivência do homem na região. Os dados revelam uma considerável presença indígena na toponímia maranhense da região investigada; alguns exemplos bastante emblemáticos podem ser notados, em hidrônimos como Itapecuru-Mirim, Icatu, Jaguaré, Pindaré, Mearim. O corpus evidencia, assim, marcas incontestes de línguas indígenas no léxico toponímico do Estado, razão por que se faz necessário investigar essas marcas.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica. Toponímia de origem Indígena. Maranhão

HAGIOTOPONÍMIA E HIDROTOPONÍMIA NO SUDESTE DO PARÁ

Elaine Ferreira Dias (UNIFESSPA)

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar os resultados iniciais da pesquisa sobre nomes de municípios da mesorregião sudeste do Pará com motivação religiosa e hídrica. Em um levantamento preliminar, verificou-se um número expressivo de Hidrotopônimos e Hagiotopônimos, o que revela inicialmente um traço característico da toponímia brasileira, a influência dos marcadores ideológicos presentes em inúmeros topônimos representativos da religião cristã. Por outro lado, os Hidrotopônimos constituem um traço característico de muitos municípios do Pará e inclusive no nome do próprio estado. A influência dos hidrotopônimos e dos hagiotopônimos é tão expressiva que nesta mesorregião representam 42% do total da amostra, sendo 21% de

hidrotopônimos e 21% de hagiopônimos. Todos os hagiopônimos levantados são híbridos, formados pela união de hagiopônimos e hidrotopônimos como em: Bom Jesus do Tocantins, São Félix do Xingu, São João do Araguaia, etc. Nesse sentido, a pesquisa discute os padrões motivadores e suas influências na construção da memória e identidade da mesorregião do sudeste do Pará. Para desenvolvimento da pesquisa, a metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica e documental. Os critérios de classificação das categorias taxionômicas utilizadas seguem a proposta de Dick (1990).

PALAVRAS CHAVE: Toponímia. Sudeste do Pará. Hagiopônimos. Hidrotopônimos.

IMIGRAÇÕES, OCUPAÇÕES E MEMÓRIA: UM ESTUDO DOS NOMES DOS MUNICÍPIOS DO SUDESTE DO PARÁ

Elaine Ferreira Dias (UNIFESSPA)
Letícia Santos Gomes (UNIFESSPA)

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa acerca da toponímia na mesorregião sudeste do Pará. Em linhas gerais a pesquisa busca discutir como o processo de imigração refletiu na designação dos topônimos. O estudo é voltado para os nomes dos municípios com motivação em nomes de cidades, países e regiões (corotopônimos) e motivação em nomes próprios (antropotopônimos). O *corpus* levantado para a pesquisa é constituído por seis corotopônimos e quatro antropotopônimos da região em estudo. Os dados revelam a influência de estados de Goiás, Minas Gerais, Rondônia, dentre outros e de países ou nações como a Palestina, além da influência de famílias provenientes de outras regiões, como, por exemplo, Bannach, nome de origem alemã, proveniente de família da região do sul do Brasil, Santa Catarina. Para desenvolvimento da pesquisa, a metodologia empregada tem por base pesquisa bibliográfica e documental. Os critérios de classificação das categorias taxionômicas utilizadas seguem a proposta de Dick (1990).

PALAVRAS-CHAVE: Toponímia. Sudeste do Pará. Imigração. Memória.

OS TERMOS DA CULTURA DO BABAÇU: A VARIAÇÃO NA FALA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Theciana Silva Silveira (UFSCar)

RESUMO: A ideia de variação tem sido muito discutida na Terminologia, já que essa questão desafia o princípio da univocidade, tão buscada pelos estudos clássicos da Terminologia. O fenômeno é discutido em diferentes abordagens terminológicas de distintos modos: a clássica o vê como um problema de comunicação, já que busca a univocidade; enquanto a comunicativa defende a imprescindibilidade da variação para compreensão da realidade do universo terminológico. Desse modo, o trabalho objetiva analisar a variação terminológica no universo da cultura babaçu do Maranhão e investigar qual é o papel desse fenômeno nesse universo terminológico. Para fundamentação do trabalho, tomou-se como base os princípios teórico-metodológicos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), nos trabalhos de Cabré (1999; 2002).

O *corpus* é constituído com base na fala das quebradeiras de coco de Buriti, Itapecuru, Viana, Vargem Grande, Presidente Vargas, Cantanhede e São Bento, municípios do Maranhão. Para recolha dos termos, foi aplicado o questionário semântico-lexical, elaborado pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), que contém 54 questões, distribuídas em seis campos semânticos. A seleção e a análise dos dados foram realizadas por meio do Programa Computacional *Antconc*, com o uso das ferramentas *Word list* *Concordance* que aceleram a seleção dos termos e permitem uma análise mais completa. Foi possível encontrar três processos que motivam a variação entre os termos, a saber: (i) metonímico – *água da palmeira/lágrima da palmeira* –, (ii) hiperonímico – *palmeiral/cocal/babaçual* – e (iii) metafórico – *coco/filhote*.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Terminologia. Babaçu. Maranhão.

A RELAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DA EJA COM AS NOVAS TICS NA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA – UMA ABORDAGEM DE LEITURA E ESCRITA POR MEIO DO GÊNERO ANUNCIO

Luis Marcelo de Araujo Pedroso (UFPA)

RESUMO: Este trabalho procura analisar a relação dos livros didáticos da EJA em conjunto com o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na atuação pedagógica em sala de aula e de que forma essa relação está sendo trabalhada em prol dos alunos para o desenvolvimento de sua competência leitora e escrita. Para entender essa relação, propõe-se apresentar e estudar o ensino de língua materna por meio do livro didático como parte da produção do conhecimento escolar, em cujo processo estão inseridos aspectos dinâmicos, dentre os quais as mudanças e evoluções tecnológicas, com o surgimento das NTICS, que vêm provocando mudanças significativas no processo de aprendizagem. Além disso, propõe-se verificar de que forma estão sendo apresentadas as atividades de língua portuguesa propostas nos livros didáticos utilizados pela 3ª etapa da EJA de uma escola do ensino fundamental da periferia de Belém, utilizando o gênero anúncio como apoio ao estudo da língua. Para o desenvolvimento desta pesquisa, será analisado o quanto a escola incorpora de recursos tecnológicos nos livros didáticos, bem como até que ponto esses recursos estão sendo utilizados. Como ponto de partida para o estudo da língua, será estudado o gênero anúncio. Desse modo, busca-se compreender como a apropriação dessas novas ferramentas amplia os saberes dos alunos e suas perspectivas de avançarem na possibilidade de, por exemplo, alcançarem um fim prático, real, tal qual preceituam os PCNS sobre o ensino da EJA e a utilização de gêneros didáticos como elementos presentes na caminhada educacional dos alunos. Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pela observação participante, pautando este estudo em autores como Vilaça (2016), Santaella (2004), Souza (1998), Braga (2013), Bakhtin (2003), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático, Tecnologias da Informação e Comunicação, EJA.

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ENSINANDO INGLÊS ATRAVÉS DE DOCUMENTÁRIOS

Luiza Lobato Medeiros (UFOPA)
Nilton Varela Hitotuzi (UFOPA)

RESUMO: Neste trabalho, apresenta-se o delineamento de uma pesquisa apoiada pelo Programa de Bolsa de Iniciação Científica, que visa à elaboração de unidades de ensino de inglês capitalizando elementos da cultura local na forma de documentários. Os resultados de uma análise preliminar de cinco livros didáticos para o ensino de inglês em escolas da educação básica pública em Santarém apresentam indícios da necessidade da realização da pesquisa (SILVA; HITOTUZI, 2017). A análise revelou que a realidade local dos alunos não é contemplada nesses livros a despeito da ampla argumentação, na literatura, a favor do uso de elementos extraídos da realidade do aluno, portanto, familiares a ele, como meio de tornar o ensino de conteúdos escolares mais atrativos na sala de aula (DEWEY, 1997; FREIRE, 2007; SAMPSON; GARRISON-WADE, 2011; RASHIDI, 2011; HITOTUZI, 2016; PUTRA, 2017). Princípios da pesquisa documental nortearão a realização da pesquisa, que envolverá revisão minuciosa da literatura sobre produção de material didático para o ensino de inglês para falantes de outras línguas e a utilização de materiais (e.g. fotos, sequências de vídeo e áudio) de um banco de dados do projeto “Produção e didatização de documentários para o ensino de Inglês na educação básica pública” em execução no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Serão elaboradas quatro unidades de ensino para alunos cursando o 6º ano do ensino fundamental. A testagem do material produzido será objeto de pesquisa subsequente. As quatro unidades de ensino serão somadas a outras quatro para a composição do primeiro volume de uma série de quatro livros didáticos para o ensino de inglês nas últimas séries do ensino fundamental em escolas públicas de Santarém-PA. Espera-se, com esta pesquisa, municiar professores e alunos com uma ferramenta, mesmo embrionária, que lhes permita intermediar diálogos intra/interculturais nas aulas de Língua Estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Documentários. Unidades de ensino. Inglês. Escola pública.

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E O LIVRO DIDÁTICO

Elem Patricia Farias Sodré (UFPA)
Fabiana Costa Kameyama (UFPA)

RESUMO: Este artigo faz uma análise de uma seção do livro didático, partindo dos estudos feitos sobre as três correntes filosófico-linguísticas: o subjetivismo individualista, objetivismo abstrato e a interação verbal proposta pelo Círculo de Bakhtin. Cada uma dessas perspectivas, dentro outras questões trazem em seu bojo uma concepção de linguagem. Dando enfoque ao modo como as correntes concebem a linguagem e se fazem presente nas metodologias de ensino no país, dispusemo-nos a fazer uma análise de uma atividade do livro didático de língua Portuguesa intitulado “*Tudo é Linguagem*” destinado ao 7º ano do ensino fundamental. A atividade escolhida encontra-se na unidade 7, capítulo 2 que versa sobre os estudos gramaticais: *Sujeito e*

predicado (1), Frase e oração, Sujeito e verbo na oração e tipos de Sujeito. O trabalho tem como objetivo refletir sobre as concepções de linguagem presentes na atividade do livro didático de Língua Portuguesa nos dias de hoje. Com isso, ao analisarmos todas as questões do exercício levando em conta o que foi estudado, constatamos que a atividade escolhida tem características das três concepções, porém, temos a predominância da linguagem como expressão do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Concepção de linguagem. Livro didático. Língua Materna.

LÍNGUA INGLÊS: MÉTODOS, ABORDAGENS E O ENSINO DE LÍNGUAS PARA PROPÓSITOS ESPECÍFICOS (ESP)

Johny Ferreira Barbosa (UNITAU)

RESUMO: A língua inglesa é amplamente difundida tanto pelos meios de comunicação - o rádio, a TV, a internet - quanto pela indústria cinematográfica americana. Encontra-se em uma posição de destaque no cenário mundial como a língua utilizada nas transações comerciais, na interação entre povos e na difusão de descobertas científicas, passando a assumir, portanto, o papel de língua franca. Ao considerar esses fatores, conclui-se que o ensino da Língua Inglesa se tornou claramente imperativo e indispensável para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional de indivíduos por todo o globo. Outro dado importante é que frequentemente muitas instituições educacionais podem oferecer cursos de ensino e aprendizagem de línguas que não suprem as necessidades reais dos seus alunos, essa incoerência causa atritos, desmotivação e o abandono dos cursos pelos alunos. O objetivo deste trabalho é proporcionar uma visão da importância da língua inglesa; demonstrar as principais características das abordagens e dos métodos que têm sido utilizados e vêm, ao longo do tempo, se destacando como os mais importantes no ensino-aprendizagem de segunda língua e, por fim, descrever as características do 'Ensino de Inglês para Fins Específicos' (ESP) juntamente com o seu processo de análise de necessidades. Esta pesquisa se insere no paradigma qualitativo de caráter interpretativista que se desenvolveu a partir de uma revisão bibliográfica orientada pelos livros de Brown (2000), Evans e St. John (1998), Hutchinson e Waters (1987), Richards (1986), entre outros. Concluiu-se que a análise de necessidades, aplicada ao ensino e à aprendizagem de inglês para fins específicos (ESP), pode ser utilizada em conjunto com outros métodos e abordagens para que haja o desenvolvimento de um conteúdo específico voltado para a área de atuação do aprendiz, podendo, assim, aumentar sua motivação, sua aprendizagem prática e diminuir a evasão.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Ensino de Inglês. Métodos e abordagens. ESP.

O QUE PENSAM PROFESSORES DE INGLÊS SOBRE AVALIAÇÃO DE ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo de caso

Raíssa de Sousa Mendes (UFOPA)
Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

RESUMO: Este trabalho, na forma de estudo de caso, visa apresentar um pré-projeto de pesquisa a ser realizado em escolas públicas do município de Santarém, oeste do Pará, cujo objetivo será compreender quais as crenças de professores de inglês do ensino

fundamental a respeito da avaliação de alunos e de que maneira essas crenças influenciam no processo de ensino aprendizagem desses estudantes, tendo como pergunta central de pesquisa como os professores de inglês avaliam seus alunos. As crenças podem ser forças atuantes no processo de aquisição de uma língua estrangeira, orientando escolhas pedagógicas por parte dos professores e influenciando o processo avaliativo de aprendizes de inglês, ainda que os atores envolvidos nesse processo dele não tenham nenhuma consciência, mas por meio da investigação do tema proposto se poderá criar uma consciência dessas mesmas crenças. A proposta surgiu a partir do estágio supervisionado de observação, no qual foram identificadas algumas incoerências no momento da avaliação de alunos por parte de seus professores, havendo discrepâncias e entendimento confuso acerca do que sejam avaliações: formativa e somativa. Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa cuja metodologia de pesquisa compreenderá três etapas: i) pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto; ii) entrevista com 10 professores como instrumento de coleta de dados; e iii) transcrição e análise dos dados. O trabalho está embasado nos estudos sobre crenças de acordo com Barcelos (2001, 2004, 2006) e Ávila (2013, 2016); avaliação da aprendizagem proposta por Luckesi (1999, 2008), Hoffmann (2003) e Brasil (1998); escola pública segundo Hirata (2012); estudo de caso e análise de conteúdo de acordo com Chizzoti (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Professor. Avaliação. Inglês.

ESTUDO ETNOGRÁFICO CRÍTICO DE CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jeosafá de Leão Pinto (UFOPA)

Maria Luiza Fernandes da Silva Pimentel (UFOPA)

RESUMO: Este trabalho visa apresentar um pré projeto de estudo etnográfico crítico por meio de análise contextual que tem como objetivo investigar as crenças de professores do ensino fundamental do município de Santarém acerca do uso de princípios metodológicos nas aulas de inglês. O interesse por pesquisar esse tema surgiu após se observar, por meio de relatórios de estágio de observação, que muitos dos professores do ensino público demonstram utilizar somente o método tradicional, conhecido como Gramática e Tradução. Esse método, apesar de ter características que podem levar o aluno a aprendizagem de inglês, muitas vezes torna-se cansativo quando o professor faz uso, por exemplo, de traduções sistemáticas e explicações gramaticais, o que torna as aulas desinteressantes e sem dinamismo para os aprendizes. A pesquisa seguirá as seguintes etapas: i) levantamento bibliográfico sobre o tema; ii) entrevista com 10 professores efetivos da educação básica de Santarém, a respeito de suas concepções sobre o uso de métodos e abordagens no ensino de inglês; iii) transcrição e análise dos dados. Para isso, o estudo terá respaldo teórico de BARCELOS (2006) sobre crenças de professores no ensino de língua estrangeira, fazendo uso também de LARSEN-FREEMAN (2008) sobre o uso de métodos e abordagens no ensino de línguas, seguindo ainda observações a respeito dos objetivos de se ensinar língua estrangeira segundo o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998).

PALAVRAS-CHAVE: Crenças. Professores de inglês. Etnografia. Ensino fundamental.

VÍDEOS NAS AULAS DE INGLÊS EM ESCOLAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA EM SANTARÉM: UM ESTUDO DE CASO

Rayanne Sousa da Silva (UFOPA)
Nilton Hitotuzi (UFOPA)

RESUMO: O presente trabalho apresenta o resumo de um projeto de pesquisa que tem por objetivo analisar a realidade do uso de vídeos nas aulas de inglês no ensino médio em quatro escolas estaduais da cidade de Santarém. A motivação para a realização da pesquisa surgiu a partir de observações não sistemáticas de aulas em escolas da educação básica pública. Tais observações revelaram a parcimônia do uso de vídeos nas aulas de inglês, a despeito de resultados de pesquisas que ressaltam benefícios do uso dessa tecnologia no ensino de línguas (ISMAILI, 2013; MATHEW; ALIDMAT, 2013; HU; SUN; LI, 2017), o que instigou a proposta de uma investigação sistemática desse problema em forma de estudo de caso. A base teórica do projeto inclui a utilização de vídeos em aulas de inglês para alunos do ensino médio, como propõe Gumesson, 2010; as orientações metodológicas para o ensino de línguas, apresentadas por Stempleski (2002); as sugestões de Almeida Filho (1999) para professores de língua estrangeira em formação; e as argumentações de Martínez (2004), envolvendo o uso de novas tecnologia no processo educativo. Com base em princípios da pesquisa etnográfica crítica, os dados serão coletados por meio de notas de observações de aulas e de entrevistas com alunos e professores de inglês das quatro escolas em que a pesquisa será realizada. A análise temática será usada como método de análise dos dados. Como resultado, espera-se, por um lado, obter respostas quanto ao uso, ou não, de vídeos nas aulas dos professores envolvidos na pesquisa; quanto às razões por que o fazem ou deixam de fazer; e quanto às suas percepções acerca dos impactos do uso, ou não, desse recurso tecnológico. Por outro, buscar-se-á a compreensão dos princípios que norteiam as suas decisões em relação ao uso ou não de vídeos em suas aulas. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para tomadas de decisão no âmbito das políticas voltadas para a formação contínua de professores e para o incentivo à melhoria da qualidade do ensino na educação básica pública.

PALAVRAS-CHAVE: Recurso tecnológico. Filmes. Ensino de inglês. Educação básica pública.

CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE O USO DA LITERATURA ANGLÓFONA NA SALA DE AULA DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA SANTARENA

Luziana Pereira Caldeira (UFOPA)
Maria da Conceição Queiroz Vale (UFOPA)

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é identificar crenças de professores de inglês quanto ao uso da literatura anglófona na sala de aula da escola pública de ensino fundamental e médio da área urbana do município de Santarém. A necessidade de investigar essa área de conhecimento surge durante as disciplinas de Estágio de Observação, em que foi verificado total ausência de Literatura nas aulas observadas. Este estudo está fundamentado em autores que tratam da importância do ensino de literatura na sala de aula, entre eles Tibério (2014), Lazar (2004), Paiva (1996) e Serrani

(2010), Barcelos (2001, 2005), Alvarez, (2007), Silva (2005), Vieira-Abrahão (2006a) e Almeida Filho (1993), autores que discutem as crenças de ensinar e aprender inglês como língua estrangeira. Para a geração do *corpus* foi realizada observação das aulas em uma escola pública da área urbana do município de Santarém, e a aplicação de questionário fechado com 09 alunos da disciplina Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I- Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II- Ensino Médio (Estágios de observação) da turma do curso de Letras Inglês 2012, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Como resultado, constatou-se que, no contexto investigado, há um apagamento da literatura anglófona na sala de aula de inglês. Entre os motivos para tal apagamento, destacam-se as crenças dos professores em relação ao uso da literatura em suas aulas. O resultado desta coleta de dados poderá ser útil em futuras pesquisas sobre o uso da literatura anglófona como ferramenta para subsidiar os alunos de inglês do ensino Fundamental e Médio no desenvolvimento de suas habilidades quanto à aprendizagem do inglês como língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de inglês. Literatura Anglófona. Escolas públicas.

A EXPRESSÃO DA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO: USOS E PERCEPÇÕES AVALIATIVAS

Flávia Pereira Serra (UFMA)

RESUMO: O Português Brasileiro (PB) se destaca como a única língua românica a apresentar três estruturas negativas, a saber: a negação pré-verbal (NÃO + sintagma verbal), a dupla negação (NÃO + sintagma verbal + NÃO) e a negação pós-verbal (sintagma verbal + NÃO). O presente trabalho, de orientação Sociolinguística, tem por objetivo investigar a expressão da dupla negação no português falado no Maranhão e verificar se suas ocorrências relacionam-se com as possíveis percepções, crenças e atitudes que os falantes têm a respeito dessa estrutura. Partimos do que pressupomos estar presente no inconsciente dos falantes – o “correto” no português é apenas a negação pré-verbal em construções simples – e examinamos ainda a segurança/insegurança do falante diante da realização da dupla negação. Como aporte teórico para o exame dessas questões, nos baseamos nos estudos e apontamentos de Labov (1966, 1972), Tarallo (1983, 1997), no que concerne a Sociolinguística; de Lambert & Lambert (1972), Moreno Fernández (1998), López Morales (2004), Botassini (2015), no que diz respeito a percepção e atitudes linguísticas; e nos trabalhos de Schwegler (1991), Roncarati (1996), Furtado da Cunha (2001), Schwenter (2005) e Goldnadel *et al* (2013), para questões acerca do fenômeno no PB. Para este recorte, apresentamos dados coletados por meio de um Teste de Percepção e um Roteiro de Discurso Semidirigido, aplicados a falantes naturais da capital do Estado, São Luís, e de Juary dos Pretos, uma das maiores e mais antigas comunidades quilombolas do Maranhão, de níveis de escolaridade diferentes – nível fundamental e nível superior – e de duas faixas etárias – 20 a 40 anos e 55 ou mais. O *corpus* da pesquisa é constituído por dados de fala de 12 informantes. A análise parcial dos dados aponta que, apesar de os falantes utilizarem a dupla negação, rotineiramente, muitos não têm consciência desse uso, ou o avaliam de forma negativa.

PALAVRA-CHAVE: Percepção Linguística. Dupla negação. Português Maranhense.

IMAGENS PRELIMINARES DA VARIAÇÃO DE *TOCO DE CIGARRO* NO INTERIOR DO BRASIL

Abdelhak Razky (UFPA)
Eliane Oliveira da Costa (UFPA)
Fábio Luidy de Oliveira Alves (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho apresenta resultados preliminares da variação de *toco de cigarro* no interior do Brasil. Esse item lexical constitui a questão 146 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e seu registro nas capitais brasileiras e nos atlas regionais publicados foi investigado por Razky (et al., 2011) e Razky (et al., 2014). Neste estudo, ampliando essa investigação, adentramos o interior brasileiro com intuito de descobrir e analisar as formas linguísticas utilizadas pelos falantes interioranos para designar o resto de cigarro que se joga fora, sob um ponto de vista geossociolinguístico (RAZKY, 2004; 2013). Os dados analisados compreendem todo o espaço rural previsto na rede de pontos do ALiB. Este estudo possibilita o mapeamento real e extensivo da distribuição diatópica e diastrática de cigarro de palha no território brasileiro, uma vez que expande os resultados obtidos pelos trabalhos supracitados, o que contribui para a descrição do léxico do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Toco de cigarro. Interior do Brasil.

AGRUPAMENTOS LEXICAIS EM CARTAS PRELIMINARES SOBRE O ITEM PINGUELA NAS NÃO CAPITAIS BRASILEIRAS

Abdelhak Razky (UFPA)
Regis José da Cunha Guedes (UFRA)

RESUMO: O presente trabalho apresenta resultados preliminares da variação do item pinguela nas não capitais do Brasil. Esse item lexical constitui a questão 2 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). No presente estudo mapeamos os dados de uma amostragem das não capitais por região, sob um ponto de vista geossociolinguístico (RAZKY, 2004; 2013), (RAZKY; GUEDES, 2015). Os mapeamento dos dados projetou a existência de micro e macroagrupamentos lexicais no território brasileiro, os próximos passos serão finalizar o mapeamento de todos os pontos de inquérito a partir de cada região, de modo a demonstrar o comportamento da distribuição diatópica das lexias registradas no território brasileiro, no intuito de colaborar com a ampliação do conhecimento do léxico do PB, em da publicação dos próximos volumes do ALiB.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Pinguela. Não capitais brasileiras.

VARIAÇÃO LEXICAL DO ITEM *PARTEIRA* NAS CAPITAIS E NÃO CAPITAIS DO NORTE DO BRASIL

Carlene Ferreira Nunes Salvador (GeoLinTerm/SEDUC)
Rejane Umbelina Garcez Santos de Oliveira (UFPA)
Abdelhak Razky (UFPA)

RESUMO: Considerando o trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), de descrição da realidade linguística da língua portuguesa, objetiva-se com esse trabalho apresentar os resultados preliminares da variação lexical do item *parteira*, referente às cidades do interior e às capitais do Norte do Brasil, dados coletados junto a informantes selecionados segundo o perfil estabelecido. Para tanto, procedeu-se à investigação desse item lexical, o qual constitui a resposta esperada da questão 123 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) sobre *a mulher que ajuda a criança a nascer*, pertencente ao campo semântico: *Ciclos da vida*. A metodologia adotada segue os padrões estabelecidos pelo Projeto ALiB quanto à estratificação dos informantes, tendo sido feita a coleta por meio de aplicação de questionário específico para esse fim. Desse modo, observa-se que a pesquisa, em andamento, aponta para as variantes *partera*, *infermeira*, *infemera*, *paridera* e *obstetra*. O que permite concluir que o tratamento dado à distribuição desse item, tanto do ponto de vista diastrático quanto diatópico contribui para a descrição do léxico do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. ALiB. *Parteira*.

BARALHOS, FORÇA E TRAVA-LÍNGUAS: O USO DE JOGOS PARA O ESTIMULO DA ORALIDADE

Sérgio Renato Lima Pinto (SEMEC)
Walter da Silva Braga (SEMEC)

RESUMO: O Presente trabalho baseia-se em diversas atividades realizadas com jogos para estimular a oralidade de crianças do Ciclo de Alfabetização na Rede Municipal de Belém. O Desenvolvimento e o domínio da oralidade são pontos primordiais para as relações pessoais, pois assim as pessoas podem se comunicar e estabelecer relações, defender seus interesses e dar opinião. Nesse sentido, a fala é elemento crucial na vida do homem, aquilo que diferencia dos demais seres (Martins, 2008) permitindo o crescimento da sociedade e do conhecimento. Assim objetivamos desenvolver atividades que permitiram estimular a oralidade de crianças na Alfabetização. De acordo com as questões, apresentamos aos professores atividades lúdicas e jogos os quais proporcionaram ações para estimular a oralidade através da interação dos mesmos, seja na tomada de decisão, no posicionamento individual ou mesmo em equipe. Os jogos assim permitem que as crianças fiquem mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem; sendo assim esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos, quanto emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente (Piaget, 1967). Através das brincadeiras e dos jogos a criança pode ser estimulada à prática social, assim corroboramos a importância do trabalho do alfabetizador, tanto no que se refere ao conhecimento como também articulador do entendimento da criança de que a escrita e a fala têm representações diretamente

relacionadas. Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar (Kishimoto, 2010). A partir dos jogos, os alunos desenvolvem os elementos que compõem os aspectos da oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Jogos. Linguagem. Oralidade

UMA ABORDAGEM SOBRE A SINONÍMIA E ANTONÍMIA NOS LIVROS DIDÁTICOS: SINGULAR & PLURAL: LEITURA, PRODUÇÃO E ESTUDOS DE LINGUAGEM, 8º ANO, LÍNGUA PORTUGUESA, 6º ANO, E A AVENTURA DA LINGUAGEM, 7º ANO

Oziel Pereira da Silva (UEPA)
Tamara Cristina Penha da Costa (UEPA)

RESUMO: As discussões sobre a necessidade de um ensino que, além do raciocínio, que ajude a desenvolver a criticidade do sujeito-aluno têm se tornado cada vez mais constantes. No que se refere ao ensino de língua materna, compreende-se que o ensino mecânico, repetitivo e descontextualizado (constante em alguns livros didáticos) produz passividade, alienação e dificuldade na construção de sentidos. Isso posto, seria relevante se os livros didáticos atuais propusessem abordagens que considerassem a amplitude da língua e o contexto que a envolve e, igualmente, estimulasse o educando à observação dos diversos mecanismos envolvidos no processo de significação das palavras. A realização do presente trabalho deu-se por meio da análise de três livros didáticos (Língua Portuguesa 6º ano – HOSOKAWA; MARTINS; MARANHÃO, 2005; Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 8º ano – FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2012; A aventura da linguagem, 7º ano – TRAVAGLIA; ROCHA; BERNARDES, 2009), a fim de verificar o tratamento dado à sinonímia e à antonímia. Após análise, verificou-se que apenas um dos materiais não apresenta o conteúdo de maneira inovadora e contextualizada. Foram utilizados como aportes teóricos: Brasil (1998), Figueiredo (2012), Ferreira (2000), Houaiss e Villar (2001), Ilari (1997), Jota (1981), Pacheco e Santos (2011), Silva (2004), Sores (2002), Gil (2001), Oliveira (2001) e Marconi e Lakatos (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Sinonímia. Antonímia. Livro didático. Contexto

ERA UMA VEZ UM BOTO...

Rosilene de Araújo Farias
rossyafarias@gmail.com

Camila Miranda Baia, UFOPA
camilabaia39@gmail.com

RESUMO: *Era uma vez um boto...* é uma pesquisa que trata sobre o romance de Dalcídio Jurandir *Três casas e um rio*, o terceiro do ciclo do extremo norte (projeto literário do escritor), a investigação examina a presença da lenda e narrativas populares orais do Boto na personagem Edmundo Meneses, homem estrangeiro com características de um inglês, sedutor e que desaparece de forma misteriosa. Apoiado em Durand (1997), Zumthor (1993), Furtado (2002) e Santos (2006), a investigação é de cunho bibliográfico. A leitura analítica do romance comparado com narrativas orais populares aponta preliminarmente que Edmundo Meneses pode ser um personagem literário inspirado no imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Imaginário, Boto, Três casas e um rio.

PÔSTERES

SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: LÍNGUA KHEUÓL

Paola Carvalho de Oliveira (UNIFAP)

RESUMO: Atualmente são poucas as pesquisas voltadas para a Sociolinguística de Línguas Indígenas, o que mais encontramos são materiais que buscam desenvolver pesquisas com descrições de língua ou sobre os povos indígenas que se encontram no país, a sociolinguística é um ramo da linguística que vem crescendo, pois quando trabalhamos com Línguas e suas aplicações na fala, é importante levar em consideração fatores sociais, históricos e culturais. Assim, como o Português é falado de diferentes formas no Brasil, e nenhuma delas devem ser consideradas certas ou erradas, as línguas indígenas também são ricas de diversidades linguísticas, de aspectos culturais e principalmente pela falta de conhecimento sobre os muitos povos indígenas que aqui residem. No que diz respeito a sala de aula indígena, é necessário que os professores da educação indígena tenham um conhecimento da cultura, da sociedade e da Língua desses povos onde vão trabalhar, eles compreendendo melhor desses recursos, seus trabalhos nas salas de aulas não serão somente para que o aluno perca aos poucos as características da sua cultura, mas que ele possa aprender outra língua, sem que suas raízes se percam, logo para um professor que se encontra nessa situação, neste meio é

preciso esforço, a escola não pode ser vista de forma negativa. Utilizaremos os pressupostos da sociolinguística, e da educação escolar indígena, bem como os autores: Gomes, Brito, e os materiais sobre a Língua Kheuól. Os estudos sociolinguísticos não são importantes somente para o povo ou para existir registros da Língua que se trabalha, mas para que esses recursos sejam motivos de interesses para mais pesquisadores, que buscam trabalhos de sociolinguística e Línguas Indígenas. O escopo de nossa pesquisa diante do que exposto consiste na discussão de aspectos sociolinguísticos como próprios para os professores da EEI e sejam capazes de auxiliá-los em suas aulas de língua.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolinguística, Educação Escolar Indígena, Línguas Kheuól

LIVRO DIDÁTICO: UMA PERSPECTIVA DE ENSINO SOB INFLUÊNCIA DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Adriane Alves Souto (UFPA)
Thaís Adriany Lameira Sousa (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho intitulado *Livro didático: uma perspectiva de ensino sob influência das concepções de linguagem*, tem por objetivo refletir sobre os exercícios propostos no livro didático, especificamente a obra didática escolhida, e a concepção que vigora na atividade selecionada. Para isto, analisamos e refletimos sobre os exercícios gramaticais (fonéticos-fonológicos) do livro “*Português Linguagens*” edição 2005, elaborada pelos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães ressaltando neles a concepção de linguagem que mais prevalece em cada questão. Para tanto, utilizamos como embasamento teórico as considerações de Bakhtin/Volochinov (2010) sobre as correntes linguísticas que vigoravam na década de 1920 e a partir de sua proposta de língua como interação verbal. Bem como os autores que seguem essa mesma vertente interacionista como, Geraldi (1997) que renomeia, para fins didáticos, as concepções; Zanini (1999) que correlaciona as concepções de linguagem de acordo com o contexto histórico no Brasil; Perfeito (2005), Travaglia (1996) que esclarecem como o ensino de língua portuguesa era trabalhado em cada concepção. Utilizamos também as leituras de Fuza; Ohuschi e Menegassi (2011) e Fuza e Ohuschi (2014). Mediante isso, considerando também diversos fatores, deparamos com o fato de termos analisado apenas um capítulo do livro, e sobre este produzir pesquisa e conclusões levantando afirmativas apenas sobre a parte trabalhada, podendo, nas outras partes do livro, aparecer exercícios e conteúdo de outras concepções de linguagem. Podemos afirmar que as atividades oscilam entre primeira e segunda concepção, por apresentar um caráter mecanicista e conceituador e prevalece a segunda concepção.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Concepção de Linguagem. Ensino de Português. Exercício de Fonética e Fonologia.

A GEOSOCIOLINGUÍSTICA DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DO LÉXICO DO JOVEM DE PORTO ALEGRE

Gláucia Fabíola Vieira Bandeira (UEPA)

RESUMO: O estudo realizado propõe analisar a variação lexical dentro da comunidade de fala dos jovens residentes em Porto Alegre – Rio Grande do Sul. Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística por meio dos conceitos propostos por Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e da Dialetolegia por Cardoso (2010), o trabalho tem como objetivo a análise dos dados lexicais por meio de seu viés diatópico (espacial) e diagenérico (sexo), sem deixar de lado os aspectos identitários e socioculturais dos adolescentes pertencentes à região mapeada, observando as diversas características da fala desses jovens que são próprias da região sul do país. A pesquisa realizada, conta com a aplicação de um questionário semântico-lexical (QSL) de 65 campos lexicais referentes à realidade destes informantes. A amostra foi composta por 8 informantes pertencentes à capital estudada e em diversas estratificações sociais. Como resultados obtidos, foram apresentadas as variantes de maior frequência e traçadas comparações, observando ainda, por meio da investigação do perfil do jovem gaúcho e a constatação de sua rica variação linguística, a importância da identidade desse jovem que define suas relações sociais entre grupos e o sentimento de pertencimento como indivíduos participantes de determinada comunidade de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Lexical. Dialetolegia. Geossociolinguística.

BELÉM DO GRÃO PARÁ... BELÉM DO PARÁ DA DERRUIÇÃO

Raimundo Edivandro Alves de Vasconcelos (UFOPA)
Darlei Castro da Silva (UFOPA)

RESUMO: Esta pesquisa intitulada *Belém do Grão Pará... Belém do Pará da derruição* tem como interesse principal problematizar a Belém do Pará pós o ciclo áureo da borracha, o trabalho faz uma análise do romance *Belém do Grão Pará*, de Dalcídio Jurandir que continua a retratar a saga do menino Alfredo, agora, morador da capital, mas será que a Belém que foi sonhada e desejada na infância pelo personagem em Cachoeira é a mesma que ele encontrará na sua caminhada pelas ruas e monumentos da cidade? O estudo tem suporte científico em estudiosos como: GINZBURG (1987), Furtado (2002), Ornela (2003) e trabalha com o método da pesquisa bibliográfica documental para fazer as incursões investigativas. Observa-se que à medida que o menino vai vivendo na cidade, a Belém da fama, riqueza e luxo (do imaginário popular), vai dando lugar para uma Belém do sofrimento e destruição.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de literatura. Ciclo da borracha. Belém do Grão-Pará.

GÊNERO TEXTUAL DITADO POPULAR EM DALCÍDIO JURANDIR

Adriane Gomes Barroso (UFOPA)
Jessica Caroline Nascimento de Araujo (UFOPA)

RESUMO: No trabalho, *gênero textual ditado popular em Dalcídio Jurandir*, apresentamos e discutimos ditados populares presentes no romance *Belém do Grão-Pará* com o intuito de entender mais as características desse fenômeno linguístico, além disso, cabe a análise literária semântica e cultural sobre os ditados que são tão comuns na voz dos personagens dalcidianos. Usamos como fundamentação teórica Furtado

(2002), Ornela (2003) Marcuschi (2003), Landeira (2009), Rojo (2014), a pesquisa é de carácter bibliográfico. A cultura popular paraense está presente nos livros do Ciclo do extremo norte através das narrativas populares, léxico regional, lendas, mitos, culinária paraense, oralidades etc. Mas entre todos os romances, Belém do Grão-Pará é riquíssimo em ditados populares.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Cultura popular e oralidade. Belém do Grão-Pará.

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A LÍNGUA FRANCESA DOS ALUNOS DO 6º, 7º E 8º ANO DA ESCOLA LAURO CHAVES EM CONTEXTO FRONTEIRIÇO

Janaina Oliveira da Costa (UNIFAP)
Orientadora: Annick Belrose (UNIFAP)

RESUMO: O objetivo desta pesquisa que será apresentada é identificar quais são as representações que circulam sobre a língua francesa no meio dos alunos de uma escola pública em Macapá, procurando assim tentar entender qual o valor atribuído à aprendizagem da Língua Estrangeira. A pesquisa é de cunho quali-quantitativa e a coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2017 durante a disciplina de estágio supervisionado em FLE I, por meio de questionário aplicados aos alunos do 6º, 7º, 8º ano da escola Lauro Chaves. A fundamentação teórica desta pesquisa embasou-se nos estudos sobre representações sociais da linguagem de Matthey (1997), Moore (2001), Castelloti (2001), Castelloti&Moore (2002), Lira (2001) e no Quadro europeu de referências para as línguas (2001). Segundo os autores supracitados, interessar-se às representações dos aprendentes a cerca da língua estrangeira que estudam, é um dado intrínseco da aprendizagem que convêm integrar nas políticas linguísticas, assim como no processo educativo. A análise dos dados recolhidos apresentaram pontos divergentes e convergentes que levaram a depreender que os educandos desta escola pública possuem representações que colocam a língua francesa em uma posição privilegiada, acessível, assim como sendo uma ferramenta importante para intercâmbios sociais.

PALAVRAS – CHAVES: Representações. Francês Língua Estrangeira (FLE). Escola pública.

EFEITO DA VARIAÇÃO DO LÉXICO NA COGNIÇÃO DOS SURDOS QUE NÃO DOMINAM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Fernando Cardoso dos Santos (UFT)

RESUMO: A pesquisa a ser desenvolvida investigará fatores realísticos que foram idealizados pelas ideias estereotipadas a despeito dos Surdos dentro do contexto sociocultural, sociolinguístico e psicolinguístico na educação dos surdos no Brasil. O processo educacional esta intrinsecamente atrelado à aceitação das diferenças sociais, geográficas, linguísticas e culturais. Percebe-se que tais processos de aceitação/inclusão, sofrem entraves para o sucesso educacional desses sujeitos, o que chamamos muitas vezes de "falta de conhecimento", devido ser novo esse processo de escolarização,

aceitação e inclusão. A investigação favorecerá dentre outros benefícios, registro documental evidente que desencadeia o desenvolvimento da cognição dos Surdos baseado nas variações socioculturais e psicolinguísticas. Serão pilares para o desenvolvimento do projeto, referências teóricas e críticas de autores e pesquisas que defendem o processo do desenvolvimento do cognitivo, da linguagem e da aprendizagem dos Surdos, desencadeados por variações lexicais, com Ronice Quadros, Gladis Perlin, Marcos Bagno, Willian Labov, Roman Jakobson, objetivando averiguar o desenvolvimento cognitivo através dos fatores sociocultural, psicolinguístico dos estudantes surdos, relacionando e comparando sua independência nos processos de aprendizagem e comunicação. A justificativa do projeto se baseia na visão equivocada de que muitos profissionais da Educação, familiares e sociedade, vê os surdos como um sujeito incapaz, que que dificilmente leria a escrita em língua portuguesa, realçando ainda que, os surdos tem baixo poder de entendimento na comunicação e desenvolvimento educacional. Os métodos para realização da pesquisa, serão visita e coleta de dados em escolas onde há estudantes surdos, confrontando e comparando com dados teóricos e entre surdos com melhor "status" sociogeográfico. O resultado esperado da pesquisa é obter dados comparativos dos Surdos que vivem sob essas influências quanto aos surdos que possuem boas condições socioambientais, cultural e linguística.

PALAVRA-CHAVE: Variação linguística. Psicolinguística, Educação de Surdos.

A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA

Gabriela Trescastro Vasquez (UNAMA)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo identificar manifestações da cultura popular que possam favorecer a consciência fonológica na alfabetização infantil. Duas questões orientaram o estudo bibliográfico: (1) O que é consciência fonológica? (2) Que manifestações da cultura popular podem favorecer a consciência fonológica na alfabetização de crianças? A consciência fonológica constitui um conjunto de habilidades metalinguísticas e de relações grafo-fonêmicas que permite à criança refletir sobre os segmentos sonoros das palavras (ALLIENDE, CONDEMARÍN, 2005; MORAIS, 2012; SOARES, 2016). A consciência fonológica compreende tanto a percepção global da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras quanto à segmentação e manipulação de sílabas e fonemas (BRYANT; BRADLEY, 1985). A percepção global da palavra pode ser explorada em atividades com poesias e histórias em que há repetição de uma mesma palavra. A identificação de semelhanças fonológicas entre as palavras pode ser explorada em atividades com trava-línguas. A consciência silábica pode ser trabalhada em atividades com quadrinhas e cantigas em que as crianças batem palmas a cada sílaba falada. A consciência fonêmica pode ser trabalhada em atividades com cantigas e histórias em que um fonema aparece repetidamente em várias palavras. Manifestações da cultura popular tais como quadrinhas, cantigas, histórias, brincadeiras, provérbios, ditos populares ou trava-línguas podem ser usados em atividades que favoreçam a consciência fonológica infantil. Na pesquisa em andamento, já foram identificados conceitos de consciência fonológica de três autores e feito um levantamento de manifestações culturais que podem favorecer a consciência fonológica na alfabetização infantil. Este estudo foi relevante para a compreensão da consciência fonológica implicada na apropriação pela

criança do sistema de escrita alfabética e pode servir de subsídio para o atendimento clínico fonoaudiológico e para a alfabetização escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência fonológica. Aprendizagem da escrita. Cultura popular.

/S/ PÓS-VOCÁLICO NA FALA DE CAPITÃO POÇO, NO NORDESTE PARAENSE

Euciane dos Santos Brito (UFPA)
Simone Negrão de Freitas (UFPA)

RESUMO: O presente estudo investigou o comportamento variável de /S/ pós-vocálico na fala de moradores da sede do município de Capitão Poço, na mesorregião do Nordeste Paraense. Trata-se de um estudo exploratório, norteado por pressupostos da Geossociolinguística (Cardoso, 2010) e que se volta para um fenômeno dialetal marcante e bem estudado no português do Brasil, o /S/ pós-vocálico (Atlas Linguístico do Brasil, 2014; Callou *et al*, 2013; Mota, 2010; Santos, 2009; Luchesi, 2009; Razky e Carvalho, 2003). O objetivo principal é verificar o comportamento da variável em questão nesta área específica do estado do Pará e, assim, contribuir para o conhecimento da variação linguística no Norte do Brasil. Quanto aos procedimentos, foram coletadas 08 (oito) narrativas de experiência pessoal (Tarallo, 2001, p.21), a partir das quais foram transcritos foneticamente contextos em que se identificou ocorrência de /S/ pós-vocálico, como em '*país*', '*Tocantins*', '*velhos*', '*posto*'. Essas ocorrências transcritas foram tabuladas para a contagem das variantes e o cálculo manual dos percentuais. Dentre os 80 contextos identificados, temos a alveolar [s] em 62,5% das ocorrências (como em pai[s]), enquanto a alveopalatal [S] ocorreu em 37,5% (como em po[S]to). Os resultados, aqui considerados preliminares já que se trata de uma análise exploratória, apontam para que em posição pós-vocálica predomina a variante alveolar [s] na fala de moradores da sede de Capitão Poço.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Fonética. /s/ pós-vocálico. Nordeste Paraense.

MUSICOTERAPIA COMO UM INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM AUTISMO

Daniele Ferreira de Farias (UEPA)
Michele da Costa Souza (UEPA)

RESUMO: A pesquisa proposta apresenta algumas reflexões acerca da musicoterapia no processo de ensino e aprendizagem para a educação especial, destacando-se na prática de alunos autistas a importância da preparação do profissional para um bom desenvolvimento do trabalho, sendo capaz de planejar, adaptar e avaliar atividades de acordo com cada indivíduo, com o intuito da interação e relações de avanço cognitivo, psicomotor e afetivo do sujeito. O estudo acerca da musicoterapia é um instrumento de ensino aprendizagem é uma prática que se apresenta como um método de inclusão para avaliar o aluno autista em seu processo gradativo de aprendizado. O referencial teórico utilizado conta com reflexões a respeito do autismo e a educação com Gillberg (1990)

e Amy (2001); No âmbito da música e o ensino com Stateri (1978), Constantino (2012) e Swanwick (2002); E por fim, concepções sobre a Musicoterapia na educação especial com Pletsch e Fontes (2006), Glat Blanco (2007) e Benezon (1988). Os autores mencionados foram de extrema importância para que o tema proposto fosse analisado com toda a propriedade necessária diante das peculiaridades do estudo baseado na pesquisa bibliográfica com o objetivo de esclarecer por de teorias as metodologias implantadas na contemporaneidade. A Musicoterapia é ainda, um conjunto de técnicas pouco utilizado pelos educadores para estimular o ensino e aprendizagem na Educação Especial, ratificando desta forma, que é com a utilização da música empregada de forma criativa e inclusiva que se pode contribuir de forma direta para um melhor desenvolvimento dessas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e Aprendizagem. Educação Especial. Musicoterapia.

PROCESSO DE SELEÇÃO DE MONITORIA DA UEPA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thábata Dias da Costa (UEPA)
Andressa Regina Sandres Guimarães de Barros (UEPA)
Orientadora: Carlene Ferreira Nunes Salvador (UEPA)

RESUMO: Considerando que a monitoria foi pensada a partir do processo de ensino e que leva o professor regente a envolver o monitor na dinâmica da aula, no planejamento e na avaliação, portanto, todo o processo, objetiva-se com este trabalho, relato de experiência, apresentar o modelo de seleção de monitores adotado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Desta forma, baseou-se teoricamente em Dias (2007) e Pereira (2007) para os quais a monitoria é vista como elemento de iniciação à docência. Para tal, utilizou-se pesquisa bibliográfica e sugestão de leitura disponibilizada pela própria universidade. A pesquisa, em andamento, aponta para o incentivo à docência superior, experiência e possibilidade de o aluno-monitor enriquecer o seu currículo para além do interesse financeiro e o estímulo a formação crítica dos saberes inerentes a docência.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de experiência. Monitoria. Aluno-monitor.

CONSERVAÇÃO E INOVAÇÃO NA FALA DE JOVENS: UM ESTUDO-PILOTO NA CIDADE DE CASTANHAL

Maria de Lara de Oliveira Rodrigues (UFPA)
Simone Negrão de Freitas (UFPA)

RESUMO: O presente trabalho consiste num estudo-piloto sobre a fala de jovens na cidade de Castanhal, na Região Metropolitana de Belém. O objetivo principal é realizar um levantamento da variação lexical na fala de jovens e verificar a hipótese da presença de ocorrências conservadoras e inovadoras. O referencial teórico e metodológico baseou-se em princípios da Geossociolinguística, como tratada por Cardoso (2010) e Razky (2003). Foi aplicado um questionário específico (elaborado cooperativamente, por Razky e outros, em 2017, na UFPA) com 60 perguntas, distribuídas em cinco campos. A análise aqui apresentada envolve 32 perguntas dos campos “comportamento e convívio social” e “comportamento e vivência escolar”. Os resultados preliminares

apontam respostas recorrentes nas questões 6, 26, 29 e 31, respectivamente, ‘preguiça’; ‘burra’; ‘nerd’ e ‘bonde’; já questões como 4, 9,10 e 21, apresentaram grande variação nas respostas. De forma geral, pudemos observar grande ocorrência de itens conservadores mas também ocorrência marcante de itens inovadores.

PALAVRAS-CHAVE: Variação lexical. Geossociolinguística. Fala de jovens.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS: ANÁLISE FONÉTICA E LEXICAL DO CAMPO SEMÂNTICO “COMIDA”

Felipe Andrei dos Santos Dias
Taise Pereira da Cruz

RESUMO: Durante muito tempo acreditou-se que a Libras era uma língua que não tinha variação linguística e, portanto, os surdos sinalizavam uniformemente, porém os estudos de Felipe (1990), Karnopp (2004) e Xavier (2006) e apresentam pesquisas acerca da variação linguística dentro da língua brasileira de sinais. Conforme Felipe (1990, p.1) “Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta às mudanças culturais e tecnológicas”. A referente pesquisa objetiva investigar a existência de variação nas formas de realizar os sinais relacionados ao campo semântico “comida”, bem como fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar tais mudanças. Tendo como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, onde a coleta de dados foi realizada com alunos surdos do 2º ano do curso Letras Libras da Universidade do Estado do Pará, estes receberam um questionário contendo imagens de comidas, em seguida realizaram os sinais, os dados foram coletados através de vídeos para análise posterior. Discute-se que os sinais coletados apresentaram constatarem mudanças linguísticas através da diferença na realização de parâmetros que compõem a Libras sendo: Configuração de mão (CM), Orientação da mão (OM) e Movimento (M). Constata-se que assim como nas línguas orais, pode-se encontrar na Libras variações sociais, regionais, de idade, sexo e níveis de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Análise fonética. Análise semântica. Libras.

O TRATAMENTO DA HIPONÍMIA E HIPERONÍMIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Brenda Melo Figueiredo (UEPA)
Stefanny Nayane Silva Oliveira (UEPA)

RESUMO: O professor de Português tem como um de seus objetivos auxiliar o aluno a desenvolver a sua escrita, e hiponímia e hiperonímia são recursos que podem melhorar o texto dos estudantes, já que podem diminuir o uso de determinadas palavras que, se não forem substituídas, podem até empobrecer o texto. O objetivo deste trabalho foi averiguar com que frequência este tema aparece nos livros didáticos do ensino fundamental, pois, se não há nenhum capítulo a respeito da temática, o livro não está em sintonia com as propostas de educação. Para Platão e Fiorin (2002) hipônimo é um

termo que mantém com outra palavra uma relação do tipo contido/contém, podendo, desta forma, se utilizar um hiperônimo durante o texto para retomar um hipônimo, o que pode melhorar a coesão do texto pela não repetição de determinadas palavras. Para a efetivação da pesquisa, foram escolhidos oito livros didáticos de Português do ensino fundamental maior (sexto, sétimo, oitavo e nono ano) de quatro editoras diferentes, com o intuito de fazer a verificação de como hiponímia e hiperonímia são tratadas nos mesmos para auxiliar na escrita dos estudantes, ou se não é estudado em tais livros. Dos oito livros de ensino fundamental que foram analisados, nenhum trouxe os fenômenos em questão, nem mesmo em pequenos tópicos, o que significa dizer que hiponímia e hiperonímia ainda não são elementos conhecidos no ensino fundamental dentro da semântica e da coesão textual, já que não aparece em nenhuma das séries citadas. Ao finalizar a pesquisa, observamos com os resultados que a hiponímia e hiperonímia deveriam ser trazidas no livro didático, mesmo que minimamente, pois o livro didático é um meio para o aluno que não tem fácil acesso a todos os conteúdos da disciplina conseguir estudar assuntos que não são tão privilegiados na aula de Português.

PALAVRAS-CHAVE: Hiponímia. Hiperonímia. Livro didático. Ensino fundamental.

A SÍNCOPE DE VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NOS DADOS DAS CAPITAIS DO ALIB-NORTE

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)
Ana Paula Magno (UFPA)
Diego Coimbra (UFPA)

RESUMO: o presente estudo trata da variação das vogais postônicas não- finais das proparoxítonas no Português Brasileiro (PB). O trabalho segue a orientação da Geossociolinguística (RAZKY, 2004; 2010a) que assume a articulação entre a Sociolinguística e a Geografia Linguística para tratamento e análise dos dados. Ao todo, foram avaliados dados de seis capitais do norte do Brasil, a saber: Belém, Macapá, Manaus, Porto Velho, Rio Branco e Boa Vista. Os dados avaliados são oriundos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foram usados contextos proparoxítonos do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do referido projeto. Foram analisados os grupos de fatores: faixa etária: quatro informantes de 18 a 30 anos e quatro de 50 a 65 anos; escolaridade: quatro informantes com escolaridade até o ensino fundamental e quatro informantes com ensino superior; sexo: quatro homens e quatro mulheres. Ao todo, foram contemplados 48 informantes. Os resultados mostram que a síncope é pouco produtiva nos falares estudados e que os fatores externos exercem influência sobre seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: Geossociolinguística. Variação fonética. Síncope.

ANÁLISE DAS TÉCNICAS DE COLETA E CARTOGRAFIA DE DADOS REFERENTES AOS ESTUDOS GEOLINGÜÍSTICOS PRODUZIDOS NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Bryana Connie Linda Lopes Batista (UFAM)

RESUMO: Este estudo trata das técnicas utilizadas nos estudos geolinguísticos da região norte do Brasil, desde a coleta até a cartografia de dados. A pesquisa adota os pressupostos teóricos da dialetologia e da geolinguística (CHAMBERS, TRUDGILL, 1994; CARDOSO, 2010). Os objetivos que norteiam este trabalho são: identificar e analisar as principais técnicas de coleta e visualização dos dados utilizadas nos estudos geolinguísticos da região norte do nosso país. O trabalho é de cunho quantitativo, e por isso, será utilizado o aplicativo *Microsoft Excel 2010* e o *software Epi Info 3.5.1* para organização do banco de dados, cujos serão retirados da metodologia dos estudos geolinguísticos publicados. O resultado será exposto por meio de gráficos e/ou tabelas. A presente pesquisa se faz necessária para avaliar a contribuição da tecnologia para os estudos geolinguísticos desenvolvidos na região norte. Desta forma, espera-se que os resultados mostrem as técnicas de coleta e cartografia de dados mais utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística. Técnicas. Região Norte.

Belém, 19 novembro de 2017.